



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA TERRA  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PATRICIA LUANA COSTA ARAÚJO

**AS ZONAS DE PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: SUAS  
LOCALIDADES, ESPACIALIDADES E CENÁRIOS.**

Rio de Janeiro

2022

PATRICIA LUANA COSTA ARAÚJO

AS ZONAS DE PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: SUAS  
LOCALIDADES, ESPACIALIDADES E CENÁRIOS.

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia do Departamento de  
Geografia do Instituto de  
Geociências, Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como requisito para  
a obtenção do título de mestre em  
Geografia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo  
Ferreira de Góis

Coorientador: Prof.Dr. Paulo Cesar  
da Costa Gomes

Rio de Janeiro

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

C663z Costa Araújo, Patricia Luana  
AS ZONAS DE PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RIO DE  
JANEIRO: SUAS LOCALIDADES, ESPACIALIDADES E  
CENÁRIOS. / Patricia Luana Costa Araújo. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
118 f.

Orientador: Marcos Paulo Ferreria Góis.  
Coorientador: Paulo Cesar da Costa Gomes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa  
de Pós-Graduação em Geografia, 2022.

1. Zona de Prostituição. 2. Geografia Urbana. 3.  
Cenários . 4. Rio de Janeiro. I. Ferreria Góis,  
Marcos Paulo, orient. II. da Costa Gomes, Paulo  
Cesar, coorient. III. Título.

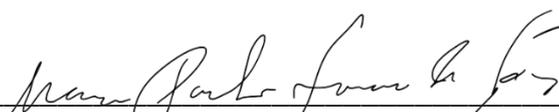
PATRICIA LUANA COSTA ARAÚJO

AS ZONAS DE PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: SUAS  
LOCALIDADES, ESPACIALIDADES E CENÁRIOS.

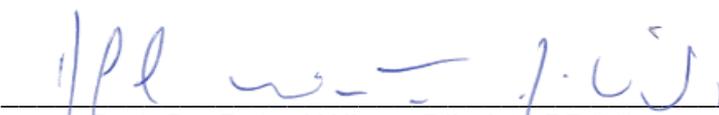
Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia do Departamento de  
Geografia do Instituto de  
Geociências, Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como requisito para  
a obtenção do título de mestre em  
Geografia.

Aprovada em: 21 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Marcos Paulo Ferreira de Góis (Orientador)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

  
Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (Coorientador)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

  
Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro (PPGG)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Documento assinado digitalmente



DIANA HELENE RAMOS  
Data: 27/01/2023 08:42:59-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof (a). Dr (a). Diana Helene Ramos (FAU)  
Universidade Federal do Alagoas (UFAL)

Dedico aos espíritos de minha avó  
Irene Felciana Costa e a minha madrinha  
Claudia Regina Barreto Costa, mulheres  
que admirei nessa vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador Marcos Góis, por sua paciência, generosidade, carinho e atenção ao longo dessa pesquisa. Que possamos continuar trabalhando juntos pelos próximos anos que virão.

Ao professor Paulo Cesar, ao qual devo um agradecimento especial por ter me aceitado a participar do grupo de pesquisa Território e Cidadania, e nunca ter me limitado. Pelo ao contrário, sempre me fortaleceu como pesquisadora e acreditou na minha capacidade.

A professora Diana Helene e o professor Rafael Winter, que gentilmente aceitaram o convite de participar das bancas de qualificação e da defesa da dissertação. Suas sugestões foram imprescindíveis para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao professor Roberto Lobato Corrêa, por toda ajuda com bibliografia e discussões.

As professora Leticia Parente e Ana Brasil agradeço por me terem me dado a oportunidade de aprender a prática da docência.

A professora Leticia Castilhos Coelho, minha eterna orientadora de graduação e querida parceira de trabalho. A você agradeço todo os estímulos em realizar o mestrado e seguir com a tema do Trabalho de Conclusão de Curso da Arquitetura e Urbanismo. Tu és um dos meus espelhos guria.

A professora Carla Madureira, por ter permitido que eu estudasse para a prova do mestrado em seu laboratório, quando eu ainda nem era da UFRJ. Agradeço por todo o apoio.

Aos meus muitos colegas de grupo de pesquisa que tornaram as reuniões mais divertidas. Gabriela Leles, Julia Valentin, João Bragança, Bernardo, Thomaz, Vinicius Burle, Matheus Barroso e Caio Baranda, Ao querido Rafael Gomes agradeço por sua incrível generosidade e carinho. Ao Leonardo Iorio agradeço por todo apoio e conversas nerds. A minha orientanda e amiga Clara Arquino por seu carinho, momentos alegres e comidas gostosas. E em especial agradeço a

minha doce parceira de trabalho e amiga Beatriz Brum, por não ter segurado a minha mão nesse processo, que possamos seguir assim.

Ao CNPq pelo apoio financeiro o estímulo a essa pesquisa.

Ao corpo discente e docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ e pela estrutura. Ao Bruno, o secretário mais eficiente que existe. E a querida Inês, por sua comida deliciosa que alimenta até a alma.

As minhas amigas e amigos que me apoiaram ao longo desse mestrado e entenderam minhas ausências.

A minha querida mãe por ter tornado minhas escolhas possíveis.

Ao meu querido companheiro Felipe Gonçalves, agradeço pelo apoio incondicional. Obrigada pelo carinho, cuidado, por sempre acreditar em mim, e por ter atravessado todas as dificuldades que tive ao longo desse trajeto. Nada disso teria ocorrido sem você.

E por fim, aos meus guias espirituais, meus orixás e todos aqueles que caminham ao meu lado. Se dessa vida só leva o conhecimento, que vocês continuem me dando forças para seguir aprendendo. Axé!

Qualquer pergunta que possa ser respondida

deve ser respondida ou ao menos considerada.

Processos ilógicos de pensamento devem ser desafiados assim que surgem.

Respostas erradas devem ser corrigidas.

Respostas certas devem ser confirmadas.

- DO MANIFESTO DA ERUDIÇÃO

***Veronica Roth, de Convergente.***

## RESUMO

O estudo se propõe a apresentar algumas reflexões sobre a espacialidade da prostituição. Nas ciências sociais e na própria geografia a análise sobre os problemas que concernem a atividade nas cidades já tem sido abordada. Até o presente momento, as pesquisas existentes relataram as consequências socioespaciais que o problema do estigma social acarreta a atividade, bem como, as disputas espaciais. Contudo, em tais estudos, o aspecto espacial da prostituição tem sido abordado pela categoria do território. Nesse estudo, há a preocupação de entender a espacialidade da prostituição pela categoria da zona. Esse termo é muito utilizado para espaços prostitucionais específicos em determinadas áreas nas cidades. Dessa forma, a partir dos conhecimentos provenientes da geografia, da sociologia e da teoria teatral, se propôs o mapeamento das zonas, o estudo sobre suas situações geográficas e a leitura de suas composições como cenário. Através desse conceito procurou-se entender a organização espacial da zona de prostituição e sua relação com os aspectos do espaço físico, dos comportamentos humanos e seus significados. O campo de exame das questões foi a cidade do Rio de Janeiro, onde existe uma tradição em abrigar zonas de prostituição desde o século XIX. O trabalho se divide em três partes. A primeira, trata dos aspectos teóricos do uso da categoria zona, as associações entre o termo zona com a atividade da prostituição e o entendimento das variáveis que caracterizam sua espacialidade. A segunda, se refere ao mapeamento dos espaços prostitucionais da cidade do Rio de Janeiro e a classificação deles no enquadramento da espacialidade zona. A terceira, compreende a composição interna da zona a partir do conceito de cenário. Por fim, notou-se que a ideia de zona de prostituição mudou ao longo do tempo e que ela se caracteriza por no mínimo cinco variáveis. A zona é uma tipologia de espaço prostitucional e que se diferencia dos demais. Sua espacialidade se caracteriza principalmente pela associação entre o espaço público e as casas de prostituição. Além disso, identificou-se que a zona possui dois cenários que se transformam pelos comportamentos das profissionais e seus clientes e no modo de uso das morfologias.

Palavras-chave: zona de prostituição, espacialidade, cenário, geografia urbana, Rio de Janeiro.

## **ABSTRACT**

The study proposes to present some reflections on the spatiality of prostitution. In the social sciences and in geography itself, the analysis of problems concerning activity in cities has already been addressed. So far, existing research has reported the socio-spatial consequences that the problem of social stigma entails in the activity, as well as spatial disputes. However, in such studies, the spatial aspect of prostitution has been addressed by the category of territory. In this study, there is a concern to understand the spatiality of prostitution by the area category. This term is often used for specific prostitution spaces in certain areas in cities. Thus, based on knowledge from geography, sociology and theatrical theory, it was proposed to map the zones, study their geographical situations and read their compositions as scenery. Through this concept, we sought to understand the spatial organization of the red light district and its relationship with aspects of physical space, human behavior and their meanings. The field of examination of the questions was the city of Rio de Janeiro, where there is a tradition of harboring prostitution zones since the 19th century. The work is divided into three parts. The first deals with the theoretical aspects of the use of the category zone, the associations between the term zone with the activity of prostitution and the understanding of the variables that characterize its spatiality. The second refers to the mapping of prostitudinal spaces in the city of Rio de Janeiro and their classification in the context of zone spatiality. The third comprises the internal composition of the zone based on the concept of scenery. Finally, it was noted that the idea of a red light district has changed over time and that it is characterized by at least five variables. The zone is a typology of prostitution space that differs from the others. Its spatiality is mainly characterized by the association between public space and houses of prostitution. In addition, it was identified that the zone has two scenarios that are transformed by the behavior of the professionals and their clients and the way in which the morphologies are used.

Keywords: prostitution zone, spatiality, scenery, urban geography, Rio de Janeiro.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- La Zone, Paris .....	30
Figura 2- Modelo zonas concêntricas - Burgess. ....	32
Figura 3- Plano Ville Radieuse -Le Corbusier .....	34
Figura 4- Mapa das ruas que constituía à zona de prostituição na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.....	38
Figura 5- Mapa das ruas da Lapa que constituía à zona de prostituição na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.....	39
Figura 6- Mapa da Zona do Mangue.....	40
Figura 7- Tabela com as variáveis identificadas nas descrições das zonas de prostituição. ....	42
Figura 8- Tipo ideal de uma zona de prostituição a partir das descrições dos estudos de caso.....	47
Figura 9- Diferenciação da distribuição espacial entre os espaços prostitucionais informados nas respostas do google forms e aqueles confirmados durante o trabalho de campo.....	55
Figura 10- Critério de classificação dos espaços prostitucionais, segundo as variáveis da zona de prostituição. ....	57
Figura 11- Mapa da distribuição espacial dos espaços prostitucionais. ....	59
Figura 12- Zoom das áreas que concentram espaços prostitucionais.....	60
Figura 13- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o tipo de via em que os espaços públicos se associam.....	62
Figura 14- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o gênero de seus profissionais.....	64
Figura 15- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o período de ativação da atividade. ....	66
Figura 16- Classificação dos Espaços Prostitucionais segundo o quantitativo de variáveis .....	67
Figura 17- Situações da variável “Espaço Discreto” e suas localidades.....	69
Figura 18- Situações da variável “Copresença” e suas localidades. ....	71
Figura 19- Mapa da variável “Conjunto de Edificações”. ....	73
Figura 20- Situação da variável "Conjunto de Edificações". ....	73
Figura 21- Mapa dos espaços prostitucionais com suas respectivas situações da variável Permanência. ....	74
Figura 22- Situações da variável “Espaço Público” e suas localidades .....	76
Figura 23- Cartograma dos limites e acessos da área em que a Zona de Prostituição Vila Mimosa se situa no bairro da Praça da Bandeira.....	85
Figura 24- Cartograma dos usos da área em que à Zona de Prostituição Vila Mimosa se situa no bairro da Praça da Bandeira. ....	86
Figura 25- Cartograma dos limites e acessos da área em que à Zona de Prostituição do Peixão se situa no bairro da Freguesia. ....	88
Figura 26- Cartograma dos usos da área em que à Zona de Prostituição do Peixão se situa no bairro da Praça da Bandeira.....	89
Figura 27- Croqui do cenário da zona segundo o salão das casas de prostituição. ....	91
Figura 28- Croqui do cenário da zona segundo os quatinhos das casas de prostituição. ....	93
Figura 29- Croqui do cenário da zona segundo as Fachada das casas de prostituição.. ..	94
Figura 30- Croqui do cenário da zona segundo as suas calçadas. ....	96
Figura 31- Croqui do Cenário 1 das Zonas Vila Mimosa e Peixão .....	99
Figura 32- Croqui do Cenário 2 das Zonas Vila Mimosa e Peixão. ....	102

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
2.	<b>A ESPACIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO</b> .....	18
3.	<b>CAPÍTULO 1 - A ZONA</b> .....	26
3.1.	<b>Introdução</b> .....	26
3.2.	<b>Materiais e Métodos</b> .....	26
3.3.	<b>Resultados</b> .....	28
3.3.1	A zona como categoria de classificação de áreas na cidade.....	28
3.3.2.	Associação da zona com à prostituição na cidade do Rio de Janeiro.....	35
3.3.3.	As variáveis da zona de prostituição (1) .....	41
3.3.4.	As variáveis da zona de prostituição (2).....	46
3.4.	<b>Conclusão</b> .....	48
4	<b>CAPÍTULO 2 - A ZONA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO</b> .....	51
4.1.	<b>Introdução</b> .....	51
4.2.	<b>Materiais e Métodos</b> .....	51
4.3.	<b>Resultados</b> .....	58
4.3.1.	Distribuição .....	58
4.3.2.	Classificação dos espaços prostituicionais e as Variáveis da Zona .....	66
4.4.	<b>Conclusão</b> .....	77
5.	<b>CAPÍTULO 3 - VEIO CONHECER A ZONA?</b> .....	79
5.1.	<b>Introdução</b> .....	79
5.2.	<b>Materiais e Métodos</b> .....	79
5.3.	<b>Resultados e Discussões</b> .....	84
5.3.1.	A situação das Zonas de Prostituição .....	84
5.3.2.	O Cenário da Zona de Prostituição .....	90
5.3.3.	Mudança do Cenário nas Zonas de Prostituição.....	97
5.4.	<b>Conclusão</b> .....	104
6.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
	REFERÊNCIAS .....	110
	<b>APÊNDICE A - PARTE 1 DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS</b> .....	105
	<b>APÊNDICE B - PARTE 2 DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS</b> .....	106
	<b>APÊNDICE C - PARTE 3 DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS</b> .....	107

## 1. INTRODUÇÃO

A prostituição foi objeto de muitas discussões nas ciências sociais. A Geografia, por sua vez, apresenta grande potencial em fornecer um conjunto de conceitos, métodos, instrumentos e reflexões no sentido de compreender o fenômeno da prostituição e suas formas de manifestação na cidade. Mais do que isso, as profundas relações entre a prostituição e a espacialidade se tornam objeto de extrema relevância no âmbito da pesquisa geográfica, proporcionando uma vasta riqueza analítica. Dentre essas possibilidades, destaca-se aqui a análise das zonas de prostituição na cidade, um espaço utilizado para a prática da prostituição, mas que é diverso e múltiplo por promover não apenas esse serviço, mas a interação social entre diferentes grupos. A zona, produz marcas na paisagem urbana pelo significado que emite na sociedade e por ser um espaço identificável na cidade.

Desse modo, apercebemos a relevância em tratar a espacialidade da prostituição, visto que o tema não teve muito desenvolvimento na Geografia brasileira. Há um pequeno número de pesquisas, tanto em formato de publicação como no âmbito das pesquisas nos cursos de pós-graduação. A partir de consultas realizadas entre o período de agosto de 2020 a março de 2021 no Portal Capes – Banco de Teses e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações / IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) foram identificadas um total de 12 pesquisas disponíveis para acesso público. É importante contextualizar a trajetória que o tema da prostituição teve na Geografia brasileira. Ele foi precursor para as pesquisas sobre gênero na Geografia Feminista brasileira. Autores como Marcio José Ornat e Joseli Maria Silva pioneiros da geografia feminista no Brasil, entre tantas outras pesquisas, estudaram os territórios travesti a partir dos anos 2000. Em suas pesquisas iniciais, o fizeram a partir do tema prostituição. Atualmente as pesquisas sobre questões de gênero se ampliaram e ganharam independência do tema da prostituição, bem como, os estudos que se propõem a trabalhar na perspectiva da Geografia Feminista. Anteriormente a esses autores houve uma significativa produção sobre o tema, feita pelo Geógrafo Miguel Ângelo Ribeiro. O autor durante os anos 90, investigou os territórios da prostituição nos bairros de Copacabana e no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro possui tradição de abrigar espaços prostitucionais desde o início do século XIX segundo Priore, 2005 e Engel, 2004. Quando restritos a espaços privados, foram denominados com variados nomes, bordéis, cabarés, cafés-encontros, “pensões chiques”, casas de tolerância entre outros. A prostituição também se fez presente nas ruas da cidade, era comum encontrar as assim chamadas meretrizes fazendo “ponto” e frequentando os espaços públicos, na tentativa de conquistar clientes. As meretrizes eram divididas em três classes: as aristocratas ou de sobrado, as de “sobradinho” ou rótula, e as da “escória”. Conseqüentemente essa classificação influenciava nos espaços de atuação. As primeiras ficavam instaladas em casas na parte nobre da cidade. As de segunda classe, trabalhavam em hotéis ou nas casas de costureiras. Essas meretrizes ficavam em praças, mercados e ao longo de paredes em avenidas importantes à espera de clientes. As meretrizes de “escória” trabalhavam em casebres e cortiços e também atuavam nas ruas na captação de clientes. Portanto, o que intriga na cidade do Rio de Janeiro, são os lugares conhecidos por livros, músicas, poemas e notícias de jornais, denominados de zona de prostituição. Esta, pelos relatos, apresenta uma composição mista alternando casas de prostituição e meretrizes atuando nas ruas. O contexto da cidade do Rio de Janeiro, nos indica que a atividade da prostituição produziu diferentes arranjos espaciais, sendo estes de grande interesse para a Geografia.

Tradicionalmente à atividade da prostituição se especializou pelo centro e seus arredores na cidade do Rio de Janeiro. Como aponta Ribeiro (1997;1998) novas áreas de prostituição em espaços públicos estavam surgindo nos bairros de Madureira e Campo Grande (novos sub centros da cidade) durante os anos 90. Segundo o autor, os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da cidade na qual estão inseridos, e uma vez estabelecidos, apresentam, caso aumente ou não a procura desses espaços, um processo de expansão e contração. Diante disso, com a expansão da cidade do Rio de Janeiro desde os anos 90, acredita-se que a atividade da prostituição acompanhou esse processo, se estabelecendo em novos lugares ainda não conhecidos. Como ainda não foram realizados estudos sobre essas possíveis recentes áreas em que a atividade se encontra, as **primeiras questões** começaram a aparecer na

pesquisa. Existem outros espaços prostitucionais em espaços públicos, além dos conhecidos? Onde estão localizados? Os espaços prostitucionais em espaços públicos se expandiram? Como se configuram? Que dinâmicas apresentam?

Observa-se, que nas cidades brasileiras o nome dado a determinados espaços prostitucionais é comumente conhecido como zona de prostituição ou apenas *zona*. Isso não é uma exclusividade da cidade do Rio de Janeiro, aparece em várias outras cidades do Brasil. Existe uma associação entre essa denominação com a prostituição, e ela é utilizada pelas pessoas para indicar áreas onde a atividade está presente. Atualmente esse termo ainda persiste na linguagem cotidiana dos brasileiros. Dessa forma, construímos a seguinte **hipótese**: *existe uma leitura comum sobre as zonas de prostituição que fazem com que as pessoas atribuam esse mesmo termo a determinados espaços prostitucionais*. Supomos que essa denominação aponta para a existência de características comuns na composição espacial, se diferenciando de outros espaços prostitucionais, como o caso daqueles podem ser lidos pela ótica dos territórios. Nesse momento **novas questões** foram surgindo como: Por que certas áreas da cidade passam a ser classificadas como zonas? A prostituição é uma atividade que sempre esteve associada à zona? Teria esse nome relação com uma espacialidade específica?

A associação dessas informações nos levou a uma segunda **hipótese**: *com a expansão da cidade, teriam as zonas de prostituição também se expandido? Sendo assim, elas não estariam localizadas de forma aleatória na cidade, existiriam razões para essa atividade estar acontecendo em determinadas partes do Rio de Janeiro*. O que nos levou a pensar, que talvez existisse uma lógica na distribuição espacial das zonas de prostituição na cidade. Dessa forma, **questões** foram surgindo no processo inicial da pesquisa: Teriam áreas na cidade mais propícias para abrigar as zonas de prostituição? Por que a zona de prostituição é um espaço permitido nessas áreas? Essas zonas de prostituição se organizam espacialmente da mesma forma? Os atores dessas zonas possuem semelhanças?

A partir desse conjunto de discussões, questões e de hipóteses levantadas. A pesquisa buscou responder, sobre *a lógica espacial que organiza*

a *distribuição das zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro*. Tal questão abre portas para o surgimento de outros desdobramentos e novas perguntas, que também nortearão os esforços de desenvolvimento a seguir. Onde estão localizadas as zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro? Como é a distribuição espacial dessas zonas de prostituição? Existe um padrão? Onde estão mais concentradas? Qual é a situação espacial dessas zonas de prostituição? Estão próximas do que?

Acredita-se que a composição das zonas pode influenciar na existência e permanência desses espaços prostitucionais em algumas partes da cidade. Suas estruturas físicas, as práticas exercidas e os valores associados na zona de prostituição podem contribuir para a localização da mesma. Logo, mais questões complementares foram surgindo: Como se caracterizam os cenários das zonas de prostituição? Qual o conjunto de características comuns entre as zonas prostituição que dão unidade dentro dessa categoria, de espaço destinado a prostituição? A composição das zonas de prostituição interfere na escolha de onde elas estão localizadas ou vice-versa? Dessa forma, a dissertação resulta do anseio em ***entender a lógica da distribuição espacial das zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, a partir da análise situacional das zonas e da descrição de seus cenários.***

O cenário, segundo Gomes (2008; 2013), articula um conjunto de cenas. Sendo a cena formada por três dimensões interdependentes e articuladas entre si no espaço. Uma dimensão física, composta por um conjunto de elementos físicos e materiais que formam o espaço – as morfologias. Uma dimensão comportamental, isto é, o conjunto de práticas, condutas e comportamentos que se desenvolvem no espaço, orientando e sendo orientadas pelas morfologias – os comportamentos. É uma dimensão dos significados, onde um conjunto de valores e sentidos são criados e atribuídos ao espaço a partir das profundas interações entre morfologias e comportamentos. Assim, sendo um conjunto articulado de cenas, Gomes propõe que o cenário seja entendido como um “[...] conjunto de ações, objetos e significações unidos e simultâneos em um mesmo espaço.” (Gomes, 2013, p. 189). O conceito de cenário foi útil ao articular os interesses sobre a espacialidade e os significados, e estabelecer a discussão espacial em termos da relação entre o espaço físico e os comportamentos. Para

a pesquisa empírica este foi um aporte teórico fundamental, pois ressalta outros elementos que se somavam à composição da zona na construção do cenário da vida urbana considerada transgressora, como, por exemplo, as formas arquitetônicas, as funções dos objetos, os comportamentos, os acordos e normas e os valores empregados a esse espaço.

O campo de observação do fenômeno da prostituição urbana foi a cidade do Rio de Janeiro. Como dito anteriormente, é uma cidade brasileira que possui uma longa história com a atividade. O recorte temporal da pesquisa são os dias atuais, mais precisamente entre agosto de 2020 até agosto de 2022, visto que as zonas de prostituição ainda compõem o cenário urbano da cidade. No decorrer da pesquisa empírica, tivemos como suporte, relatos, mapas e croquis para dar contornos mais nítidos à espacialidade da zona.

Nesse sentido, a dissertação está dividida em três capítulos. O **primeiro capítulo** está dividido em três segmentos. O primeiro, trata dos aspectos teóricos relacionados aos diferentes contextos que a categoria zona passou nas cidades. Para isso, foram utilizadas as principais abordagens na sociologia urbana, geografia urbana, no urbanismo e no planejamento urbano. O segundo segmento, trata da associação entre o termo zona com a atividade da prostituição. E o terceiro segmento, as questões sobre a espacialidade da zona de prostituição. Assim, há uma operacionalização em busca das variáveis que caracterizam esse espaço a partir de estudos de casos.

O **segundo capítulo** está dividido em dois segmentos que procuram identificar as zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro segmento é referente ao mapeamento dos espaços prostitucionais em espaço público<sup>1</sup>, bem como, a classificação deles como zona de prostituição ou não, a partir das variáveis identificadas no terceiro segmento do capítulo 1. Com a experiência empírica, viu-se que as variáveis se apresentam em diferentes situações nos espaços prostitucionais. Assim, o segundo segmento destaca como as morfologias dos espaços públicos interferem nas ações praticadas nos espaços prostitucionais.

---

<sup>1</sup> Foram mapeados apenas os espaços prostitucionais em espaço público, como uma das estratégias para identificar a zona. Visto que, foi uma das variáveis identificadas no terceiro segmento do capítulo 1.

O **terceiro capítulo** é dividido em dois segmentos que partem das zonas de prostituição já identificadas. O primeiro segmento irá aplicar o conceito de cenário para uma compreensão da composição interna da zona de prostituição, entendendo que o cenário da zona tem implicações em sua localização na cidade. No segundo segmento, o conceito de cenário é apresentado como uma forma de se compreender as mudanças que se processam nas paisagens urbanas da zona de prostituição.

As contribuições realizadas neste estudo não são definitivas e também não se restringem as possibilidades de novas abordagens. Pelo contrário, seria desejável que outros pontos de vista se interessassem pelo tema para que a discussão revelasse outros aspectos e fenômenos que competem à geografia. A pesquisa teve a intenção de ser uma contribuição sobre o tema da espacialidade da atividade da prostituição. A fronteira desta dissertação e a compreensão do tema são discutidos nas considerações finais, criadas para apresentar mais perguntas do que respostas.

## 2. A ESPACIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO

A temática da prostituição é bastante estudada no campo das ciências sociais, de forma que muitas áreas do conhecimento, incluindo a Geografia, têm realizado intensas discussões e associações em torno do fenômeno. Nesse campo, a maioria das pesquisas sobre prostituição abarcam o estigma social<sup>2</sup> como um grande problema em torno da atividade. Essa discussão abrange o âmbito social e espacial, em ambos são tratadas as consequências geradas sobre os indivíduos e em seus espaços de atuação.

A socióloga Moraes (1996) e a antropóloga Simões (2010) aludem a espacialidade da prostituição como uma das sequelas do problema do estigma social. Segundo as autoras as práticas de confinamento da atividade em determinadas áreas das cidades são provenientes de forças externas e coercitivas que determinam irredutivelmente as estruturas locais e a subjetividade daqueles que ali pertencem. Moraes (1996) identifica o estigma atribuído as zonas de prostituição por meio da exclusão de seus indivíduos e a distinção que é feita por parte da população em relação a esses espaços na cidade. Olivar (2010) complementa que a zona de prostituição é a confirmação urbanística do estigma, pois, a esse espaço são associadas desqualificações como um espaço perigoso, sujo, degradado e que concentra pessoas de caráter “duvidoso”.

Helene (2015) ao falar sobre a constituição dos espaços prostitucionais também recorre à relação do estigma com a atividade, resultando disso, a ideia do espaço dos “desviantes”. Esses são os espaços segregados na cidade que separam grupos considerados perigosos, imorais e com potência de contágio<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> Para Goffman (1963) o estigma provém de uma capacidade que a sociedade possui de categorizar indivíduos, reduzindo-os a uma totalidade de atributos considerados naturais e comuns aos membros dessas categorias. Gerando assim, uma série de estereótipos que não condizem com a realidade dos indivíduos. Goffman afirma que é um atributo profundamente depreciativo. Dessa forma, o sujeito estigmatizado é marcado e tem sua identidade social deteriorada na convivência com os demais.

<sup>3</sup> Sobre o contágio social, Mary Douglas (1966) analisa como são estruturadas regras de afastamento a partir de classificações sociais criadas para distinguir o que é “puro” do que é “impuro”: oposições de sistemas simbólicos de segurança/perigo, puro/impuro, limpeza/sujeira, purificação/contágio e ordem/desordem; de maneira a classificar, organizar e criar “formas sociais”. Segundo ela, a ideia de sujeira, por exemplo, é produto de um sistema de “ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados”. A partir dessas dicotomias, separam-se os opostos, de modo a protegê-los da “poluição” e da “contaminação”, ou de “qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais”.<sup>1</sup>

daqueles outros, considerados puros e morais. Os espaços destinados a prostituição de acordo com a autora, são correlacionados com a ideia de perigo, impureza e sujeira, uma marca do estigma que sofrem, e por isso são associados significados depreciativos. A antropóloga Tavares (2014) relaciona o problema do estigma nas concepções das zonas de prostituição ao afirmar que esse espaço é um produto do confinamento de uma atividade considerada como um “uso sujo”. É considerado um espaço desqualificado na cidade e abriga sujeitos que não são aceitos de maneira plena pela sociedade – sujeitos transgressores.

Na historiografia da prostituição, o estigma aparece fortemente ligado ao papel social da atividade. Os espaços restritos para o acontecimento da prostituição também são citados. A delimitação espacial da atividade é considerada uma prática comum na formação de muitas cidades no mundo. Tal prática é o produto de uma ação política por parte do Estado, forças policiais, intervenção da Igreja e de uma parcela influente da sociedade (RAGO, 1991; MENEZES, 1992; CAULFIELD, 2000; PEREIRA, 2002; SILVA, 2016). Segundo o contexto de diferentes épocas, o processo de *zonear* a prostituição nas grandes cidades ocorreu de duas formas. A primeira, sucedeu com a descentralização da atividade restringindo-a em diferentes áreas. Esse fato passou-se na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, momento em que o centro da cidade estava tomado pelo fenômeno, em decorrência de diferentes ações oficiais a atividade foi espalhada para diversas áreas (PEREIRA, 2002). A segunda forma, aconteceu de maneira inversa, na mesma cidade durante o final do século XIX e início do século XX, por concentrar a atividade em uma única área, como foi o caso da famosa Zona do Mangue<sup>4</sup> (CAULFIELD, 2000; SILVA, 2016).

Segundo muitos estudiosos sobre prostituição, as áreas destinadas especificamente para a atividade são o resultado espacial do estigma que o fenômeno carrega. Ainda que a prostituição esteja concentrada em uma única área ou dispersa em diferentes lugares, a sua grande característica espacial é estar delimitada a um espaço. Os *Red Lights Distric* na Europa, *Sex Work Space*

---

<sup>4</sup> Famosa Zona de baixo meretrício durante o final do século XIX ao século XX localizado no que são hoje os bairros da Cidade Nova, Estácio de Sá e Praça Onze, área próxima ao centro da cidade do Rio de Janeiro (CAULFIELD, 2000).

nos Estados Unidos e as chamadas Zonas de Prostituição nas cidades brasileiras são todos exemplos desse fato. Segundo Helene (2015), em certos casos estes espaços são oficialmente organizados, mas apesar da prostituição ser legalizada em alguns países ela permanece concentrada em um espaço separado exclusivamente para este fim.

Os estudos geográficos sobre a prostituição consideram a atividade como algo marginalizado, mas a preocupação da maioria dos geógrafos tem sido sobre os seus territórios. É recorrente encontrar análises espaciais para entender como são estabelecidas as territorialidades, as disputas entre os diferentes grupos prostitucionais entre si ou com pessoas externas à prostituição (ALMEIDA, 2005; ALCÂNTARA, 2009; NASCIMENTO, 2015; DINIZ, 2016; MOREIRA, 2016; PALMEIRA, 2017; TANGERINA, 2017; PRZYBYSZ, 2017; ROMANCINI e PEREIRA *et al.*, 2020). Podem ser encontrados também, variados estudos sobre prostituição inseridos no campo do gênero e sexualidade. Essa discussão é muito forte fora do Brasil na Geografia, mas está presente nas obras brasileiras de Ornat e Silva (2013) e Ornat (2008; 2011). Para os autores o território da prostituição travesti tem como um de seus elementos estruturantes a comunicação, tanto entre travestis, como entre travestis e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais. Nessa perspectiva, o gênero é uma categoria que influencia na construção de diferentes limites e regras. De Mattos e Ribeiro (1995; 1996) e Ribeiro (1997; 1998) ao realizarem uma análise desses territórios no bairro de Copacabana e no Centro da cidade do Rio de Janeiro, concordam que os territórios da prostituição se diferenciam. Os autores identificaram que os michês (prostituição masculina), apresentam comportamentos distintos para atrair clientes e de se localizar em relação as prostitutas e travestis, enquanto esses dois últimos grupos, em certos casos, conseguem ter maiores interações.

A prostituição é definida segundo Ribeiro e Da Silva (2015), como uma ocupação remunerada pela oferta de um serviço específico: o sexo. Nesse sentido, é importante compreender que a atividade é considerada uma profissão, não regulamentada, mas que consta na Classificação Brasileira de Ocupações

(CBO, 2002)<sup>5</sup> do Ministério do Trabalho e Emprego. Dessa forma, o autor complementa que essa ocupação possui um espaço laboral e que nele se configura uma espécie de relação empregado e empregador e/ou de forma autônoma. Porém, nem sempre a prostituição foi considerada uma profissão, essa atividade já possuiu diferentes sentidos ao longo da sua história, que veremos brevemente aqui. É importante salientar que apesar da profissão ser composta de profissionais de gêneros distintos, sua historicidade é contada apenas pelo viés da prática feminina.

A prática da prostituição passou por diferentes contextos na história da humanidade, com isso seu significado foi mudando ao longo desse tempo como pode ser visto em Rossiaud (1991), Robert (1998) e Silva e Capelle (2015). Robert (1998) relata que no período da pré-história, a mulher era associada à grande deusa criadora da força da vida, e estava no centro das atividades sociais. Com tal poder, ela controlava sua sexualidade. As sacerdotisas da deusa participavam de rituais sexuais religiosos em que as pessoas buscavam ser abençoadas. Para a autora, essas sacerdotisas se constituem como as primeiras prostitutas da história por manterem a lógica da troca de algo pelo sexo. Conforme menciona Roberts (1998), por volta de 2000 a.C., as mulheres foram classificadas como prostitutas. Diante disso, começou a diferenciação moral entre as esposas, consideradas seres morais, e as prostitutas, imorais. Nessa lógica, as prostitutas tornaram-se então pecadoras, e os rituais sexuais não foram mais aceitos perante a sociedade. Rossiaud (1991), relata que na Idade Média a rejeição à prostituição fica mais intensa, por essa mesma lógica da diferenciação moral, o casamento era considerado o único meio em que o sexo deveria ocorrer com o propósito da constituição da família. De acordo com Silva e Capelle (2015) na modernidade, ainda que esse pensamento permaneça, a atividade se estabelece em uma nova forma. Segundo as autoras, o movimento feminista influenciou as mulheres a buscarem direitos até então negados, dentre eles, o direito de vivenciar o sexo como um ser biológico, que dele necessita, tal

---

<sup>5</sup> A Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho descreve e ordena as atividades e fornece informações segundo características ocupacionais que dizem respeito à natureza de cada força de trabalho.

como os homens. A partir disso, a prostituição se torna uma atividade profissional organizada que comercializa o sexo e que não se restringe ao gênero feminino.

Segundo De Mattos e Ribeiro (1995) o espaço laboral da prostituição pode se especializar em duas grandes categorias: nos espaços públicos (ruas, praças, esquinas, calçadas, parques e etc.) e nos espaços privados (boates, termas, prostíbulos, casas de massagens, saunas e outros). Nesta pesquisa a noção de espaço público não se restringe a uma área física (praças, ruas, jardins, etc.) e nem da oposição ao privado. E sim, um espaço abstrato, teórico, fundamento da vida política e democrática. O espaço público é um espaço de visibilidade pública, possui um estatuto comum e coletivo. Segundo Gomes (2012) “[...] São lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de conhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais da transformação social”. Dessa forma, no primeiro caso, existe uma relação com a visibilidade e a exposição dos corpos para atrair clientes nos espaços públicos, depois da negociação pouco importa onde será “finalizado” o programa<sup>6</sup>. Diferente da prostituição que ocorre nos espaços privados, em que a exibição, negociação e finalização do programa, em geral, ocorrem dentro de uma única edificação. Além dessas duas categorias espaciais, é importante acrescentar uma terceira, o espaço virtual. Este vêm sendo um outro meio de importante visibilidade e comunicação para a prostituição segundo Piscitelli (2005) e Lorenzi (2019).

Existem também as categorias que qualificam a atividade da prostituição. São elas: o baixo, o médio e alto meretrício. São características definidas pelos níveis socioeconômicos, estruturas morfológicas e os agentes inseridos no espaço prostitucional. Dessa forma, o perfil dos profissionais e clientes, o custo do programa, e as características espaciais do ambiente de trabalho são elementos importantes para diferenciar essas tipologias. O baixo meretrício de acordo com Helene (2015) é a prostituição com preços reduzidos e que os frequentadores em geral são da classe trabalhadora de baixa remuneração. Há

---

<sup>6</sup> Termo utilizado no âmbito da prostituição para todas as suas instâncias.

características comuns no perfil dos profissionais, suas roupas e acessórios são de baixo custo e as negociações com os clientes são menos exigentes (SANTOS, 2013). Essa tipologia tem forte presença nos logradouros públicos e está localizada em áreas que possuem uma situação material precária. Estando em áreas desvalorizadas, degradadas ou nas áreas periféricas da cidade, em muitos casos, são espaços mais reservados (PRZYBYSZ, 2017).

Muito diferente disso, a categoria do alto meretrício ou prostituição de luxo, segundo Silva e Capelle (2017) tem como principal característica o fato de se voltar para um público sofisticado, com condições financeiras elevadas que tornam possíveis pagamentos altos. Silva e Capelle (2017) observaram que estes espaços prostitucionais são extremamente restritos e luxuosos, podem ocorrer em casarões, hotéis e boates nas áreas nobres das cidades. Os profissionais também se diferenciam do que é comum na prostituição de baixo e médio meretrício, possuem corpos muito parecidos com modelos, roupas de grifes, joias, falam outros idiomas e são mais jovens (SILVA E CAPELLE, 2017).

O médio meretrício não é objeto de muitos estudos, de acordo com Santos (2013) é uma categoria em que os profissionais possuem uma situação intermediária. Localizam-se em logradouros acessíveis, seja público ou privado, e tem como público frequentador a classe média. Ainda que seja um mercado um pouco diferente do baixo meretrício, se aproxima mais a ele do que com a prostituição de luxo.

O gênero é outra categoria importante na prostituição, ele implica um determinado tipo de público frequentador, espaço laboral e a forma de se comunicar com o cliente. Essas diferenças ficam mais explícitas quando esses corpos estão no espaço público como pode ser visto em Ribeiro (1998), Ornat (2008), Pimentel (2013) e Ornat e Silva (2013). A prostituição de michês (masculina) tem uma apropriação mais simbólica e afetiva dos espaços públicos. É um grupo mais discreto que procura se camuflar na paisagem. Adotam determinados códigos e atos simbólicos como por exemplo, apalpar seus próprios corpos, que são meios utilizados para se identificar e estabelecer uma rede de relações demarcando seus espaços. Essa categoria não se mistura com as demais (RIBEIRO, 1998; ORNAT, 2008).

A prostituição travesti também é demarcada pela adoção de códigos, expressões e gestos, mas também pela violência explícita, proveniente sobretudo de agressões verbais e até mesmo físicas. Não é tão discreta quanto a masculina, dispõe uma presença maior em seus territórios, abordando mais diretamente seus clientes. Suas roupas, adereços, perucas e maquiagens são elementos muito emblemáticos para identificar este grupo. Essa categoria têm uma forte presença na “pista”, ou seja, realizam o programa com clientes motorizados (ORNAT, 2008; PIMENTEL, 2013; ORNAT e SILVA, 2013).

A prostituição feminina tem uma forma mais direta de se comunicar com seus clientes e uma liberdade maior em relação aos demais gênero em se expor. Na rua, existe uma associação com restaurantes, boates, bares, ambulantes e até mesmo policiais. Essa associação tem o intuito de estabelecer uma “proteção” a essas profissionais. Assim como as travestis, suas roupas, objetos e o posicionamento dos corpos são marcas registradas desse grupo, também estabelecem forte uso da “pista”. As profissionais mulheres e travestis em alguns lugares trabalham nos mesmos espaços ou próximos. São categorias que conseguem manter uma relação (RIBEIRO, 1998; ORNAT, 2008).

Diante dessa discussão, fica claro que a prostituição é uma atividade que foi mudando ao longo do tempo, e com sua consolidação, categorias foram sendo identificadas por diferentes estudiosos. As categorias: espaço público, privado e virtual; baixo, médio e alto métrico; e o gênero interferem na caracterização e no desenvolvimento da prostituição nos seus diferentes espaços prostitucionais. Entendendo a importância dessas categorias na concepção da espacialidade, elas serão contempladas nesta pesquisa. Com isso, a ideia de prostituição que será utilizada nesse trabalho, é a de caráter profissional em que a atividade necessita de um espaço laboral para realizar umas das fases do programa, a exposição. E pretende-se entender como essa exposição faz parte da cena pública da cidade, sendo assim há um interesse especial nos espaços prostitucionais em espaço público e nas zonas. Em um primeiro momento, foi considerado trabalhar todos os gêneros na pesquisa, portanto com o desenvolvimento da mesma observou-se, que a prostituição masculina não tem ocupado os espaços públicos e também não se integra a zona de prostituição no estudo de caso dessa pesquisa. Assim nos atentamos a

observar a prostituição feminina e a travesti. Conseqüentemente, serão utilizadas as categorias de baixo e médio meretrício, visto que o alto meretrício não se encontra nos espaços públicos e na zona. É importante reforçar que esse estudo não contempla a prostituição de menores ou qualquer outro tipo de exploração sexual.

E por fim, chamamos atenção que a prostituição tem uma longa bibliografia nas ciências sociais e muitas vezes, em alguns trabalhos, a importância de sua localização foi aventada sem, no entanto, ser uma questão central. O inverso é o que está sendo proposto nesse trabalho. Além disso, na Geografia os trabalhos de pesquisa tendem a valorizar os conflitos advindos das dinâmicas territoriais e a originalidade dessa dissertação é apreciar o fenômeno sob um ângulo também espacial, mas que colocam em evidência as dinâmicas de classificação espacial de usos e valores. Por isso, a categoria central aqui é a zona.

### 3. CAPÍTULO 1 - A ZONA

#### 3.1. Introdução

Sabe-se que a ideia de zona hoje está associada como um espaço prostitucional (HELENE,2015) mas nem sempre o fenômeno da prostituição pertenceu a todos os modos de zonas que existiram nas cidades. A zona é uma categoria que foi utilizada para classificar áreas, ela foi tanto usada para caracterizar como planejar o espaço urbano. Nas cidades brasileiras o nome dado a determinados espaços destinados a prostituição é comumente conhecido como zona de prostituição ou apenas zona. Assim, entende-se que há uma leitura comum sobre essas áreas e elementos copresentes que permite às pessoas atribuírem essa denominação a esses espaços. Desse modo, surgem **questões** como: *Por que certas áreas da cidade passam a ser classificadas como zonas? A prostituição é uma atividade que sempre esteve associada a zona? Por que essa categoria zona, às vezes, está associada a atividade da prostituição?* Partindo dessa categoria, esse capítulo pretende realizar uma análise conceitual sobre a zona de prostituição. Para isso, vamos entender primeiro como a categoria espacial zona foi utilizada em diferentes contextos. Segundo, como essa categoria se associa à atividade da prostituição no estudo de caso, cidade do Rio de Janeiro. E por fim, quais as variáveis que configuram essa espacialidade.

#### 3.2. Materiais e Métodos

##### 1º Passo

No primeiro momento, foi preciso entender os diferentes contextos que a categoria zona foi utilizada. Ao examinar a expressão *zona* e o seu emprego para a atividade da prostituição, isso nos trouxe a memória a recordação diferentes maneiras que esse termo já foi utilizado e sua associação com usos e atividades. Para isso, foram desmembrados os diferentes significados e aplicações da palavra zona em diferentes campos do saber científico. Em seguida, foram utilizados estudos nos campos da Sociologia Urbana, Geografia Urbana, do Urbanismo e do Planejamento Urbano, que se valeram da categoria para pensar o espaço urbano. Essa operação teve o propósito de posteriormente

formar um conceito que conduzirá essa pesquisa. Entender os diferentes significados e atribuições do termo *zona* pareceu ser um importante primeiro passo para guiar o tipo de espaço que será analisado neste estudo. O procedimento de levantamento das bibliografias do primeiro capítulo consistiu em um primeiro momento em pesquisas em bibliotecas. Com a chegada da pandemia do Coronavírus (COVID-19), a busca bibliográfica se tornou predominantemente *online*. Para o primeiro passo foi utilizada a palavra-chave “*Zona*” em diferentes línguas e depois “*Zona + um uso ou atividade*”.

## **2º Passo**

Ainda sobre essa observação do nome *zona*, procuramos entender a associação desse termo com a atividade da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. Para este propósito foram utilizados estudos da historicidade da prostituição a fim de identificar como foi estabelecida a definição e a leitura sobre a zona de prostituição no estudo de caso. Procuramos nessa bibliografia os motivos que provavelmente determinaram o nome *zona* aos espaços prostitucionais no decorrer da história da prostituição no Rio de Janeiro. A fim de entender se o termo estava associado ao fato de sua morfologia urbana ser delimitada, ou seja, se o nome foi atribuído em razão do seu desenho espacial ou se foi “importado” de outros lugares. Devido a imigração de prostitutas estrangeiras para a cidade, havia uma suspeita de que esse termo tivesse sido trazido por elas. Houve a intenção de estabelecer essa associação também pela datação do uso da palavra e onde isso ocorreu. Conforme as informações foram aparecendo, foi percebido que não se podia restringir apenas ao “descobrimento” da associação da zona com a atividade da prostituição. Foi necessário continuar a pesquisa com o propósito de entender como o emprego desse termo foi mudando e ganhando outros significados ao longo do tempo. Para o levantamento das bibliografias do segundo passo foi realizada a busca: “*Zona + Prostituição + Rio de Janeiro*”. Não houve muito sucesso nessa busca, visto que a categoria é pouco utilizada até mesmo nos estudos sobre prostituição. Conforme esse processo se desenvolvia foi percebido que a busca por: “*Território + Prostituição + Rio de Janeiro*” se tornou mais eficiente para atender aos propósitos da pesquisa.

## **3º Passo**

Para identificar as variáveis espaciais que caracterizam a zona de prostituição na cidade, optou-se por rastreá-las pela bibliografia sobre a prostituição. Foram selecionados trabalhos que abordaram as áreas de prostituição pela categoria zona. Assim encontramos cinco zonas, são elas: Zona do Mangue, Zona do Jardim Itatinga, Zona de Guaicurus, Zona Vila das Garotas, Zona “Boca do Lixo”. Essas zonas de prostituição se encontram em diferentes tipologias de cidade, variando de metrópoles a cidades do interior. Ocorrem em diferentes momentos, como a Zona do Mangue e a Zona de Guaicurus, que não existiram durante o século XX. Ainda que se tenha diferenças espaciais e temporais entre os estudos de casos, acredita-se que eles possuem elementos socioespaciais comuns, que reunidos caracterizam esse espaço na cidade. A partir disso, procurou-se analisar a descrição que os pesquisadores fizeram sobre as zonas de prostituição. Ainda que nem todos os trabalhos tivessem a intenção de tratar sobre a espacialidade da mesma. O objetivo foi observar quais elementos espaciais foram utilizados para explicar a configuração espacial dessas diferentes zonas. Os trechos descritivos foram separados de acordo com cada estudo de caso em um arquivo do *word*, e posteriormente separados por categorias em uma tabela *Excel*. Essa tabela foi organizada em um primeiro momento como uma lista de variáveis de cada zona. Identificou-se que cinco delas eram constantes em todos os estudos de caso. Dessa forma, essas cinco variáveis em comum serão consideradas como variáveis mínimas das zonas de prostituição.

### **3.3. Resultados**

#### **3.3.1 A zona como categoria de classificação de áreas na cidade**

A palavra zona tem uma interessante etimologia e uma mais interessante ainda variedade de sentidos em diferentes línguas. *Zōnē* em grego corresponde a ideia de “cintura” por extensão significa a “parte do corpo onde se localiza a cintura” portanto o significado ampliou para zona terrestre ou celeste (HOUAISS, 2009). O termo em latim *zōna* tem por sentido “círculo da esfera” (HOUAISS, 2009). Em francês, significa cinto, mas possui variações como *zone* que significa zoneado e *zonier* que significa morar nas zonas de fortificações em Paris, e que dá origem a palavra *zonure* que significa zoneamento (TOPALOV, 2010).

Na cidade de Paris, existia uma área conhecida como "*La Zone*", uma faixa que circundava a cidade por mais de 30 km como pode ser visto na figura 1. Esse local, segundo Mémoires (1992), se destinava para a implantação das fortificações, que foram construídas para evitar a entrada de exércitos estrangeiros durante a Batalha de Paris em 1814, em frente ao muro de Thiers. Foi designado nos regulamentos de planejamento urbano de Paris que nessa zona de tiro de canhão, não era permitido construir qualquer coisa, tanto que recebeu o nome de "*zone non aedificandi*" - não construtivas - (CHARVET, 2005). Após a derrota de 1870, esta zona foi completamente abandonada pelo exército. O invólucro torna-se obsoleto e se torna uma área em que a população pobre vai residir (os *zoniers*). Instalou-se ali trabalhadores parisienses que não conseguiam mais morar em Paris depois das transformações do Barão Haussmann e camponeses expulsos pelo êxodo rural, segundo Lasserre (1935). Era possível encontrar a prática da prostituição na zona, mulheres que circulavam pelas ruas e também ficavam nas casas improvisadas de meretrício. As construções na zona eram barracos e cabanas de diferentes tipos, tudo muito improvisado. A partir de 1919 as fortificações foram destruídas e a área que antes era a zona se tornou uma área destinada à construção de habitações sociais, equipamentos esportivos e parques (MÉMOIRES, 1992; CHARVET, 2005). Podemos perceber que nesse contexto Francês, a zona é uma área onde uma população menos abastada ia residir nas margens de Paris. Um lugar improvisado e sem nenhuma infraestrutura urbana.

No português, zona, tem o sentido de ser uma área delimitada, local determinado. Na astronomia essa palavra significa região demarcada entre dois círculos paralelos traçados numa esfera; para a Ecologia, é a área ou parte de paisagem que se caracteriza por vida vegetal ou animal uniforme; para a Geografia física, é cada uma das partes em que se divide a Terra, determinadas pelo Equador, pelos trópicos e pelos círculos polares. Na anatomia, é a parte do corpo com limites relativamente precisos. Dessa forma, a palavra zona em suas variadas aplicações expressa o sentido de ser algo delimitado, fechado e que define e distingue coisas (HOUAISS, 2009).

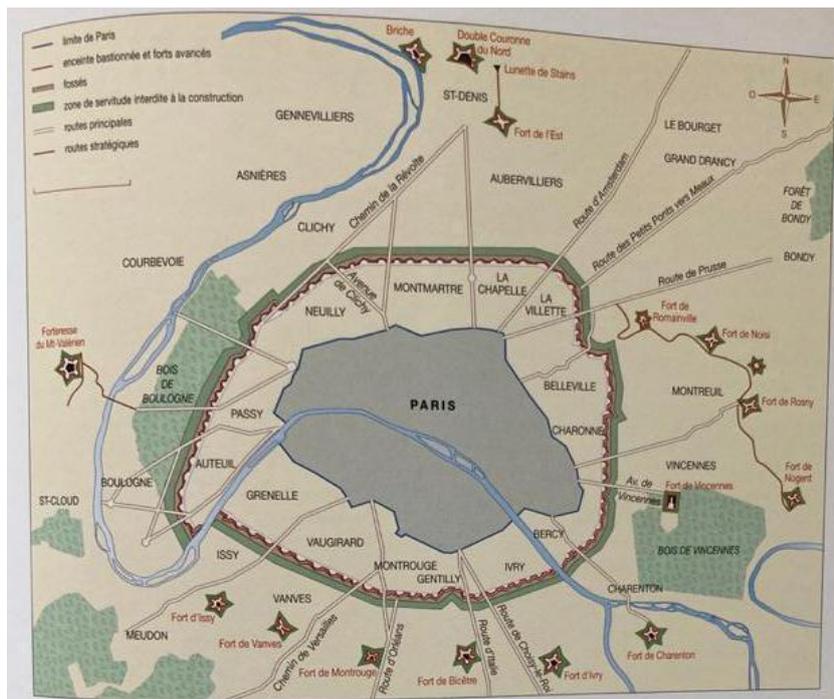


Figura 1- La Zone, Paris

Na linguagem corrente, a mesma palavra zona possui outros sentidos. Ela pode significar desorganização, bagunça e tumulto. É também o nome dado ao local destinado a prostituição. É curioso como esses dois significados a priori fogem a “regra” das demais percepções que a palavra expressa. Eles se opõem radicalmente ao princípio de ordem contido no conceito de zona e suas variações: zonedar e zoneamento, que estabelecem a organização de algo que está disperso. A zona como bagunça e espaço de prostituição é uma atribuição popular proveniente de um conjunto de elementos que são percebidos pelas pessoas e que de alguma maneira expressam esses dois significados. A questão é se esses dois sentidos não tem uma origem comum, uma área da cidade separa da "cidade formal", onde as pessoas ali contidas vivem à margem. No âmbito da prostituição a palavra zona é quase um nome próprio, entender como essa categoria e o fenômeno se associam é importante para essa pesquisa. Antes disso, veremos como esse termo foi usado em diferentes contextos e áreas, principalmente no espaço urbano.

A Geografia durante um tempo utilizou a categoria zona para analisar fenômenos no mundo. Claval (2011) elucida que nos anos de 1890 a 1970 a Geografia passava por um mal-estar que provinha da própria dinâmica da

investigação geográfica. Dentre muitos debates epistemológicos, uma solução tinha sido esboçada antes da Segunda Guerra Mundial por Emmanuel de Martonne, que em 1939 ao perceber o quanto as formas do terreno dos trópicos úmidos diferiam daquelas do temperado. Nasce então, na geografia natural, a corrente zonal que entendia por meio das zonas climáticas as realidades naturais que se ordenam na superfície da Terra (CLAVAL, 2011). Atualmente na geografia, a zona é bastante utilizada para distinguir determinadas áreas em função de suas características climáticas, tem-se então as zonas climáticas. Nesse primeiro contexto, pela perspectiva da geografia física, a zona é uma categoria de análise que reúne um conjunto de características para entender realidades e por sua vez qualificar essas áreas. O emprego dela diferencia a superfície da terra a partir desse conjunto de características. Essas zonas são constituídas, ou melhor, são perceptíveis por quem as define, a partir do que já existe em uma determinada área. No caso dos geógrafos físicos, foi observado um conjunto de características presentes em um lugar que formam, por exemplo, a zona polar. A definição de que determinada área é tal zona, vem após a observação empírica dos elementos presentes neste espaço.

Essa mesma forma de identificar e constituir zonas, ocorreu no espaço urbano, como pode ser visto nos estudos sociológicos da Escola de Chicago. Um dos estudos realizados pela Ecologia Humana utilizando a categoria zona foi o de Ernest Burgess (1974), um dos sociólogos dessa Escola. Burgess (1974), ao descrever a organização socioespacial de Chicago, identificou padrões de uso de solo que dividem a cidade, denominados de: distrito comercial, zona de produção, zona de transição, zona da classe trabalhadora, zona residencial e a zona de baldeação (figura 2).

Nesse contexto, Burgess utiliza a categoria zona para delimitar e diferenciar os padrões encontrados. Assim, a categoria classifica as áreas da cidade a partir de lógicas espaciais que separam diferentes grupos em determinadas localidades, a partir de seus distintos aspectos econômicos, étnicos e culturais. Essa classificação indica que cada área da cidade possui um caráter próprio e expressa valores distintos. É importante perceber nesse trabalho, que após Burgess identificar as diferenciações espaciais já

estabelecidas, ele utiliza a zona para marcar a concentração de pessoas em determinadas áreas que representam essas características. Assim, a zona nesse caso é concentração de pessoas genericamente homogêneas em um mesmo espaço. Faz parte do que se chama de tipo ideal, uma forma de apresentar os padrões mesmo quando se sabe que há maior diversidade do que aquela apresentada no modelo representacional.

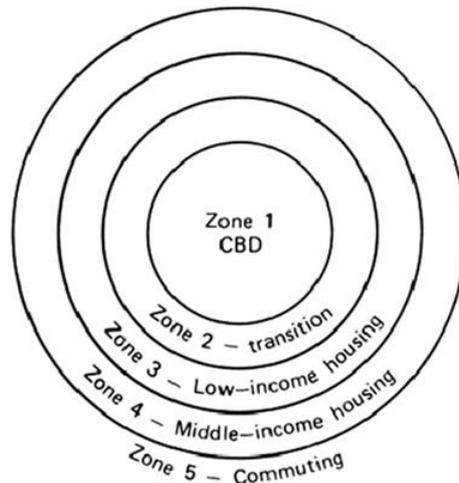


Figura 2- Modelo zonas concêntricas - Burgess.

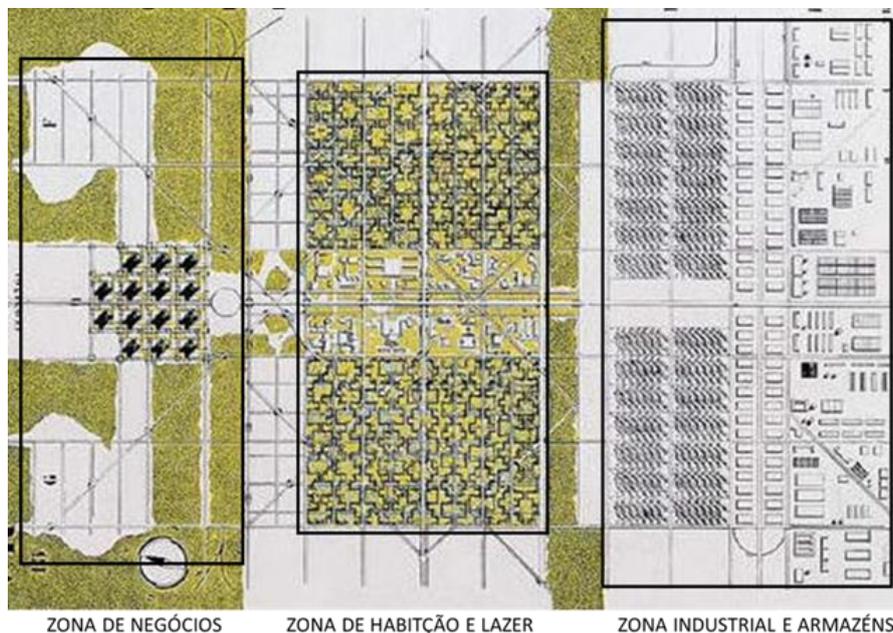
Burgess (1974) também fala de um tipo de zona específica que existe na cidade, são as chamadas zonas deterioradas. São áreas na cidade que se tornaram obsoletas devido ao processo de esvaziamento. No caso de Chicago, causado pela elite que decidiu ir residir no subúrbio. Mas isso pode variar, como por exemplo, no caso do Rio de Janeiro com o processo de descentralização da atividade industrial na segunda metade do século XX, alguns bairros do centro e próximo a ele sofreram com a obsolescência (CORRÊA, 1989). O resultado disso é que antigas áreas residenciais se deterioraram e são ocupadas por uma população de classe social mais baixa, de imigrantes recém chegados e de atividades consideradas transgressoras devido ao baixo custo dessas áreas que foram desvalorizadas na cidade. Dentro dessa perspectiva, Reckless (1974) complementa com a existência da zona de vício comercializado, que são os espaços da cidade em que se pode encontrar a comercialização ilegal, seja de drogas, jogos de azar, do sexo, entre outros. De acordo com o autor, são áreas de isolamento moral, estão separadas, afastadas ou escondidas das vistas das famílias tradicionais que integram a cidade. Reckless (1974) acrescenta que as

atitudes morais agem como barreiras, isolando geograficamente essas atividades. É uma área que se localiza em lugares remotos, distante da vista de todos, um fator favorável para a existência dessas atividades, assegurando sua permanência. Nessa perspectiva, a zona permanece sendo uma categoria de classificação, portanto com um indicativo no nome que atribui um valor a esses espaços devido às atividades e pessoas que estão ali concentradas. A zona dependendo do seu complemento pode ser um indicativo cheio de significados sobre um lugar.

Anos antes desse estudo da ecologia humana, a zona foi contemplada em outro estudo, o do Urbanismo Modernista, que ganhou destaque no início do século XX, e teve o Arquiteto Urbanista franco-suíço Le Corbusier como seu maior expoente. Para Le Corbusier (1933), o espaço urbano deveria estar adequado ao modo dos processos produtivos de montagem. Nessa visão o zoneamento era um mecanismo de dividir o espaço urbano, onde cada área teria uma funcionalidade, assim como ocorria nas fábricas. Na elaboração da nova Carta de Atenas em 1933, os princípios desse urbanismo progressista e moderno foram lançados. Neste documento, foram divulgadas as quatro funções básicas para a cidade modernista por meio de zonas: habitação, trabalho, recreação e circulação (CORBUSIER, 1993). Como pode ser visto no seu plano Ville Radieuse em que o Arquiteto Urbanista incorpora os princípios do novo urbanismo, segundo a figura 3.

Essa lógica que prevê a divisão espacial por zonas de atividades no espaço urbano, vingou ao longo dos anos e está presente nos dias atuais no planejamento urbano de muitas cidades, como pode ser visto em Bernardi (2006). Assim como no caso da zona deteriorada e de vício comercializado, essas zonas planejadas recebem um complemento no nome de acordo com o seu uso. Dessa forma temos: zona portuária, zona comercial e de serviços, zona industrial, zona de conservação ambiental, zona unifamiliar, zona multifamiliar, zona de uso misto, entre outras. Nesse contexto, a categoria zona é um instrumento utilizado para ordenar e organizar a cidade, através da delimitação de atividades em determinadas áreas da cidade. A zona é planejada e não uma consequência do que se apresenta em partes da cidade como demonstrado no

caso da Geografia Zonal e dos estudos da Sociologia Urbana. O zoneamento é um dos instrumentos do planejamento urbano que visa organizar e ordenar as cidades para o futuro.



*Figura 3- Plano Ville Radieuse -Le Corbusier*

Esse uso da divisão pela categoria zona, também é utilizado para a divisão político-administrativa, que tem na sua essência a intenção de implementar regulações diferenciadas para cada região, vistas, por sua vez, também como partes diferenciadas (SOUZA, 2006). É o caso do que ocorreu até os anos 2000 no Rio de Janeiro, em que as zonas geográficas (norte, sul, oeste) eram também as divisões político-administrativas. Com isso, um conjunto de bairros próximos por meio de decretos constituíam uma zona e tinham o mesmo gestor. Oficialmente de acordo com o Plano Diretor da Prefeitura do Rio de Janeiro (2011) a cidade se divide administrativamente pelas Regiões Administrativas (RA), portanto a denominação antiga Zona Norte, por exemplo, é bastante utilizada pela população para indicar a área localizada entre o Maciço da Tijuca, sul da Baixada Fluminense e a oeste da Baía de Guanabara e também um lugar que possui determinadas qualidades como aponta Nunes e Moura (2013). Essa divisão além de ser espacial, faz parte de um imaginário urbano que está a serviço de um sistema classificatório de classe social e status segundo os autores. No caso da zona Norte costuma ser associado a um certo

desprestígio, como parte pobre da cidade, ainda que seja bastante diferenciada em termos de status entre seus bairros. Enquanto a zona Sul da cidade por ser plena em serviços é considerada uma área melhor do Rio de Janeiro por parte de seus habitantes (NUNES E MOURA, 2013). Nesse contexto é observado que a categoria zona é mais uma vez um instrumento utilizado para organizar, classificar e diferenciar internamente a cidade. Dessa forma, como foi mostrado no exemplo das zonas cariocas, o termo é utilizado pela própria população para indicar um lugar que está a norte ou a sul no município, mas que, ao mesmo tempo, carrega um imaginário social que é dado pelas próprias características culturais que formam essas áreas.

Conforme a discussão, percebe-se que a palavra zona possui uma multiplicidade de significados. Quando utilizada na cidade é uma delimitação espacial que ordena o espaço, classifica áreas, seja por diferentes atividades, grupos, gestores, aspectos culturais, e tantos outros. É importante reforçar, que essa categoria pode ser constituída como objeto de ordenamento e planejamento urbano e regional ou como o resultado de um arbítrio intelectual que visa classificar uma dada área para fins de pesquisa. Dito isso, entendendo os diferentes significados, atributos e contextos que a palavra zona foi utilizada, principalmente na cidade, existe a intenção de valer-se dela como um espaço na cidade que possui características próprias para além de sua denominação social destinada aos espaços prostitucionais. Partindo do pressuposto que o conjunto dessas características, permite que exista uma leitura comum sobre esses espaços e que as pessoas conseguem identificá-los como uma Zona de Prostituição.

### 3.3.2. Associação da zona com à prostituição na cidade do Rio de Janeiro

Anteriormente pode-se compreender que a categoria zona foi e pode ser utilizada de diferentes maneiras, além de possuir fortes ligações com a atividade da prostituição. É um termo particular do Brasil, em outros países o espaço que concentra a prostituição é conhecido como *Red Lights Distric* na Europa (HUBBARD, 1997) e *Sex Work Space* em outros países (HUBBARD; SANDERS, 2003; VAN MEIR, 2017). Nas cidades brasileiras a categoria é tradicionalmente utilizada desde a formação de alguns municípios. Portanto seu caráter espacial

pode mudar de lugar para lugar e de tempo em tempo, mas o nome zona permanece acompanhando a atividade.

No Brasil a prostituição nunca foi proibida legalmente, isso deu margem para que a atividade se fizesse presente nas cidades brasileiras, e que os poderes públicos locais lidassem com o assunto de maneira própria como pode ser visto em (RAGO, 1991; MENEZES, 1992; CAULFIELD, 2000; SILVA 2000; PEREIRA, 2002; SILVA 2012; SILVA, 2016). No caso do Rio de Janeiro, desde a formação da cidade, segundo Pereira (2002) as prostitutas e os rufiões<sup>7</sup> sempre estiveram presentes nas ruas. E era possível encontrar diferentes tipos de prostíbulo pela cidade. Antes do código penal republicano de 1890, os artigos 266, 277 e 278<sup>8</sup> em que qualifica a prática do lenocínio como crime, não havia nenhum impedimento legal para que a atividade acontecesse. Logo, qualquer tipo de espaço poderia abrigar a prostituição, assim como, podia existir terceiras mediações entre os clientes e as profissionais.

O número de prostitutas cresceu rapidamente na segunda metade do século XIX (SILVA, 2000), elas se espalharam pela cidade. Pereira (2002), relata que as complicações aparecem durante o período imperial. Tal avanço em algumas freguesias fazia com que famílias pobres competissem por imóveis com as profissionais, e se retirassem. Para o dono do imóvel o lucro era maior em alugar para uma meretriz que sempre pagaria um preço mais elevado, do que para uma família pobre, segundo Silva (2000). As profissionais utilizavam os espaços públicos como ruas, calçadas e praças e frequentavam pontos de encontro de diversão como os bailes públicos, os cafés e teatros, com o propósito de atrair clientes. Essas aparições em lugares públicos, que eram “vitrines” para elas, forçava o convívio do meretrício com outras atividades, algo que incomoda grande parte dos comerciantes e das famílias. Tal incômodo

---

<sup>7</sup> Homens que prestavam o serviço de segurança às prostitutas. Eles zelavam pela integridade física das profissionais, roubos por parte da “malandragem” e garantiam que os policiais não as importunavam enquanto trabalhavam. Os rufiões também asseguravam que os clientes fizessem o pagamento do serviço prestado. (SILVA, 2012).

<sup>8</sup> É importante salientar que no Brasil colonial já havia repressão do delito de lenocínio com penas de açoite e perda de bens. O Código Criminal do Império de 1830 não inseriu o lenocínio em seus tipos penais. O referido delito veio a ser inserido apenas no Código republicano de 1890, em razão da alteração da Lei Melo Franco em face dos compromissos assumidos pelo Brasil na conferência de Paris. Posteriormente passou por duas reformulações em 1915 e em 1940, que está em vigor até os dias atuais.

chamou a atenção do poder público e da classe médica, que se preocupava com a ameaça à ordem e a saúde pública (SILVA, 2000).

Nos primeiros anos republicanos, segundo Silva (2000) a capital federal passava por uma remodelação urbana pautada no pensamento higienista. Essa transformação não via com bons olhos a prostituição. A mistura de mulheres de diferentes origens e cores, que há décadas vinham expondo-se nas portas e janelas das casas localizadas no caminho dos bondes e em meio a um comércio “respeitável”, compunha um cenário incompatível com a capital republicana que estava se transformando. Além disso, havia uma pressão dos médicos higienistas que conferiam o problema da sífilis na área central as prostitutas. E a Igreja, que argumentava o perigo das prostitutas para as famílias e para as jovens moças trabalhadoras. A prostituição tinha se tornado sinônimo de imoralidade. Logo, a polícia, políticos, intelectuais passaram a se preocupar com a atividade na cidade e procurar maneiras para controlá-la. Tornou-se assim um problema público<sup>9</sup>.

A repressão ao meretrício, quase inexistente no período imperial, aumentou na República Velha. Dessa maneira, deu início ao deslocamento de meretrizes, consideradas inconvenientes aos olhos do poder público. Os delegados do distrito do centro iniciaram uma espécie de “saneamento moral” nas áreas valorizadas e de interesse para o comércio, deslocando as profissionais para outros lugares da cidade (SILVA,2000; PEREIRA,2002). Para que essas ações fossem possíveis de acontecer a polícia utilizou o mapeamento de médicos higienistas das chamadas zona de meretrício<sup>10</sup>, segundo Silva (2000). Esse termo era proveniente do conjunto de ruas onde existiam as casas de tolerância (atualmente chamadas de casas de prostituição). Os delegados também tinham mapeadas as ruas em que as profissionais praticavam o *trottoir*<sup>11</sup>, como pode ser visto na figura 4.

Dessa forma, acredita-se que essa foi a **primeira associação** do termo zona com a prostituição na cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento a zona de

---

<sup>9</sup> Se tornou um problema público pois era uma preocupação do poder público local em controlar a prostituição. Além disso, o problema ganhou uma visibilidade pública por ser noticiado pelos jornais.

<sup>10</sup> Identificamos na bibliografia que nesse período o termo utilizado era meretrício, quase não se falava prostituição.

<sup>11</sup> Prostituição praticada na rua.

prostituição pode ser considerada um espaço “naturalmente” definido para a atuação da prostituição nos termos da Escola de Chicago. O termo “área natural” é usado quando certas áreas da cidade encontram sua vocação “natural” a partir das negociações de espaço que se travam pelas relações sociais estabelecidas no meio urbano. Ou seja, são criadas áreas “naturalmente” e não por intermédio de uma ação estruturada via administração pública e do planejamento urbano oficial (PARK, 1984). Nesse contexto, no Rio de Janeiro, essas ruas que formavam a zona eram o espaço de atuação das profissionais para exercer a atividade em vista da visibilidade que essa área da cidade proporciona aos profissionais. Sendo assim, a zona de prostituição nesse momento é uma área natural da atividade. Logo, essa associação é proveniente da localização em si da atividade em determinadas ruas da cidade.



Figura 4- Mapa das ruas que constituía a zona de prostituição na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.

Com o “saneamento moral”, as profissionais por vezes trocavam a modalidade da prostituição e ocupavam outras ruas centrais. Muitas optaram por migrar para os arredores da Lapa, local próximo ao centro. Nesse movimento inicial por parte das profissionais, às autoridades policiais viram a oportunidade



Na segunda década do século XX a lógica muda. Permanece a ideia de “limpar” a prostituição das ruas centrais, porém com o intuito de limitar a atividade em uma única área da cidade. Se antes a intenção era de descentralizar a atividade, agora a lógica era de concentrar e junto a isso controlar. Dessa vez, o poder público já tinha um lugar definido, a região do Mangue (atual bairro da Cidade Nova e Estácio). Deu-se início a novas ações policiais no sentido de levar a atividade para as ruas do Mangue, como pode ser visto na figura 6. Assim, na década de 1920 há a formação dessa famosa zona de prostituição na cidade. Nesse sentido, pode-se perceber uma **terceira e última associação** da zona com a atividade na cidade do Rio de Janeiro. É a delimitação realizada pela polícia onde a prostituição tem permissão de ocorrer. A ideia de zona de prostituição muda um pouco de contexto, deixa ser um lugar que naturalmente os atores envolvidos com a atividade se instalam e passa a ser o lugar em que as profissionais podem trabalhar. Caso uma profissional saísse desse limite, poderia sofrer algum tipo de violência ou ser presa.



Figura 6- Mapa da Zona do Mangue

O curioso desse novo sentido da zona de prostituição, é que ali se encontram não apenas as profissionais e os demais atores envolvidos com a atividade. Mas também grupos considerados transgressores como malandros,

bicheiros, sambistas, ambulantes, ladrões, traficantes e outros. Além das casas de meretrício existiam outros estabelecimentos e moradias. A zona nesse contexto ganha um novo sentido pejorativo por parte da sociedade. Sofre não só com o estigma da prostituição, mas de um lugar que reúne grupos sociais “imorais”, “sujos” com o comportamento desviante.

Este processo, em que o Mangue foi sendo constituído como lugar ideal para a concentração da prostituição na cidade, contribuiu também para a definição dos espaços morais da cidade do Rio de Janeiro. Visto que seu zoneamento como área de prostituição se deu por um conjunto de forças decorrentes tanto das interações sociais quanto das estratégias de ordenação do espaço urbano surgidas nos projetos de modernização do Rio de Janeiro” (SIMÕES, 2010). Essa ideia fez com que o local fosse assumindo as características de uma “região moral”, noção trabalhada por Park (1984). O autor a define como uma tendência de segregação de reunião ou de concentração em certas áreas da cidade, em função da existência de certos gostos e temperamentos partilhados entre os habitantes desses agrupamentos. Nos termos do autor, são estas regiões definidas exclusivamente ou simultaneamente pela prevalência ou coexistência de um código moral específico, associado a gostos, hábitos, práticas ou mesmo padrões comportamentais divergentes. Dessa forma, a zona de prostituição em se tratando de uma área onde os habitantes podem emancipar seus impulsos contidos pelas morais vigentes, se estreita muito a essa ideia trazida pelo autor.

Conforme as seguintes décadas do século XX o Mangue se consolida como o lugar da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. Tem o seu declínio a partir dos anos 80 e foi extinto em 1992. As profissionais que resistiram se mudaram para a Praça da Bandeira, onde será implantada um novo espaço prostitucional com um nome de Vila Mimosa (SIMÕES, 2010).

### 3.3.3. As variáveis da zona de prostituição (1)

No item anterior percebemos que o termo “zona de prostituição” é utilizado pelas pessoas para indicar o conjunto de ruas ou uma área na cidade em que a atividade está presente. Portanto, acreditamos que essa categoria possui características próprias em sua composição espacial, se diferenciando dos

demais espaços prostitucionais, como o caso dos territórios da prostituição. Após entender como ocorreu a associação dessa categoria com a atividade da prostituição, decidimos encerrar esse capítulo sobre a zona com o objetivo de identificar as variáveis mínimas que configuram a zona de prostituição através de cinco estudos de casos: a Zona do Mangue, Zona de Guaicurus, Zona do Jardim Itatinga, Zona Vila das Garotas e a Zona Boca do “Lixo”. Serão explicitados os resultados sobre as descrições dessas zonas de prostituição em que procuramos identificar as variáveis que as caracterizam. Houve a preocupação em identificar como elas aparecem, e como qualificam esse tipo de espaço prostitucional.

Percebemos, que as zonas de prostituição possuem características que variam. Essas variações são provenientes de cada contexto que esses estudos de caso possuem. Se localizam em diferentes cidades, logo possuem diferentes posições geográficas no país. Dessa forma, identificamos variáveis que não existem em todas as zonas, como: estar em área afastada, formação de rede econômica e segurança, normas, entornos de vias e outros. Ainda que existam todas essas diferenças, foi possível identificar variáveis constantes em todos os estudos de caso. São elas: 1) Estar em espaço discreto; 2) Possuir conjunto de edificações; 3) Copresença de diferentes atividades e pessoas; 4) Profissionais trabalhando no espaço público; 5) Permanência da atividade.

nº	Variáveis
1	Espaço Discreto
2	Conjunto de edificações
3	Co-presença de atividades e pessoas
4	Profissionais no Espaço Público
5	Permanência

Figura 7- Tabela com as variáveis identificadas nas descrições das zonas de prostituição.

A **Zona do Mangue** foi uma famosa zona de baixo meretrício carioca do século XX, que se localizava na região do Mangue (atual Cidade Nova). Percebeu-se que, ainda que essa zona estivesse próxima de uma rua principal, localizava-se longe dos olhos dos transeuntes, em um **espaço discreto**. A zona do Mangue se configurava espacialmente, por **conjuntos de edificações** de

diferentes tipos arquitetônicos como: casas, casebres e sobrados. Seus usos variam entre o meretrício, bares, vendinhas, hotéis e habitações. Alguns bordéis tinham bares, uma estratégia para obter mais lucro para além da prostituição. Quando não havia esse espaço dentro da casa de meretrício, existia uma **associação** com os bares mais próximos. Foi identificado, que era possível encontrar tanto meretrizes mulheres, quanto travestis. Estas espalharam-se nas ruas, nos bordéis e nos bares, sem a **restrição de horário**. Atuavam **fortemente nas ruas do Mangue**, a fim de exporem seus corpos. Embora, também utilizassem os sobrados, as portas e janelas das casas de meretrício **dia e noite**. Foi detectado, que existiam **diferentes atores** que compartilhavam a Zona do Mangue. Além das prostitutas, existiam as cafetinas e cafetões, os rufiões, os policiais<sup>12</sup>, variados tipos de comerciantes, além de grupos considerados marginalizados como, os traficantes e os bicheiros. Observou-se, que nas descrições havia homens que frequentavam a zona vestidos de fardas e uniformes, além dos policiais. Muitas das bibliografias se referiam a marinheiros e trabalhadores fabris como possíveis clientes. Pôde-se perceber, que esses diferentes grupos formavam uma espécie de **rede**, e que aproveitavam o sistema espacial da zona como uma “fortaleza”, bem como, sua “liberdade” para promoverem suas atividades. Para isso, existiam **normas** na zona. Eram acordos informais que todos deveriam seguir para manter a segurança e tranquilidade do local. A liberdade do funcionamento do meretrício, fortaleceu a ideia de o Mangue ser o lugar da prostituição na cidade do Rio de Janeiro.

A **Zona do Jardim Itatinga** é uma conhecida zona de prostituição na cidade de Campinas, Estado de São Paulo. Está localizada na região sudoeste da cidade no entroncamento entre a Av. Santos Dumont e a rodovia Bandeirantes. Essa zona de configura por vários **conjuntos de edificações**, dentre eles: casas e prédios de gabarito baixo. Existem **diferentes usos** como: mercadinhos, farmácias, mecânicas, bares, boates, salões de beleza, lojas de roupas entre outros. Além de uma variedade de usos ligados diretamente ao comércio do sexo como: casas de show erótico, pequenos motéis e as casas de meretrício. Em alguns casos, há serviços como, os bares e as boates, que se

---

<sup>12</sup> Segundo Silva (2012) esses policiais eram chamados pelos jornais de milicianos. Eles faziam a proteção da zona em troca de dinheiro.

**associam com a prostituição.** Também foi relatado na bibliografia, que há no comércio local, a presença de vendedores ambulantes que circulam pelas ruas da zona vendendo seus produtos. Existem também instituições, como a pastoral da mulher marginalizada e o centro de saúde. Foi relatado que nessa zona pode-se encontrar prostitutas mulheres e travestis trabalhando o tempo todo, durante o **dia e a noite**. As profissionais **esperam os clientes nas ruas** do Jardim Itatinga, para que sejam vistas pelos clientes que passam de carro. Utilizam também, as varandas e janelas das casas de meretrício. Foi detectado, que existem **diferentes atores** nessa zona. Além das prostitutas, cafetinas e cafetões, existem os seguranças das casas de prostituição e das boates e variados tipos de comerciantes. Pode-se perceber que nesse caso, também há uma **rede**, que aproveita das vantagens da delimitação espacial da zona e de tudo que é permitido acontecer ali, para seu benefício. No Jardim Itatinga, assim como no Mangue, há **normas** de comportamento que precisam ser obedecidas por todos que frequentam e vivem nesse lugar. Essas regras são para manter o bom funcionamento da zona, sem expor as atividades e as pessoas inseridas nesse contexto. Devido a sua grandiosidade, o Jardim Itatinga não é apenas o lugar da prostituição em Campinas, como uma das maiores zonas de prostituição da América Latina.

A **zona de Guaicurus** foi uma zona de prostituição de baixo meretrício de Belo Horizonte no século XX, era a maior do Estado. Estava localizada na parte mais baixa da cidade, próxima de ruas principais (hoje rodoviária). Observou-se, que a Zona de Guaicurus se configurava espacialmente, por uma rua que abrigava um **conjunto de edificações**. Possuíam a tipologia de casas, sobrados e galpões, que comportam **diferentes usos**, como: cabarés de vários tipos, casas de meretrício, casas de show, bares, casas de jogatina e o comércio de rua e algumas indústrias. Por ter sido implantada no centro de Belo Horizonte, a zona tinha restrição de funcionamento, ainda que as meretrizes tivessem uma **grande permanência** no local. Ela era mais ativa no período da noite e da madrugada, depois que as lojas fechavam. As meretrizes ficavam **nas ruas** à espera de clientes, algumas utilizavam as escadas, portas e janelas para serem vistas. Além disso, algumas meretrizes utilizam os bares como o lugar de adquirir clientes. Foi identificado, que nessa zona também haviam **diferentes atores**.

Além das prostitutas, existiam as cafetinas e cafetões, os rufiões, policiais e os donos dos bares da região. Assim como em outras zonas de prostituição tratadas aqui, foi percebido que em Guaicurus existiu uma **rede** de pessoas que fortalecia suas atividades, dentro dessa espacialidade. Da mesma maneira, que conduziam as **normas** da zona. As cafetinas e cafetões cumpriam seu papel de controle, proteção e mediação através dos rufiões e de policiais.

A **Vila das Garotas** é uma zona de prostituição da cidade de Rosana, extremo sudoeste do estado de São Paulo. Esta zona se localiza na Estrada da Prainha, mais conhecida como Estrada Municipal. É uma rua de atalho que interliga a cidade de Rosana ao distrito seguinte, de Primavera. Se configura espacialmente por um **conjunto de edificações**, todas em tipologia de casa. Seus **usos variam** entre o meretrício, as casas de show e os bares. Algumas casas de meretrício têm bares dentro da casa, para fomentar a economia. Portanto, existem dois bares na zona que são utilizados pelas profissionais para se exporem aos clientes. Nesse sentido, a **rua** da zona é mais utilizada, as meretrizes circulam pelas ruas, algumas colocam cadeiras na frente das casas ou ficam sentadas no muro. Isso ocorre durante a **noite e a madrugada**. Existem **diferentes atores** nesta zona, além das prostitutas, as cafetinas, os clientes, e os donos dos bares. Na cidade de Rosana existem outras áreas de prostituição, mas a Vila das Garotas por ser um espaço onde a prática da prostituição acontece sem nenhum tipo de restrição, é considerada o lugar da prostituição na cidade. Tal fama lhe tornou um espaço turístico na cidade.

A **Zona “Boca do Lixo fica** na cidade de Vilhena, no Estado de Roraima. Está localizada às margens da BR 364, uma estrada de acesso principal e que corta a cidade toda. Essa zona se configura espacialmente por um **conjunto de edificações**, com tipologias arquitetônicas de prédios com gabaritos baixos e galpões. Eles possuem **diferentes usos** como: posto de gasolina, bares, lanchonetes e casas noturnas. Nessa zona não existe a casa de prostituição. Os quatinhos, onde é finalizado o programa, ficam dentro dos bares e lanchonetes. Foi identificado, que nessa zona é possível encontrar tanto meretrizes mulheres, quanto travestis. Elas atuam na calçada próxima a BR, em frente ao posto de gasolina e os bares a espera dos clientes. Isso ocorre durante o **dia e a noite**.

Existem **diferentes atores** na Boca do Lixo, como: as profissionais, os donos dos bares e restaurantes, os clientes e os funcionários dos estabelecimentos comerciais. Essa zona de prostituição é a que mais se diferencia de todos os casos trazidos até aqui. Mas, é importante ressaltar, que a Boca do Lixo é considerada o lugar da prostituição na cidade de Vilhena. Essa fama foi intitulada pelos caminhoneiros, que costumam realizar suas paradas nesta zona e usufruir da atividade.

#### 3.3.4. As variáveis da zona de prostituição (2)

A partir das descrições dos estudos de casos pode-se perceber que todas as zonas de prostituição se localizam em **espaços discretos**. Ainda que estejam situadas nas áreas centrais das cidades, com grande movimentação, próximo de grande fluxo de pessoas, a rua ou o conjunto de ruas onde a zona de prostituição está implantada, é um lugar escondido, como pode ser visto na figura 8. Há pessoas que passam próximo a zona e não imaginam que ela está ali. No caso da Zona do Mangue, Jardim Itatinga e Vila das Garotas, a própria morfologia urbana se encarrega disso. A localização desses espaços é entre grandes eixos viários e atrás de outras construções. Enquanto que na Zona de Guaicurus devido ao seu horário de funcionamento ser noturno, lhe atribuía mais discrição. Durante o dia, aqueles que passavam pela rua não sabiam que à noite, aquele lugar possuía uma dinâmica bem diferente. Acredita-se que estar em espaços discretos é uma estratégia para não expor os atores e as interações sociais que ocorrem na zona. É uma forma de preservar a todos.

Os **conjuntos de edificações** contribuem para a delimitação da zona de prostituição na cidade. Fora do limite dessas edificações, já não é mais considerado zona. São construções de diferentes tipologias arquitetônicas como: casas, casebres, sobrados e prédios com gabarito baixo. Esse conjunto acontece de forma geminada -encontro entre paredes divisórias da construção, segundo a figura 8. Em alguns casos, existe mais de um conjunto de edificações, como era na Zona do Mangue e como é no Jardim Itatinga, que por serem maiores, configuraram-se como um bairro. Outra função das edificações é para a finalização do programa. Elas possuem os quartos onde os clientes são levados (figura 8). Na zona do Mangue e no Jardim Itatinga, muitas profissionais

moram nessas edificações. Observou-se que as profissionais além de utilizarem a rua, permanecem nos elementos das fachadas como as portas e janelas para terem maior visibilidade dos frequentadores da zona. Dessa forma, os conjuntos de edificações possuem duas funções na zona: delimitação espacial e suporte para a atividade.

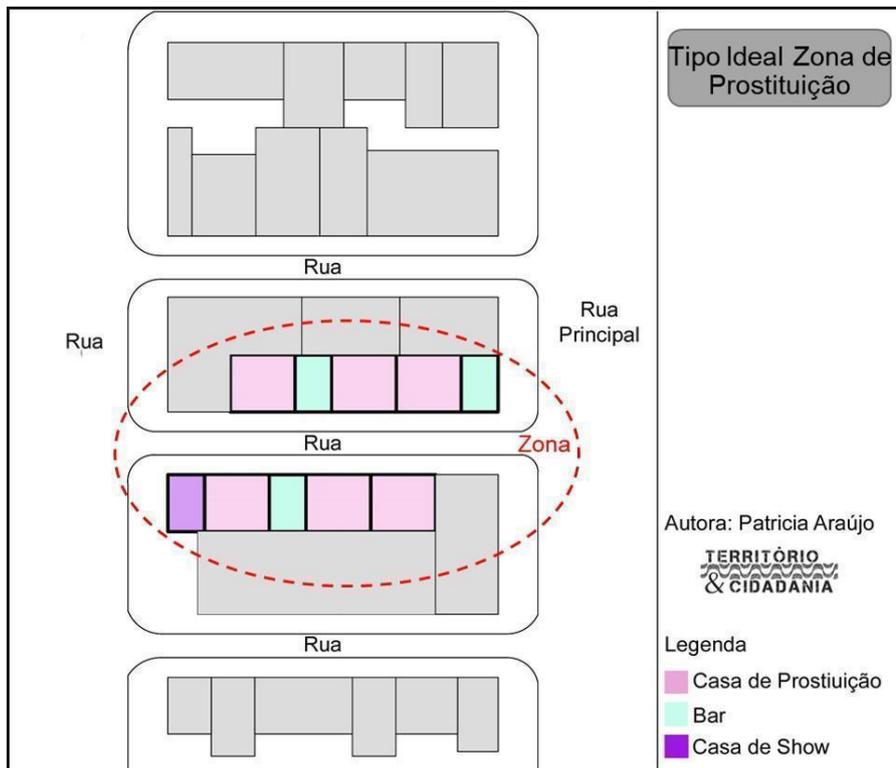


Figura 8- Tipo ideal de uma zona de prostituição a partir das descrições dos estudos de caso.

Uma das variáveis mais importantes da zona de prostituição, é a presença das **profissionais nos espaços públicos**. Essa prática de utilizar as calçadas e ruas para chamar atenção dos clientes, é muito significativa. Mesmo existindo as casas de meretrício, é na rua que se ganha maior visibilidade. Isso varia nos estudos de casos. Na grande maioria, as profissionais ficam alguns momentos paradas ou caminhando pela rua. Na Vila das Garotas as profissionais repetem esse padrão, mas também colocam cadeiras nas calçadas à espera dos clientes. Dessa forma, o espaço público na zona, tem uma importância crucial para que a atividade aconteça.

Além da atividade da prostituição, a zona conta com **a copresença** de outras atividades e conseqüentemente de diferentes atores. Observou-se que os

estabelecimentos comerciais coexistem com a prostituição nesse espaço. Como mercadinhos, mecânicas, ambulantes, lojas de roupa íntima, boates, casa de show, entre outros. Chama atenção o bar, que tem muita força na zona, e que em alguns casos absorvia essa prática, permitindo que as profissionais esperassem os clientes em frente ao estabelecimento, como pode ser visto na figura 8. Dessa forma, isso faz com que, **diferentes atores** também coexistam na zona de prostituição. Eles variam entre as profissionais do sexo, seus agenciadores (cafetinas e cafetões), os antigos rufiões e atuais seguranças, os comerciantes e os frequentadores da zona. Nesse sentido, pode-se dizer que existe uma **associação** de algumas atividades com a prostituição, como ocorrem em todas as zonas o caso dos bares. No Jardim Itatinga, ocorre também com as boates. Dessa forma, esses estabelecimentos que permitem que as profissionais estejam atuando em suas dependências ou na calçada em frente a eles, também ganham visibilidade. Assim, na zona a prostituição não só coexiste com outras atividades, como se associa com algumas delas.

Por fim, a última variável comum em todos os exemplos, é a **permanência** da prostituição em seus espaços. Chama-se de permanência, tanto o tempo de trabalho das profissionais, como o fato de existirem construções voltadas para o uso da prostituição, como pode ser visto na figura 8. Nesse sentido, ainda que durante um certo período não tenha a presença de prostitutas nesse lugar, seus elementos fixos, dão indícios que é a prostituição que tem protagonismo nesse lugar. Diante disso, esses espaços - a zona - se qualifica como zona de prostituição e não zona de bares, por exemplo. Ou seja, ainda que se tenha outras atividades na zona, é a prostituição o ponto chave desse lugar. No caso da Vila das Garotas, quando a prostituição não está “ativa” esse espaço e seus demais usos perdem a “ativação” também. Durante o dia a zona fica sem pessoas. As casas de meretrício, os bares e as casas de show ficam fechadas. Portanto, esse espaço permanece sendo a zona de prostituição, pois tudo nele é voltado para essa atividade.

### **3.4. Conclusão**

No início da pesquisa, suspeitava-se que a associação do termo zona com a prostituição podia estar relacionada com a morfologia urbana limitada dessa

área, ou até mesmo uma importação do termo. Ao contrário disso, identificou-se que o termo está relacionado com um processo espacial e histórico de concentrar a atividade em determinadas áreas da cidade. É importante observar, que sua delimitação não está reduzida apenas a morfologia, esta é uma consequência. Ela se delimita pelo raio de abrangência que a prostituição pode alcançar.

Ainda nesse caminho, fica claro que todos os sentidos atribuídos a zona de prostituição identificados nessa pesquisa, tratam de sua concentração. Portanto, o que muda é como ocorre essa atribuição ao espaço. Como visto, em um primeiro momento foi pela escolha das profissionais em se posicionarem nas ruas da cidade e depois passa a ser uma área designada pelo poder público. Dessa forma, ressalta-se que essa categoria não pareceu em momento algum ser definido pelos atores inseridos na prostituição, e sim por aqueles que precisavam obter controle sobre esses grupos e suas áreas laborais.

É importante perceber que essa associação da categoria zona e da atividade da prostituição faz pensar que a atividade esteve zoneada em diferentes contextos. Isso remete a ideia do zoneamento, como um instrumento do planejamento urbano, fazendo refletir que a zona de prostituição segue a mesma lógica, portanto foi estabelecida fora do planejamento urbano oficial.

Meditando sobre a natureza das variáveis identificadas nos estudos de casos, pode-se classificá-las em duas categorias. As variáveis (1 e 2), estão relacionadas aos aspectos físicos da zona, ou seja, a sua relação com estruturas da cidade e a sua morfologia espacial. Enquanto as variáveis (3, 4, 5) dizem respeito as práticas espaciais e os comportamentos existentes na zona. Diante disso, conclui-se, que para identificar uma zona de prostituição na cidade, é necessário observar os aspectos físicos e sociais, ou melhor, as morfologias e os comportamentos.

Conclui-se que o procedimento metodológico de utilizar os cinco estudos de casos foi eficiente para análises desse capítulo e para o prosseguimento de toda a pesquisa. Ainda, que se tenha diferenças espaço-temporais entre as cinco zonas de prostituição, foi possível identificar variáveis comuns entre elas. Obter

as variáveis foi fundamental para entender a espacialidade da zona, o que torna possível identificar uma zona de prostituição nas cidades. Nesse sentido, o próximo passo dessa pesquisa é justamente identificar as zonas de prostituição nos dias atuais na cidade do Rio de Janeiro, utilizando tais variáveis.

## 4 CAPÍTULO 2 - A ZONA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

### 4.1. Introdução

Nas cidades brasileiras as zonas de prostituição são áreas bastante tradicionais, sobretudo, no Rio de Janeiro, como visto no primeiro capítulo. Nas pesquisas sobre prostituição foi observado que as zonas de prostituição aparecem ou são apresentadas como um ponto de referência na cidade, se diferenciando dos demais espaços de prostituição, segundo seus elementos espaciais. Logo, tem-se a hipótese de que a distribuição espacial das zonas de prostituição não é de forma aleatória, ou seja, existe uma lógica espacial para a existência da zona de prostituição ser naquele lugar. Nesse sentido, acredita-se que determinadas áreas da cidade do Rio de Janeiro são propícias em abrigar essas zonas e que há algo em comum entre suas localidades, suas situações e lógica interna. Desse modo, tem-se **a questão**: *Onde estão localizadas as zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro?*

No primeiro capítulo, foi mostrado quais são as variáveis que caracterizam a espacialidade da zona de prostituição. Assim, o objetivo do segundo capítulo é identificar dentre os espaços prostitucionais da cidade do Rio do Janeiro qual ou quais deles se enquadram na tipologia da zona de prostituição. Para isso, vamos primeiro mapear os espaços prostitucionais existentes na cidade e entender como eles se distribuem segundo algumas categorias. Na segunda parte do capítulo, vamos classificar os espaços prostitucionais segundo a grade de variáveis que já foi estabelecida no capítulo anterior, para, enfim, identificarmos a zona. Nesta segunda parte, também vamos fazer uma análise das diferentes situações que as variáveis empregam nos espaços prostitucionais.

### 4.2. Materiais e Métodos

#### 1º Passo

Os mapeamentos de áreas prostituição existentes apresentam uma concentração na região central da cidade, divergindo com a proposta da pesquisa que é trabalhar com diferentes áreas. Dessa forma, foi realizado um mapeamento dos espaços prostitucionais nessa pesquisa. Devido a dificuldade

de localizar os espaços prostitucionais na cidade, em um primeiro momento, houve a intenção de realizar um mapeamento participativo com os agentes inseridos na atividade da prostituição. Porém, com o advento da pandemia do Coronavírus (COVID-19), foi necessária uma reformulação com o intuito de diminuir as idas a campo e contato com terceiros durante o processo dessa pesquisa.

Desse modo, optou-se por realizar um outro tipo de mapeamento participativo, dessa vez, utilizando como instrumento um formulário online disposto nos apêndices 1, 2 e 3, criado na plataforma *Google Forms*. O *Google Forms* é um aplicativo gratuito de gerenciamento de pesquisas da empresa Google. Tem como serviço criar questionários e formulários de registro online que podem ser usados para pesquisa e coleta de informações. Essa ferramenta foi escolhida por ser gratuita e por ter sido a melhor opção de atingir um número grande de pessoas no contexto de pandemia, em que realizar entrevistas presenciais não foi possível. A pesquisa obteve **527 respostas**, estas foram organizadas em uma planilha *Excel* e gerou gráficos de forma automática.

As perguntas presentes no formulário tiveram duas grandes funções. A primeira, auxiliar na localização e caracterização dos espaços prostitucionais, que deram a base geoinformacional dessas áreas. A segunda, otimizou as idas ao campo, que precisaram ser realizadas para confirmar a existência e as localidades dos espaços prostitucionais informados. Dessa forma, o *Google Forms* foi a melhor alternativa encontrada para realização dos primeiros levantamentos de dados. Na construção das perguntas, utilizou-se o termo “zona”, pois, no início da pesquisa, acreditava-se que “zona” era todo espaço que continha a atividade da prostituição. No exame de qualificação, entendeu-se que “zona” é uma particularidade espacial, o que levou à transformação da pesquisa. Daí em diante, passou-se a utilizar um termo “espaços prostitucionais”.

Dentre as perguntas, a primeira foi sobre a localização dos espaços prostitucionais nos bairros da cidade do Rio de Janeiro. A unidade do bairro foi utilizada nesse momento, por ser a forma mais fácil para as pessoas indicarem a localização dos espaços prostitucionais e depois para mapeá-los. Foi solicitado que se indicasse a existência de algum ponto de referência próximo ao espaço prostitucional ou se este possui um nome próprio. O nome próprio ajuda a

localizá-los, como é o caso da Vila Mimosa e do Jardim Itatinga<sup>13</sup>, que por terem nomes próprios são lugares de visibilidade e de longa permanência em uma mesma área, logo, todos sabem onde estão localizados. As perguntas sobre a tipologia física que o espaço prostitucional se encontra (rua, praça, calçadão) e o gênero que os compõem, tiveram o intuito de contribuir com a análise da localização. Essas categorias são bastante utilizadas em estudos sobre a espacialidade da prostituição, para entender como se consolidam nos espaços públicos, como foi mostrado por Ribeiro (1996; 1997; 1998). Por fim, a pergunta sobre o horário de funcionamento dos espaços prostitucionais, ou seja, em qual momento (diurno e/ou noturno) a atividade acontece, tiveram o propósito de contribuir para a eficiência na realização do trabalho de campo e uma posterior análise, pois o horário influencia sobre a questão da visibilidade do fenômeno de acordo com Ribeiro (1998), Tangerina (2017). As respostas dos formulários são anônimas e se tratando de um grupo social com relativa vulnerabilidade, os dados foram mantidos de forma sigilosa para os fins da pesquisa.

O formulário *online*, foi distribuído por meio do método *snowball sampling* (GOODMAN, 1961), um procedimento utilizado na sociologia e em pesquisas estatísticas que consiste em operar a partir de um pequeno grupo de informantes das redes de contato do(a) próprio(a) pesquisador(a) para um estudo específico. Assim, diz-se que o grupo de informantes cresce como uma bola de neve. Quando as redes sociais virtuais são usadas, essa técnica é chamada de amostragem de bola de neve virtual (BALTAR; BEUNET, 2012). No caso dessa pesquisa, esse formulário foi repassado via redes sociais (*WhatsApp, Instagram, Facebook e Twitter*). Em um primeiro momento, as pessoas próximas a mim, repassaram a outras próximas a elas e assim por diante, crescendo como uma “bola de neve”. Conforme o repasse do formulário aumentava, mais dados foram sendo coletados para o preenchimento do banco de dados. Nesse sentido, acredita-se que houve uma diversidade sobre a localização dos espaços prostitucionais, pois o formulário atingiu a grupos distintos, de diferentes classes e lugares da cidade. Ainda que o grupo de informantes não frequente os espaços prostitucionais, eles conseguem percebê-

---

<sup>13</sup> Jardim Itatinga é a maior zona de prostituição urbana da América Latina, se localiza na periferia da cidade de Campinas interior de São Paulo (RAMOS, 2012).

los ou sabem de sua existência na cidade, principalmente nos bairros em que residem.

Foram indicadas **70 localidades** dos espaços prostitucionais pela plataforma *Google Forms*. Estas foram consolidadas em uma planilha e os pontos foram geocodificados no formato *shapefile* em um sistema de coordenadas geográficas no software *Arcgis*. Assim, foi possível visualizar a localização dos espaços prostitucionais informados, como pode ser visto em cinza no mapa da figura 09. Após esse georreferenciamento feito, foi necessário ir a campo validá-los, ou seja, cada uma das 70 localidades teve que ser conferida, se existia e/ou se a atividade estava de fato nos espaços informados. Então, esse primeiro mapa auxiliou na validação, como um instrumento de navegação e de orientação no espaço. Dos 70, foram **confirmados 23** espaços prostitucionais, ou seja, foram confirmadas aquelas localidades em que se identificou as profissionais trabalhando. Com isso, houve uma atualização no banco de dados, para se trabalhar com as 23 localidades ao longo de toda a pesquisa, como pode ser visto, em vermelho, no mapa da figura 09.

Nessa etapa, foi realizado tanto o trabalho de campo de reconhecimento e verificação, quanto o exploratório. Foi triangulado informações de fontes heterogêneas: a bibliografia, o registro pelos questionários e o meu conhecimento prévio. O campo foi realizado no período de **junho a julho de 2021**. Foi feito de carro e as observações foram registradas em uma ficha de observação produzida em formato de tabela. Tal tabela, foi organizada de maneira que, as linhas correspondiam as áreas de prostituição e as colunas correspondiam as categorias: tipo de espaço público, gênero, período de ativação. Dessa forma, conforme era identificado cada elemento, marcava-se na ficha de observação. Acompanhado disso, as observações extras foram registradas em uma caderneta de campo.

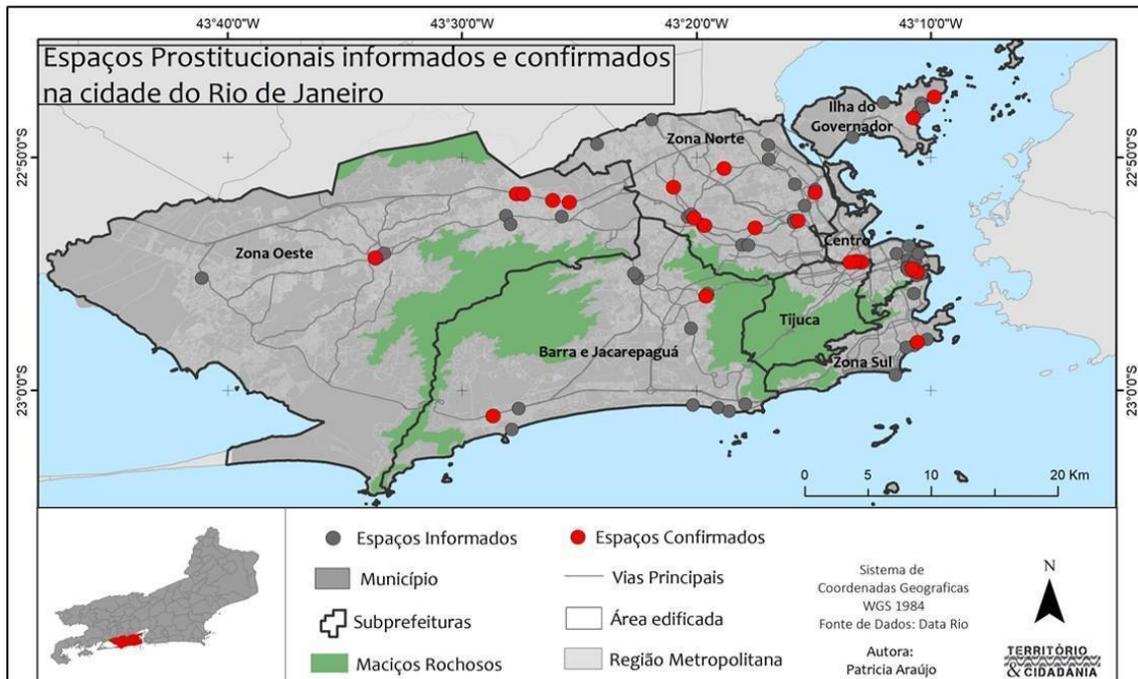


Figura 9- Diferenciação da distribuição espacial entre os espaços prostitucionais informados nas respostas do *google forms* e aqueles confirmados durante o trabalho de campo

Com a realização da validação, foi possível fazer análises sobre a distribuição espacial dos espaços prostitucionais, que serviu para pensar e identificar padrões espaciais em função de diferentes atributos. A distribuição pôde ser analisada pela concentração, dispersão e isolamento dos espaços prostitucionais; onde esses padrões mais aparecem; pela distribuição por gênero; pela distribuição da ativação dos espaços públicos com a atividade; e por fim, foi pensado em entender o padrão pelas tipologias dos espaços públicos (rua, praça, calçadão, parque, etc.). Portanto, identificou-se que todos se localizavam em calçadas, alguns desses, utilizavam as calçadas juntamente com a rua. Diante desse resultado, percebeu-se que o **tipo de via** em que esse espaço público se associa seria uma categoria mais relevante para as análises. Logo, utilizou-se as categorias estabelecidas pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB): vias rápidas, arteriais, coletoras e locais.

Para essas análises foram produzidos mapas que contribuíram para realizar as análises. Utilizou-se nos mapas, a unidade territorial das subprefeituras do município do Rio de Janeiro. O município do Rio de Janeiro, segundo o decreto Rio nº 48407 está sub administrado em sete subprefeituras (Zona Oeste, Barra e Jacarepaguá, Zona Norte, Ilha do Governador, Grande Tijuca, Centro e Zona Sul) cada uma dessas, administra as trinta e três regiões

administrativas (RA's) no município. Cada região administrativa agrega um conjunto de bairros. Outra quebra territorial existente, e que foi cogitada, são as áreas de planejamento (AP's), o município conta com 5 (AP1, AP2, AP3, AP4 e AP5), estas também agregam conjuntos de bairros. Portanto, essa quebra integra áreas como a Ilha do Governador com a Zona Norte e a Grande Tijuca com a Zona Sul, o que foi um problema no momento de fazer a análise da distribuição dos pontos. Identificou-se que era importante a Ilha do Governador e a Grande Tijuca serem unidades separadas para entender as diferenças espaciais entre seus espaços prostitucionais. Utilizar a AP seria uma quebra genérica e limitaria entender as diferenças entre essas áreas do município. Dessa forma, as subprefeituras por terem menos quebras que os bairros e as Regiões Administrativas e mais quebras que a Área de Planejamento, foi a escolha ideal para pesquisa.

## **2º Passo**

Para concluir o objetivo de classificar os espaços prostitucionais em zona, ou seja, identificar quais os espaços prostitucionais se enquadram como zonas de prostituição. A segunda parte do segundo capítulo propõe identificar as variáveis que caracterizam a zona de prostituição definidas no primeiro capítulo: 1) Estar em espaço discreto; 2) Possuir conjunto de edificações; 3) Co-presença de diferentes atividades e pessoas; 4) Profissionais trabalhando no espaço público; 5) Longa permanência da atividade. Logo, o critério de classificação foi classificar como zona de prostituição aquelas áreas em que foram observadas as cinco variáveis, como pode ser visto na figura 10.

Para isso, durante o trabalho de campo foi necessário identificar se essas variáveis apareciam de forma semelhante como observadas nos estudos de caso do primeiro capítulo. Durante esse processo identificou-se que essas variáveis, como o próprio nome diz, variam, ou seja, identificou-se que cada variável apresenta diferentes situações espaciais. O que levantou um novo questionamento, qual o motivo de tantas variações? Dessa forma, buscou-se entender seus motivos e se estariam associados a singularidade de cada espaço prostitucional. Portanto, a segunda parte do capítulo traz uma análise quantitativa - da classificação - e qualitativa - das variáveis.

nº	Variáveis
1	Espaço Discreto
2	Conjunto de edificações
3	Co-presença de atividades e pessoas
4	Profissionais no Espaço Público
5	Permanência



Figura 10- Critério de classificação dos espaços prostitucionais, segundo as variáveis da zona de prostituição.

Para o registro desses dados foi utilizada uma ficha de observação em que constavam as variáveis e o código correspondente ao espaço prostitucional que estava sendo observado. Junto a esse material, foi utilizada uma caderneta de campo, onde foi possível realizar a descrição daquilo que foi visto. É importante informar que nos trabalhos de campo em espaços prostitucionais não é permitido realizar registros com fotografias, vídeos e qualquer tipo de instrumento tecnológico como celulares. Isso é uma regra não dita, mas que não obedecida pode gerar um conflito. Era importante ser discreta nesses campos, o que impossibilitou fazer muitos deles a pé, por exemplo. A escolha do carro foi importante nesse aspecto e também na questão da minha segurança, visto que também foi preciso ir a campo de noite e em bairros totalmente desconhecidos.

Após o trabalho de campo esses dados foram tratados e analisados em tabela, sendo possível correlacionar as informações do campo com cada área de prostituição. Dessa forma, a tabela foi organizada e preparada para que se pudesse geocodificar todas essas informações junto a cada ponto no *software Arcgis*, onde foi possível realizar um mapa de classificação das áreas de prostituição de acordo com a soma das variáveis que foram identificadas em cada espaço prostitucional.

Sobre as situações das variáveis, ainda que não fosse o objetivo inicial da pesquisa, houve a preocupação de indicar onde e como essas diferentes situações espaciais ocorrem na cidade do Rio de Janeiro. Para isso, correlacionou-se os comportamentos, as posições e estratégias de visibilidade das profissionais perante as morfologias urbanas em que se encontram. Nessa segunda parte do capítulo, além dos mapas no auxílio das análises, foram produzidos croquis que contribuíram para pensar o motivo dessas variações.

### 4.3. Resultados

#### 4.3.1. Distribuição

Pode-se observar no mapa da figura 11 que os espaços prostitucionais se distribuem por diferentes partes do município, mas não estão dispersos por todo território. É possível perceber que existem áreas na cidade sem a presença da atividade. Isso ocorre em grande parte nas subprefeituras da Zona Oeste, principalmente na área de expansão urbana; Barra e Jacarepaguá; na Zona Norte, nos bairros mais a norte, próximos à região metropolitana e nos bairros mais a sul próximo a região da Tijuca; e por quase todas as partes da Ilha do Governador, Tijuca, Centro e Zona Sul. Deve-se ressaltar que esses vazios são provenientes do tipo de fonte de dado utilizado para o mapeamento dessa pesquisa e do que foi confirmado em campo. Portanto, ainda que nos espaços públicos dessas áreas possam existir espaços prostitucionais, a atividade não foi vista de forma ativa neles. Assim, nesse momento serão explicitados os padrões encontrados daquilo que foi visto.

O **primeiro padrão** que foi identificado são os **pontos isolados**. Denomina-se assim, áreas onde existe apenas um espaço prostitucional e que este se encontra afastado dos demais. Esse padrão ocorre na zona oeste no bairro de Campo Grande, na região da Barra e Jacarepaguá nos bairros da Freguesia e do Recreio e na zona sul no bairro de Copacabana. Segundo essa distribuição, com exceção do espaço prostitucional do bairro da Freguesia, os demais se localizam em bairros limítrofes do município, sendo assim espaços mais distantes de serem acessados (FIGURA 11). Acredita-se, que o espaço isolado na Freguesia ocorre por ser um bairro localizado na extremidade do Maciço da Tijuca. O que chama atenção para uma outra observação, não foram identificados espaços prostitucionais em bairros próximos aos Maciços da cidade, apenas na Freguesia.

O **segundo padrão** identificado é o da **dispersão** dos espaços prostitucionais. Esse padrão ocorre na zona norte e se limita entre a região do grande Méier até a região do grande Irajá. Essa dispersão ocorre no coração da zona norte, mas não chega ao meio da região. Observa-se que os espaços prostitucionais se dispersaram próximo as vias principais dessa área da cidade.

O **terceiro padrão** é dos espaços prostitucionais com **proximidades em áreas isoladas**. Isso ocorre na Ilha do Governador e no Centro na parte próxima a zona sul. Esses espaços prostitucionais, estão em bairros diferentes, mas que são próximos. Justificando assim, o isolamento em uma determinada área com poucas concentrações da atividade (FIGURA 11).

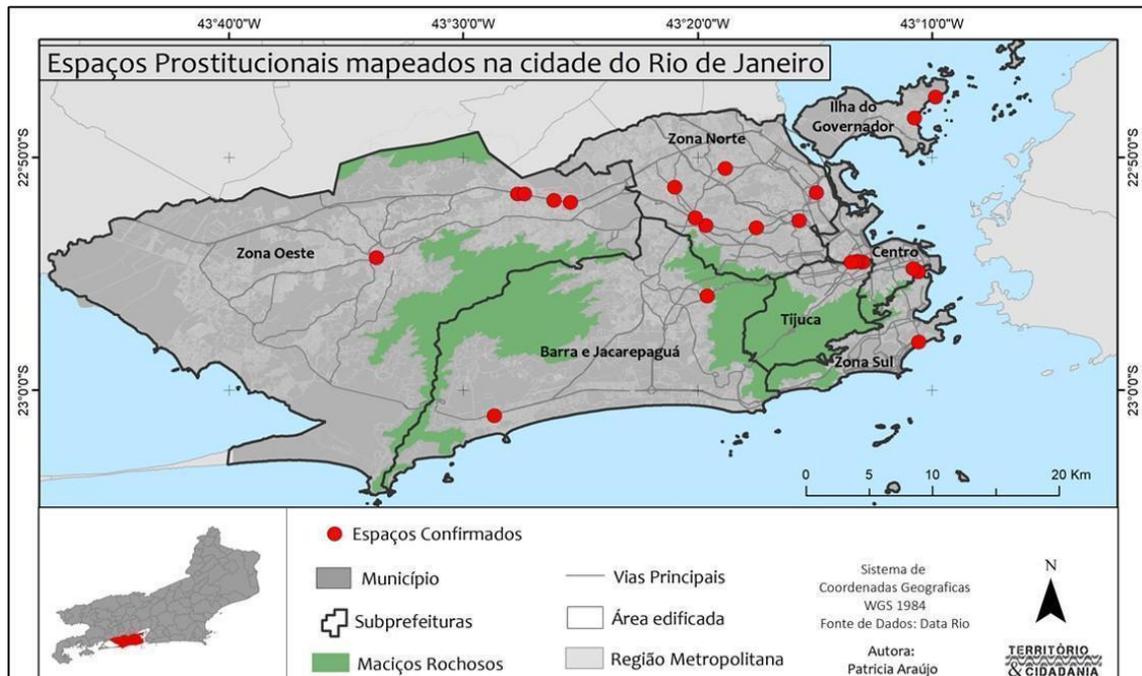


Figura 11- Mapa da distribuição espacial dos espaços prostitucionais.

Um **quarto padrão** é a **concentração** dos espaços prostitucionais. Isso ocorre em duas partes da cidade. A primeira, no encontro das subprefeituras da Tijuca e do Centro, onde se localizam respectivamente os bairros da Praça da Bandeira e São Cristóvão. Nessa região foram identificados quatro espaços prostitucionais, um no bairro da Praça da Bandeira e três localizados no bairro de São Cristóvão (FIGURA 11). Ainda que estejam em diferentes limites territoriais, aparecem como uma região única. Acredita-se ser um ponto de referência da atividade na cidade, devido a proximidade entre esses espaços e a grande oferta do serviço em uma única região, como pode ser visto na figura 12.

Isso remete a ideia de coesão espacial ou economias de aglomeração trabalhada por Corrêa (1989), que pode ser definida como aquele movimento que leva as atividades a se localizarem juntas. A consequência deste processo é a criação de áreas especializadas, como, por exemplo, as ruas especializadas

em móveis, autopeças, lustres e etc. Existem variações desse processo e neste caso da prostituição, apesar de não manterem ligações entre si, as profissionais oferecem o mesmo produto, formam um conjunto funcional que cria um monopólio espacial, atraindo consumidores que têm assim a possibilidade de escolher entre vários tipos, ofertas e preços.

A segunda concentração de espaços prostitucionais, está localizada na parte mais ao norte da zona oeste, nos bairros de Bangu e Realengo (FIGURA 11). Na verdade, se trata de uma segunda área de coesão espacial. Portanto, essa concentração ocorre de forma mais espaçada, em relação ao que acontece no caso anterior, como pode ser visto na figura 12. Essa área também possui quatro espaços prostitucionais, dois no bairro de Bangu e os outros dois no bairro de Realengo.



Figura 12- Zoom das áreas que concentram espaços prostitucionais.

É interessante observar como duas áreas distantes e distintas possuem o mesmo padrão de concentração. Diante disso, buscou-se pensar em alguns motivos para tal fato. O primeiro foi a relação centro e periferia. Até os anos 90, segundo Ribeiro (1998), a prostituição era concentrada no centro do Rio de Janeiro. Dessa forma, os clientes e todos os profissionais da área se deslocavam até esse destino, muitas vezes vencendo grandes distâncias entre centro e a periferia. Provavelmente, com o avanço da atividade para outras áreas da cidade, essas duas regiões se tornam estratégicas no quesito mobilidade, tanto para as profissionais quanto para seus clientes.

Se concordarmos que estas são duas áreas de coesão espacial, a relação centro e periferia pode se afirmar ainda mais. Pois segundo Corrêa (1989), a coesão é um processo que está presente tanto na centralização como na

descentralização, este segundo sendo o caso aqui apresentado. Além disso, o autor acrescenta que as áreas especializadas exigem contatos pessoais face a face e para que tais atividades se agrupam a acessibilidade é fundamental.

### *Tipo de Via*

A pesquisa em um primeiro momento foi pensada para entender a distribuição pelo tipo de espaço público, assim como foi perguntado no *google forms* e observado no campo. Nas respostas apareceram tipologias como: calçadas, ruas, calçadões, praças e praias. Portanto, nos espaços prostitucionais confirmados em campo, todos se localizavam em calçadas. Alguns desses, utilizavam as calçadas e concomitantemente a rua. Diante desse resultado, percebeu-se que o tipo de via em que o espaço público se associa seria uma categoria que traria mais respostas para as análises.

As vias foram classificadas segundo o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) que pela lei nº 9.503 de 23 de setembro de 1997 define diversas atribuições a autoridades ligada ao trânsito, fornece diretrizes para a engenharia de tráfego e estabelece normas de condutas, infrações e penalidades em todo o território brasileiro. As vias urbanas são classificadas em: **Rápidas** - caracterizada por acessos especiais com trânsito livre, sem interseções em nível, sem acessibilidade direta aos lotes lindeiros e sem travessia de pedestres em nível. Com velocidade máxima de 80 km/h; **Arterial** - caracterizada por interseções em nível, geralmente controladas por semáforo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias secundárias e locais, possibilitando o trânsito entre as regiões da cidade. Com velocidade máxima de 60 km/h; **Coletora** - destinada a coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade de entrar ou sair das vias de trânsito rápido ou arteriais, possibilitando o trânsito dentro das regiões da cidade. Com velocidade máxima de 40 km/h; **Local** - caracterizada por interseções em nível não semaforizadas, destinadas apenas ao acesso local ou a áreas restritas. Com velocidade máxima de 30 km/h.

Identificou-se três espaços prostitucionais que estão em rua local. Um no bairro de Campo Grande, o ponto isolado da zona oeste; na Praça da Bandeira, o ponto entre os aglomerados da região Tijuca/Centro; e em Cocotá, o ponto mais a sul da Ilha do Governador (FIGURA 13). Observou-se que essa pequena

dinâmica do tráfego interfere na visibilidade desses locais. Segundo Gomes (2013) a visibilidade é qualidade daquilo que é visível. Algumas coisas têm visibilidade, outras não. Isso porque determinados elementos espaciais contribuem para a visibilidade de um fenômeno. São concebidos e construídos para realçá-la. Então pode-se definir o que se quer mostrar, pra quem mostrar, onde e como mostrar. Dessa forma, o tipo de via nesses lugares permite que esses espaços prostitucionais fiquem mais escondidos aos olhos dos pedestres, mas não invisíveis. Isso significa que são vistos por aqueles que conhecem e/ou sabem o que vão encontrar nesses pontos. Nesse caso, as profissionais se expõem para um público específico. Ao mesmo tempo que existe uma preservação a todos os envolvidos com a atividade. Então, a disposição espacial colabora para o fenômeno da visibilidade.

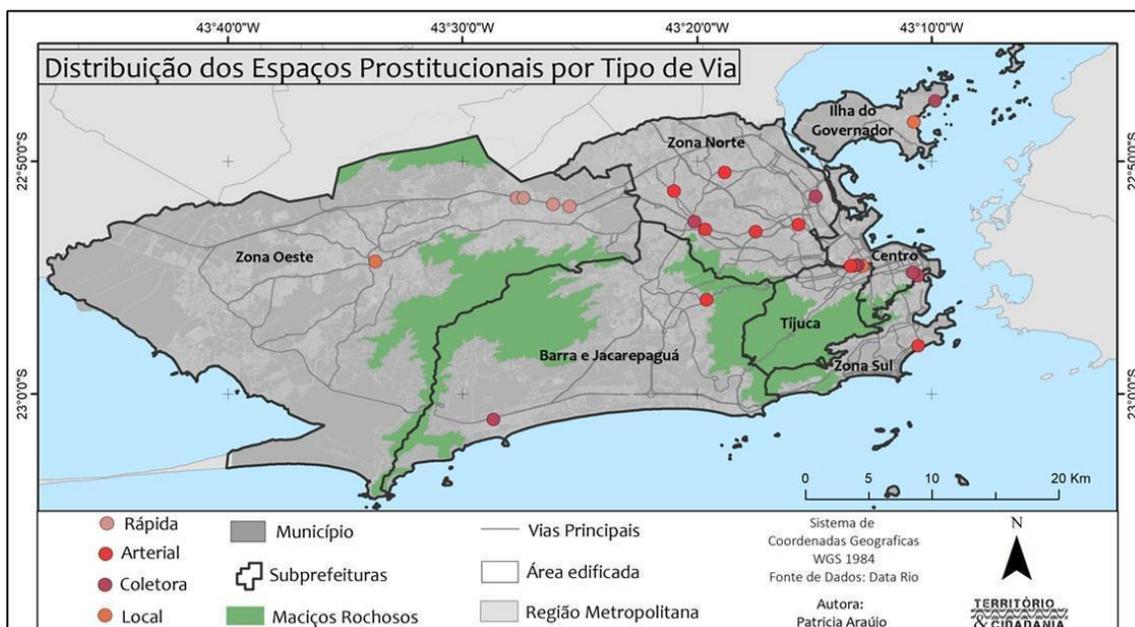


Figura 13- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o tipo de via em que os espaços públicos se associam.

A maioria dos espaços públicos em que esses espaços prostitucionais se encontram, estão em vias arteriais, como pode ser visto na figura 13. O que pode significar que as profissionais nesses lugares querem ser vistas por um maior número de pessoas, visto que, são vias onde o tráfego de veículos e pedestres é grande. Além de serem pontos de fácil acesso para as próprias profissionais. Essa mesma percepção ocorre nos espaços prostitucionais que estão em vias coletoras, como por exemplo o da Freguesia da Ilha, localizado mais a norte da

região da Ilha do Governador (FIGURA 13). Apesar de ser em uma rua final do bairro, ela possui um bom fluxo de pedestres e a passagem de uma linha de ônibus em velocidade baixa. Dessa forma, proporciona uma grande visibilidade as profissionais pelo público que trafega por ali, pois conseguem ser vistas.

Por fim, há quatro espaços prostitucionais que estão em espaços públicos em via rápida. São os quatro pontos mais a norte na zona oeste, aqueles do segundo processo de coesão espacial (FIGURA 13). O curioso deste caso, é que ele se parece com o das vias locais. Apesar da alta velocidade, esses espaços também propõem uma visibilidade a um público específico. Por serem lugares que os clientes precisam ter um conhecimento prévio de sua existência. Diferente do que ocorre nas vias arteriais e coletoras, em que se pode estar passando e ver a atividade da prostituição e descer do ônibus ou parar o carro, por exemplo. Na via rápida, não existe essa oportunidade e nem o mesmo esse tipo de visibilidade. Sem a informação prévia, esse espaço prostitucional passa despercebido.

### *Gênero*

Desde o início da pesquisa não houve uma pretensão em fazer um recorte de gênero nesse trabalho. A ideia inicial era trabalhar com todos e entender suas diferenciações espaciais. Um primeiro resultado dessa categoria é que tanto as informações do *forms*, quanto aquelas coletadas no trabalho de campo não mostraram prostituição masculina, apenas feminina e travesti. Isso reflete os pensamentos de De Matos e Ribeiro (1995) que os profissionais da prostituição masculina se localizam em lugares imperceptíveis ou maneiras de serem vistos que nem mesmo a fonte de dado e o olhar desta pesquisadora tenham tido a capacidade perceptiva de identificar. Outro possível motivo, seria de que a prostituição masculina cada vez menos esteja utilizando os espaços públicos como espaço laboral, ou até mesmo não exista mais nesses espaços, tendo sua maior expressividade associada, talvez, aos meios virtuais.

Pode-se perceber no mapa da figura 14, que ambos os gêneros se distribuem de forma equilibrada em quantidade por todo o município. A princípio não foi identificado nenhum padrão espacial. Ao correlacionar com os outros dados encontrados, foi possível identificar uma lógica espacial para essa distribuição.

A prostituição feminina ocorre na maioria dos espaços públicos com vias rápidas e arteriais. Enquanto a prostituição travesti ocorre em maioria nos espaços públicos com vias coletora e locais.

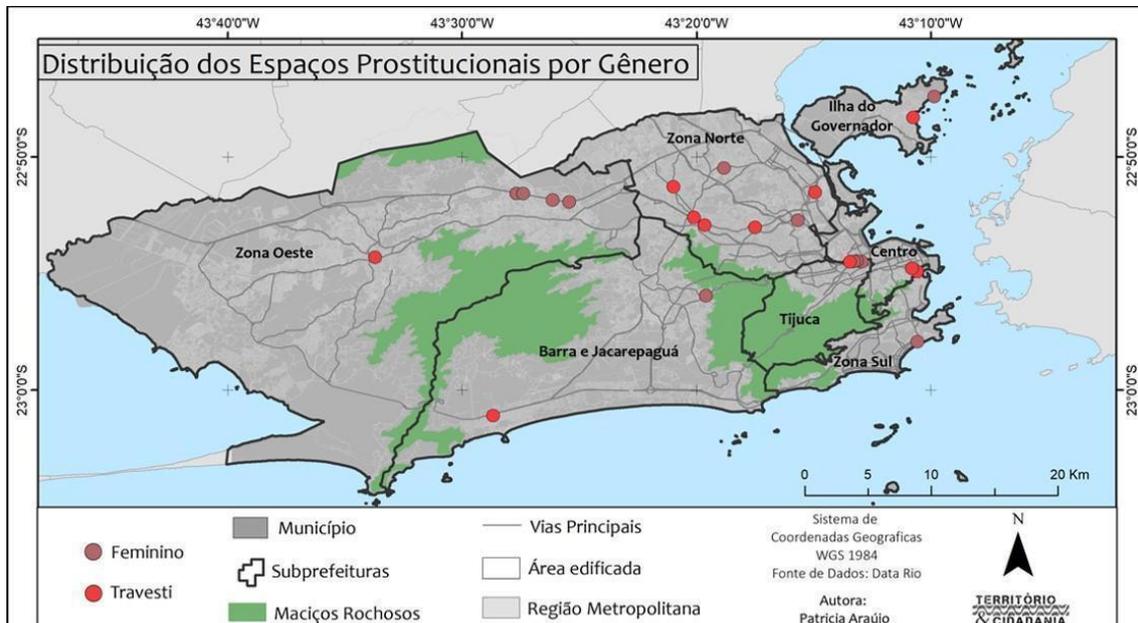


Figura 14- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o gênero de seus profissionais

Acredita-se que isso também está associado com o princípio de visibilidade que esses espaços públicos proporcionam devido ao tipo de via que fazem vizinhança. Logo esse padrão remete a ideia de Ornat (2008; 2011), em que a prostituição travesti precisa estar em lugares com a exposição reduzida, ou seja, com a visibilidade direcionada aos seus clientes. Assim sendo, uma forma desse grupo de se preservar de qualquer tipo de violência. É importante se atentar como a forma de locomoção do cliente é fundamental para a escolha de um espaço prostitucional, bem como para o tipo de gênero que irá ocupar esse espaço.

Um terceiro resultado é que a prostituição feminina e a travesti não ocorrem no mesmo espaço prostitucional. Isso pode ser visto no mapa da figura 14, na subprefeitura do Centro, na área de maior coesão espacial. Os diferentes gêneros estão próximos, mas não no mesmo lugar. Isso mostra que na cidade do Rio de Janeiro os gêneros não se misturam na atividade da prostituição, cada grupo permanece em um determinado espaço prostitucional.

*Dia e Noite*

Dia e noite é uma categoria importante nos estudos da prostituição. Pelo senso comum, acredita-se que essa atividade ocorre apenas no período noturno, mas algumas pesquisas já comprovaram que em diferentes cidades a atividade se faz no período diurno em espaços públicos e privados.

A maioria dos espaços prostitucionais estão ativos apenas à noite (FIGURA 15), remetendo a ideia desses espaços públicos serem efêmeros, visto que no período do dia pode existir qualquer outra atividade ou nenhuma atividade nesses espaços. Diferente disso, identificou-se que há espaços públicos que abrigam os espaços prostitucionais no período do dia e da noite. Estes estão localizados na Zona Oeste, nos bairros de Bangu e Realengo; Tijuca, no bairro da Praça da Bandeira; Centro, no bairro de São Cristóvão e na Ilha do Governador, na Freguesia da Ilha (FIGURA 15).

Novamente, procurou-se correlacionar os dados para obter uma melhor compreensão da lógica espacial dessa distribuição. Percebe-se que a maioria dos espaços públicos que a atividade da prostituição está ativa no período do dia e da noite são compostos por mulheres. Apenas um desses é composto por travesti, e está localizado no bairro de São Cristóvão nos arredores da Quinta da Boa Vista na subprefeitura do centro, na primeira área de coesão espacial. Esse dado reforça a ideia discutida anteriormente por Ornat (2008; 2011) de que a prostituição travesti para se assegurar de qualquer tipo de violência urbana que seus corpos costumam enfrentar, procuram atuar apenas no período noturno. A noite é uma condição importante que influencia em uma exposição mais discreta para esse grupo.

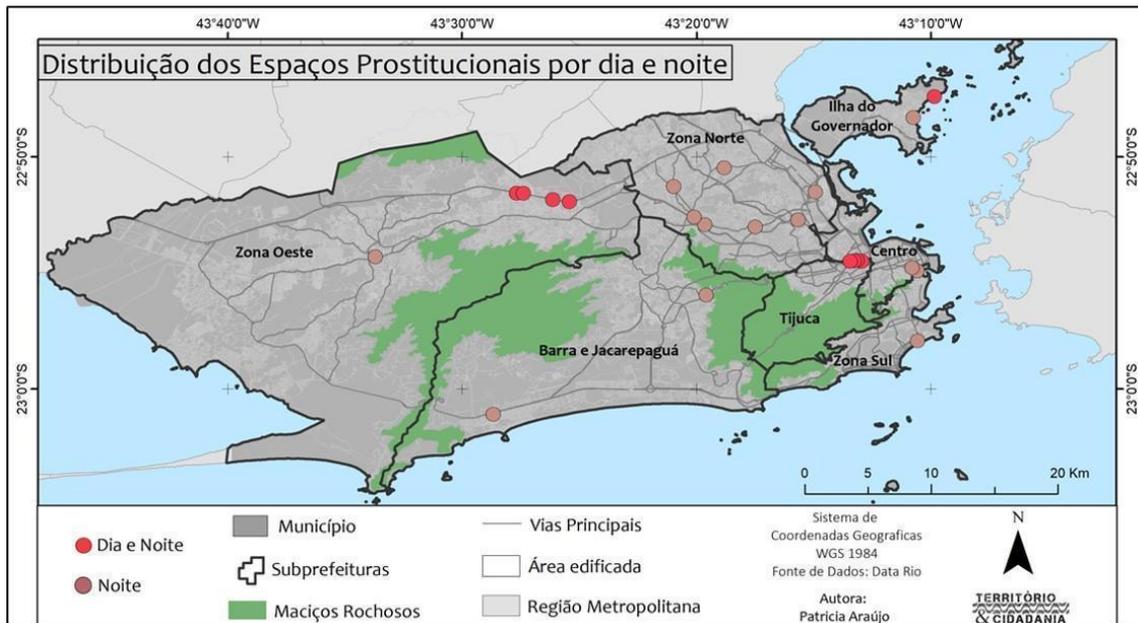


Figura 15- Espaços Prostitucionais distribuídos segundo o período de ativação da atividade.

De fato, a atividade ocorre predominantemente no período da noite. Chama atenção que as duas áreas onde há a especialização da atividade, são onde os espaços públicos estão ativos pela prostituição no período do dia e da noite. Fora desse padrão, tem-se o espaço prostitucional isolado da Freguesia da Ilha.

#### 4.3.2. Classificação dos espaços prostitucionais e as Variáveis da Zona

Identificou-se que apenas dois espaços prostitucionais na cidade do Rio de Janeiro possuem as cinco variáveis mínimas que caracterizam a zona de prostituição, como pode ser visto no mapa da figura 16. São os dois pontos verdes localizados na subprefeitura da Ilha do Governador no bairro da Freguesia da Ilha e na subprefeitura Tijuca no bairro da Praça da Bandeira. A maioria dos demais espaços prostitucionais apresentam ou duas ou três variáveis, respectivamente, equivalem a 50% e a 30% dos pontos de prostituição mapeados.

Ainda analisando as variáveis, constatou-se que apenas dois espaços prostitucionais apresentaram quatro das cinco variáveis, como se pode observar em verde claro no mapa da figura 16. Um desses, é um dos pontos localizado no bairro de São Cristóvão na subprefeitura da Tijuca, na região onde ocorre a coesão espacial. Enquanto o segundo se localiza na subprefeitura do centro, no bairro da Lapa, próximo a zona sul. Diante disso, constatou-se que todos os

espaços possuem alguma variável característica da espacialidade da zona de prostituição, ainda que nem todos se configurem como tal tipologia. Portanto, acredita-se que algumas dessas variáveis não são exclusivas da zona de prostituição e que pertencem a espacialidade dos espaços prostitucionais em geral.

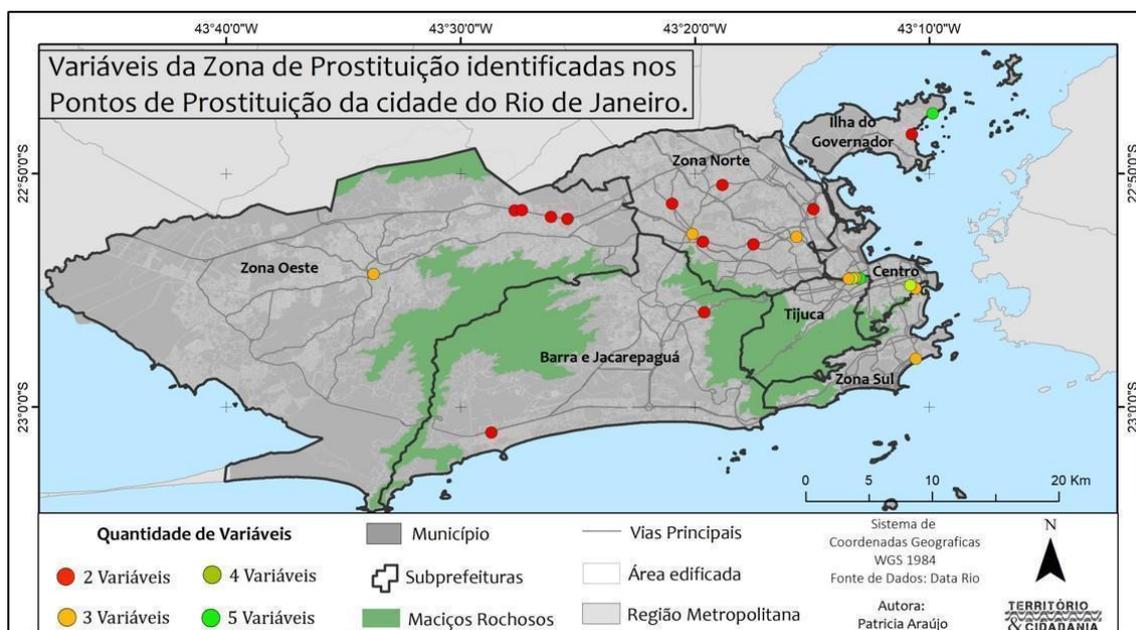


Figura 16- Classificação dos Espaços Prostitucionais segundo o quantitativo de variáveis

Outra observação é que as variáveis (1) Espaço Discreto e (4) Profissionais trabalhando no Espaço Público, apareceram em todos os pontos de prostituição. As variáveis (3) Copresença de diferentes atividades e atores e (5) Permanência, apareceram em 30% dos pontos de prostituição. A variável (2) Conjuntos de edificações, só aparece em dois pontos de prostituição. Dessa forma, temos como resposta que os espaços prostitucionais que se caracterizam como zona de prostituição são aqueles localizados no bairro da Praça da Bandeira (Tijuca) e no bairro Freguesia da Ilha (Ilha do Governador), respectivamente conhecidos pelo codinome: Vila Mimosa e Peixão, como pode ser visto no mapa da figura 16.

Para além das análises quantitativas e de localização das variáveis nos espaços prostitucionais, a fim de identificar qual deles se caracteriza como zona de prostituição, a pesquisa também teve como preocupação entender como as variáveis aparecem em cada um desses espaços. Observou-se que cada

variável apresenta diferentes situações espaciais, e que são provenientes da singularidade da morfologia urbana que cada espaço prostitucional está inserido.

### *Espaços Discretos*

Percebeu-se que todos os espaços prostitucionais se encontram em **espaços discretos**, mas em diferentes situações. A **primeira delas**, está em ruas desertas, com pouca iluminação, bastante arborização e que possuem edifícios com marquises, como se pode ver no mapa na figura 17. Nem todas são ruas principais, mas ficam próximas dessas. Essa primeira situação ocorre nos pontos verde escuro no mapa nos bairros de Campo Grande (Zona Oeste), Rocha Miranda e Vila da Penha (Zona Norte), um dos pontos de São Cristóvão e Glória (Centro), como pode ser visto na figura 17. Essa composição espacial permite que esses espaços sejam pouco movimentados, principalmente por pedestres. Logo, nessa situação, a lógica de abordagem do cliente ocorre melhor via veículo. Além disso, essa condição espacial possibilita as profissionais a oportunidade de se “camuflarem” nas sombras dessas estruturas, trazendo maior discrição para a atividade.

Os pontos verde-claros no mapa representam a **segunda situação** que foi encontrada. Nessa situação, os espaços prostitucionais estão localizados nos principais eixos viários da cidade, como pode ser visto no mapa da figura 17. Portanto, as profissionais se posicionam nos trechos mais desertos dessas vias em calçadas próximas a grandes estruturas urbanas. Isso ocorre nos espaços de prostituição localizados na zona norte, na parte mais a oeste no bairro de Cascadura e no Centro, na área de coesão em um dos pontos de São Cristóvão, em que as profissionais se posicionam em baixo de viadutos. Em uma segunda variação, as profissionais se posicionam em frente a grandes construções que ocupam metade ou uma quadra inteira (situação 2, figura 17), como é o caso dos espaços prostitucionais localizados na zona oeste, em Bangu e Realengo; zona norte, mas a Leste, no bairro da Abolição e Bonsucesso; na Ilha do Governador, nos bairros de Cocotá e Freguesia de Jacarepaguá; no Centro, nos bairros da Lapa e São Cristóvão, como pode ser visto no mapa da figura 17. Observou-se que essas estruturas têm diferentes usos, variam entre supermercados (Abolição); prédios públicos (Cocotá); casa de festas (Freguesia de

Jacarepaguá); motéis (Bangu, Realengo e Bonsucesso); aquedutos (Lapa); e Parques (Quinta da Boa Vista em São Cristóvão). Essas grandes estruturas permitem que a figura humana seja algo menos perceptível, possibilitando que as profissionais fiquem quase despercebidas para o grande público e vistas por aqueles por quem querem ser vistas - os possíveis clientes.

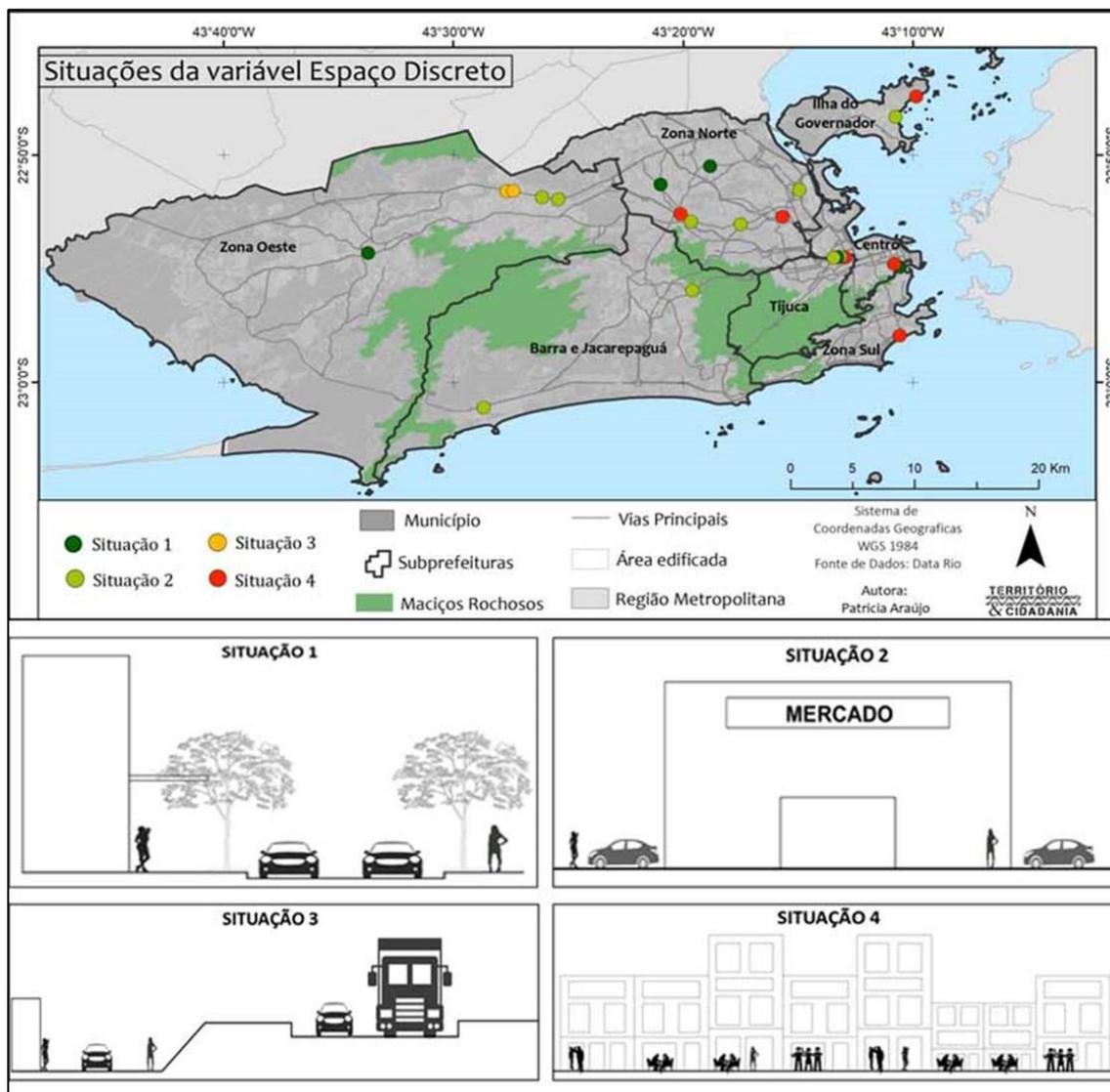


Figura 17- Situações da variável “Espaço Discreto” e suas localidades.

A **terceira situação** que foi identificada, ocorre em dois espaços prostitucionais, localizados na Zona Oeste no bairro de Bangu, como pode ser visto em amarelo no mapa da figura 17. Esses espaços prostitucionais estão bem próximos um do outro e também se localizavam em uma via principal de grande fluxo, a avenida Brasil. As profissionais se posicionam nas pistas laterais

de acesso ao bairro, em cota mais baixa da pista dos veículos. Devido a esse desnível, os espaços prostitucionais ficam mais preservados, ainda que as profissionais possam ver vistas a partir do nível mais alto da avenida por aqueles que passam de automóvel, como pode ser visto na situação 3 da figura 17.

Por último, foi identificada uma **quarta situação** que se diferencia das demais, pois os espaços prostitucionais são lugares mais movimentados e as profissionais se posicionam entre a multidão de pessoas e suas múltiplas atividades, como pode ser visto na situação 4 da figura 17. É mais sutil de perceber suas presenças nesse caso, mas não é impossível. Logo, a descrição está justamente nesses corpos contribuírem com a composição que se está formando nesse enquadramento. Essa situação ocorre nos espaços prostitucionais em vermelho, localizados na zona norte nos bairros de Madureira e Del Castilho; na Tijuca, no bairro da Praça da Bandeira; na Ilha do Governador no bairro da Freguesia da Ilha; no Centro no bairro da Lapa; e na Zona Sul, no bairro de Copacabana (mapa, figura 17).

### *Copresença*

Em relação a variável da **copresença**, observou-se que diferentes atividades e pessoas coexistem com a atividade da prostituição nos mesmos trechos de calçadas, largos e praças. Foram identificadas três variações da copresença durante o campo. Na **primeira situação**, as prostitutas compartilham a mesma calçada com vendedores ambulantes que comercializam algum tipo de alimento ou prestação de serviço. Eles utilizam estruturas provisórias de madeira ou pequenas barracas de ferro e as instalam na calçada. As profissionais se posicionam próximo aos ambulantes, estabelecendo, em alguns casos, uma relação de proteção mútua, como pode ser visto na situação 1 da figura 18. Essa primeira situação ocorre em amarelo, nos espaços prostitucionais localizados na Zona Oeste no bairro de Campo Grande e no Centro no bairro de São Cristóvão, segundo o mapa da figura 18. Vale ressaltar que no ponto de prostituição de São Cristóvão (Centro), existe uma segunda variação onde a calçada é compartilhada com uma borracharia e um lava-jato, que a utilizam também para o exercício da atividade. Dessa forma, os

funcionários desses estabelecimentos também coexistem no espaço público com as profissionais.

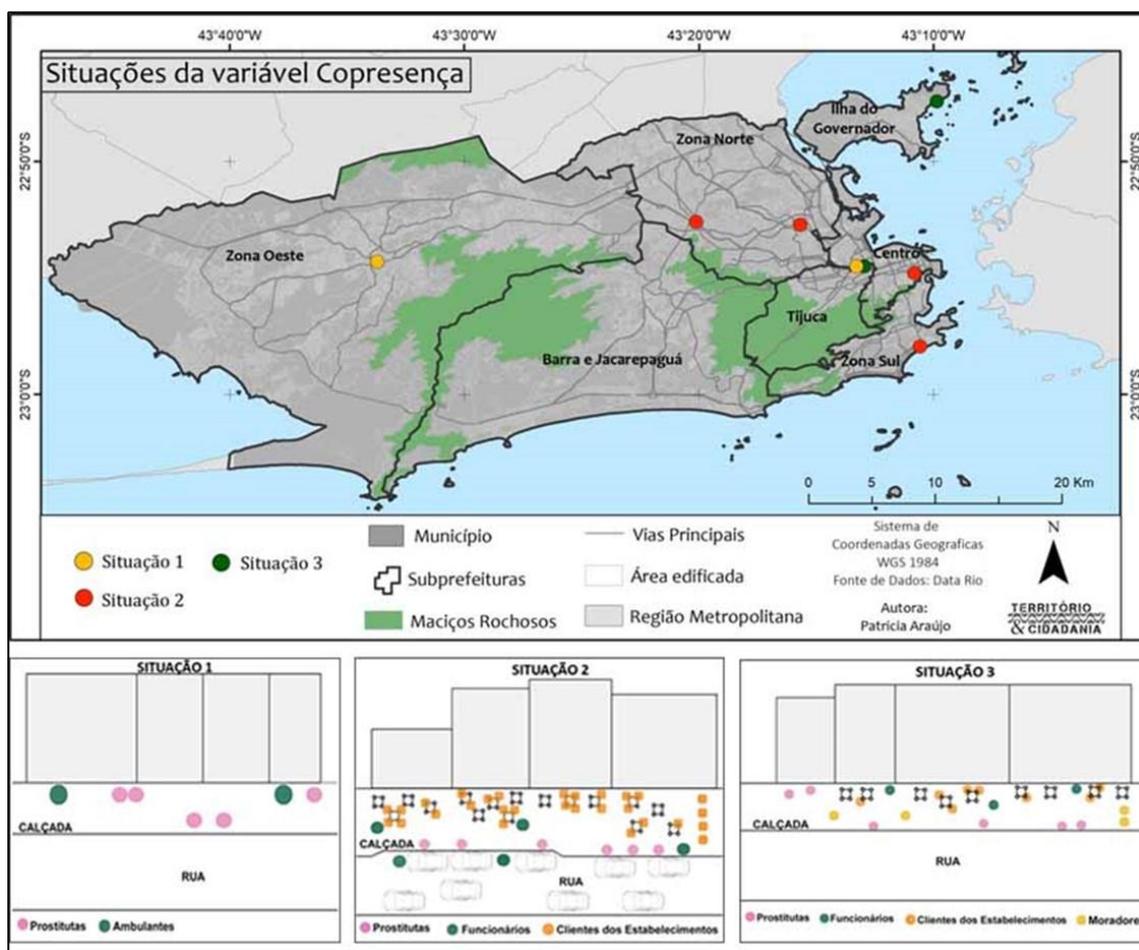


Figura 18- Situações da variável “Copresença” e suas localidades.

Na **segunda situação**, como pode ser visto na figura 18, verificou-se que as profissionais partilham as calçadas com os clientes de bares e restaurantes, estes se instalam nas mesas que ficam do lado de fora dos estabelecimentos. Além dos frequentadores, os funcionários também ficam nos espaços públicos, recepcionando e servindo os clientes. Em alguns trechos do meio fio há a presença de “flanelinhas” que são os profissionais da prefeitura que auxiliam no estacionamento de veículos. Essa situação ocorre, em vermelho, nos espaços prostitucionais localizados na Zona Norte nos bairros de Madureira em Del Castilho e no Centro no bairro da Lapa, como pode ser visto no mapa da figura 18. Ainda que na primeira situação existam momentos em que haja a presença de clientes do comércio ambulante ou do lava-jato, eles não possuem a mesma permanência como ocorre na situação 2. É algo mais objetivo, focado na

prestação de serviço, enquanto na situação 2 os clientes dos estabelecimentos estão no propósito da sociabilidade, permanecendo horas no espaço.

A **terceira** e última variação da copresença ocorre no espaço prostitucionais da Praça da Bandeira (Centro) e da Freguesia da Ilha (Ilha do Governador) em verde no mapa da figura 18. Nesses espaços as profissionais o compartilham tanto com funcionários e clientes de estabelecimentos existentes no local, quanto com os moradores da região. Foi possível perceber durante o trabalho de campo que as pessoas que transitam pela calçada eram locais. Muitas praticavam exercício físico, passeavam ou compravam coisas nos estabelecimentos da rua, como pode ser visto na situação 3 da figura 18.

### *Conjunto de Edificações*

A **variável “conjunto de edificações”** possui duas naturezas. A primeira, é servir como apoio para o exercício da atividade da prostituição, possuindo uma estrutura onde todo o programa possa ocorrer, desde a exibição até o ato sexual em si (se for o caso). A segunda, serve como delimitação espacial de atuação da atividade. Se torna uma referência tanto para as profissionais quanto para os clientes, que determinado conjunto de edificações é determinada zona de prostituição. Ambas as naturezas foram identificadas em concomitância em dois espaços prostitucionais, como pode ser visto em vermelho no mapa da figura 19. Estes se localizam na Ilha do Governador no bairro da Freguesia da Ilha (Peixão) e no Centro no bairro da Praça da Bandeira (Vila Mimosa).

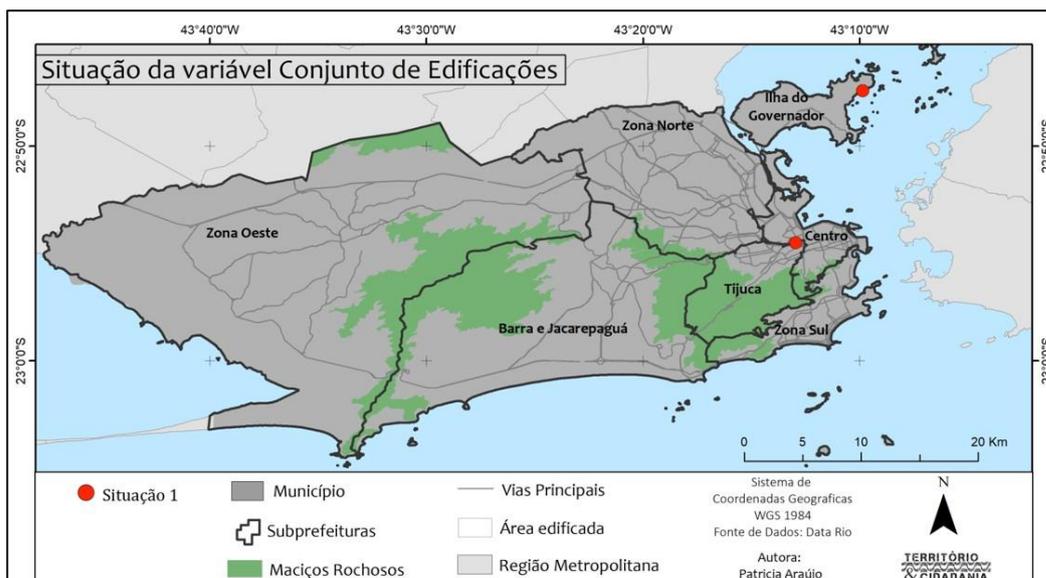


Figura 19- Mapa da variável "Conjunto de Edificações".

Não foi observada uma variação significativa que levasse a pesquisa a propor mais de uma situação. Nesse sentido, observou-se que ambos são formados por casas de prostituição que interiormente possuem diferentes ambiências. Na entrada existe um salão, espaço composto por mesas e cadeiras e o bar. Ao fundo ficam os quartos onde o programa é finalizado, e os banheiros, como pode-se observar na situação 1 da figura 19. Entre o espaço público e privado há varandas e escadas que se projetam sobre as calçadas onde as profissionais ficam expondo seus corpos. No caso do espaço prostitucional da Vila Mimosa, a parte externa, ou seja, no âmbito da rua, os conjuntos de edificações variam entre casas de prostituição e bares em que as profissionais transitam com seus clientes ou na espera por eles.

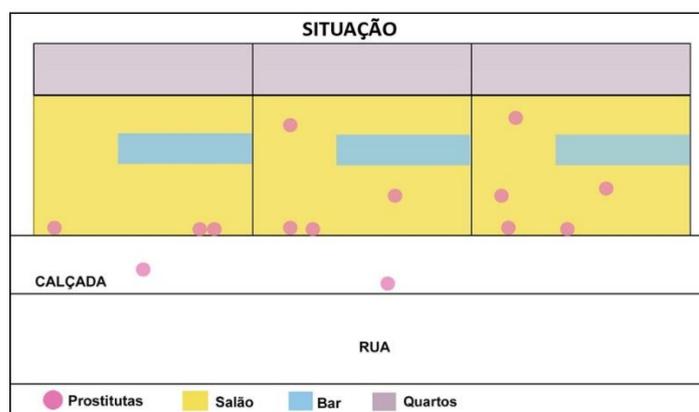


Figura 20- Situação da variável "Conjunto de Edificações".

## Permanência

A variável “**permanência**”, também possui duas naturezas. A primeira, se caracteriza pelo tempo em que as profissionais permanecem no espaço prostitucional à espera do cliente. A segunda natureza, é complementar a variável “*conjunto de edificação*” que consiste na identificação de estruturas físicas que dão suporte ao exercício da atividade, se fixando em um determinado espaço da cidade. Dessa forma, ainda que não haja a presença das profissionais no local, o espaço possui a permanência daquele uso. Identificou-se que nem sempre essas duas naturezas estão concomitantes, portanto, essa variável possui duas situações. A **primeira**, ocorre em amarelo na Zona Oeste nos dois espaços de prostituição no bairro de Bangu; na Tijuca nos três espaços prostitucionais no bairro de São Cristóvão; no Centro nos bairros da Glória e na Lapa (figura 20). Nesses espaços as profissionais trabalham em diferentes momentos do dia. Em todos os espaços prostitucionais de São Cristóvão (Tijuca) as profissionais trabalham 24 horas por dia e em todos os dias da semana. Na Glória e na Lapa (Centro) as profissionais trabalham por todo o período da noite.

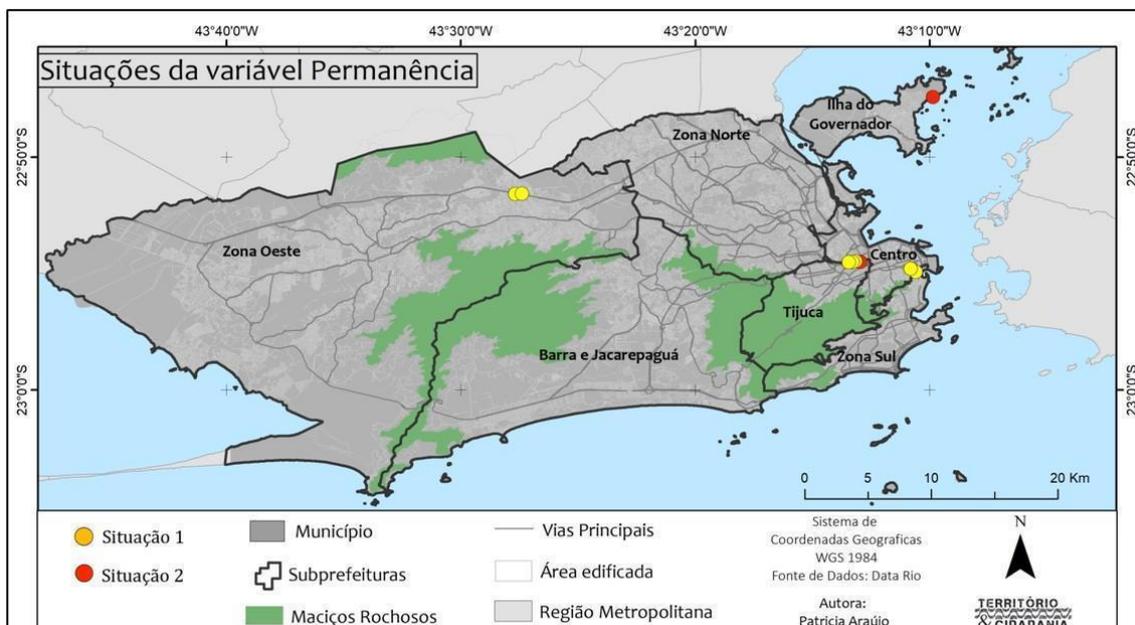


Figura 21- Mapa dos espaços prostitucionais com suas respectivas situações da variável Permanência.

A **segunda situação** que foi identificada se caracteriza por ocorrer concomitantemente as duas naturezas que podem caracterizar a variável da

permanência. Ou seja, nesses lugares foi identificado tanto a permanência associada à presença física das profissionais, quanto a identificação de estruturas urbanas permanentes para o exercício da atividade, ainda que estejam vazias. O fato desses espaços possuírem investimentos para o exercício da atividade, é também entendido como premência. Isso ocorre nos espaços prostitucionais localizados na Ilha do Governador, no bairro da Freguesia da Ilha (Peixão), e na Tijuca, no bairro da Praça da Bandeira (Vila Mimosa), como pode ser visto em vermelho no mapa da figura 20.

### *Espaço Público*

Os **espaços públicos** têm um papel fundamental no exercício da atividade da prostituição, como falado anteriormente. Neles as profissionais se posicionam para serem vistas pelos clientes. Essa variável não é exclusiva da tipologia da zona de prostituição, mas é uma grande característica dessa espacialidade. Durante o trabalho de campo, foram identificadas quatro situações em que se apresenta. A **primeira** as profissionais se posicionam nas calçadas e esquinas em grupos e paradas, como pode ser visto na situação 1 da figura 21. Isso ocorre, em amarelo no mapa da figura 21, nos espaços prostitucionais localizados na Zona Oeste, nos bairros de Bangu e Realengo; na subprefeitura Barra e Jacarepaguá, nos bairros do Recreio e da Freguesia de Jacarepaguá; na Zona Norte, nos bairros de Madureira e Bonsucesso; na Tijuca, nos três espaços prostitucionais do bairro de São Cristóvão; no Centro, no bairro da Glória; e na Zona Sul, no bairro de Copacabana.

Na **segunda situação**, as profissionais se posicionam espaçadas umas das outras e paradas ao longo da calçada e de esquinas, como pode ser visto na situação 2 da figura 21. Em vermelho no mapa da figura 21, pode-se observar que isso ocorre nos pontos de prostituição da Zona Norte, nos bairros de Rocha Miranda, Vila da Penha, Cascadura, Del Castilho, Abolição; na Ilha do Governador, no bairro do Cocoté; e no Centro, no bairro da Lapa. Já, a **terceira situação**, se refere às profissionais que transitam por um trecho de calçada. Elas ficam paradas em um lugar, caminham por um curto espaço na mesma calçada e se posicionam novamente paradas. Transitam de um lado para o outro, como pode ser visto na situação 3 da figura 21. Isso ocorre apenas nos espaços

prostitucionais localizados no bairro Campo Grande, na Zona Oeste, em verde no mapa da figura 21.

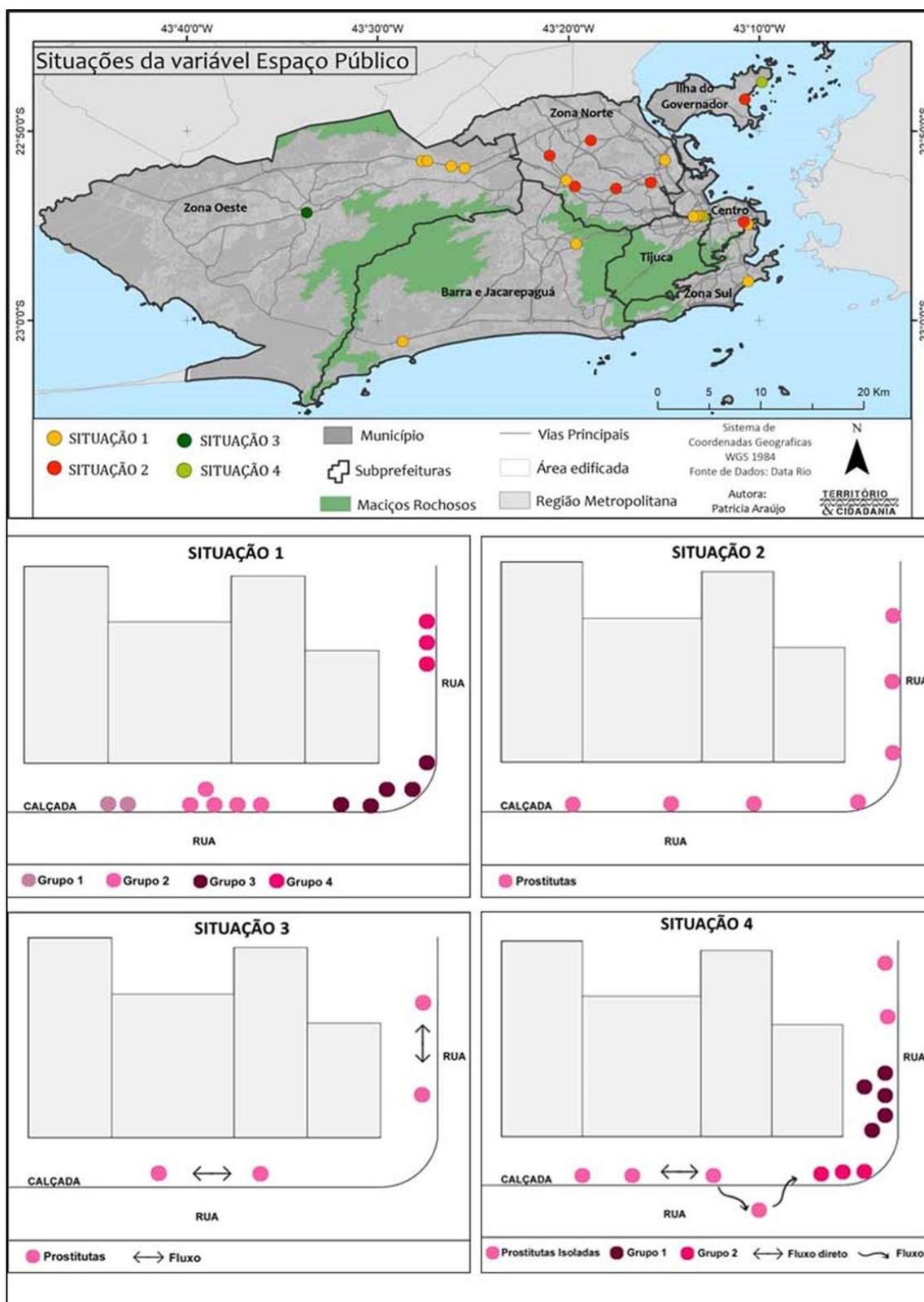


Figura 22- Situações da variável “Espaço Público” e suas localidades

E por fim, a **quarta situação** reúne todas essas práticas anteriores. As profissionais ficam tanto transitando quanto fixas nas calçadas e esquinas. Portanto, devido a morfologias desses espaços as profissionais avançam para a rua, ora atravessam, ora ficam fixas conversando com as demais colegas de trabalho. Nesta quarta situação, também ocorre em alguns momentos o agrupamento quanto a dispersão das profissionais, como pode ser visto na situação 4 da figura 21. Essa última variação foi identificada nos espaços prostitucionais localizados na Ilha do Governador, no bairro da Freguesia da Ilha (Peixão) e na Tijuca no bairro da Praça da Bandeira (Vila Mimosa), em verde claro no mapa da figura 21.

#### **4.4. Conclusão**

A primeira consideração que se pode tirar desse capítulo é sobre os procedimentos metodológicos. O uso do *Google forms* para o mapeamento foi acertado, pois contribuiu para o conhecimento de uma diversidade de lugares e de situações na cidade. Sendo assim, o acesso a tamanha diversidade de casos se tornou um diferencial em relação aos trabalhos que mapearam áreas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, os quais, tradicionalmente, apresentavam apenas os casos concentrados na região do bairro do Centro e seu entorno, como visto em De Matos e Ribeiro (1995) e Silva (2000). Chama atenção que aquilo que foi indicado nos formulários mantém o mesmo padrão. As áreas consolidadas com mais casos, as áreas de expansão, com menos. Outro aspecto é que nas zonas de expansão, a oeste, há uma pertinência da localização ao longo dos principais eixos de circulação.

Ainda sobre a metodologia utilizada, classificar os espaços prostitucionais segundo as variáveis de zona, definidas no primeiro capítulo, também foi um método importante. Deu continuidade para a análise da pesquisa e indicou novas descobertas sobre a espacialidade da prostituição nos espaços públicos, estas merecem investigação futuras.

Sobre as análises, pode-se considerar que a cidade do Rio de Janeiro possui duas zonas de prostituição, segundo o método utilizado nessa pesquisa: a Vila Mimosa (Tijuca) e o Peixão (Ilha do Governador). Destaca-se que ambas

as localidades estão em vias locais, mais um elemento que contribui com a discricção que uma zona de prostituição precisa ter.

Chama atenção sobre a área de coesão espacial da zona oeste, que ela possui muitas características espaciais da zona de prostituição. Fica a questão se essa área de poderia ser também uma zona de prostituição. Pode ser o caso de se investigar algumas variáveis ainda não cobertas pela pesquisa atual, além de mais observações que permitam identificar tais características em outras áreas da cidade.

Há duas considerações importantes sobre as áreas de coesão espacial. Além de serem áreas consideradas, nessa pesquisa, especializadas na atividade, elas funcionam no período do dia e da noite. Sendo assim, a atividade possui grande permanência nessas áreas, mesmo não existindo uma estrutura física de apoio para as profissionais, como o conjunto de edificações. A segunda consideração, é que se observa na zona oeste existir maiores distâncias entre os espaços prostitucionais. Acredita-se que isso se deve por ser uma calçada próxima a uma via rápida. Logo, o acesso é pensado para priorizar os clientes que estão em veículos, diferente do que ocorre na região da Tijuca/Centro que pode ser feito tanto por veículos, quanto por pedestres.

O gênero é uma categoria influente para a escolha da localização do espaço prostitucional, ele define como o espaço público será utilizado por um determinado grupo prostitucional e o período de ativação desses espaços. Além disso, dependendo do gênero, o tipo de visibilidade se diferencia, bem como, as estratégias para obtê-las, como foi visto quando correlacionado com o tipo de via.

E, por fim, entende-se que a particularidade da morfologia urbana de cada espaço público onde se instalam os espaços prostitucionais, é o fator responsável pelas diferentes situações das variáveis. Acredita-se que a morfologia é percebida por esses profissionais como um ponto de visibilidade e de segurança para exercerem seu trabalho. Dessa forma, suspeita-se que o local para exercer a atividade é pensado não apenas na unidade bairro, mas é considerado as características físicas de seus espaços públicos.

## 5. CAPÍTULO 3 - VEIO CONHECER A ZONA?

### 5.1. Introdução

Partindo da hipótese de que as zonas de prostituição não estão distribuídas espacialmente de forma aleatória na cidade do Rio de Janeiro e que existe uma lógica que as organiza e que traz a ideia de conjunto. É importante que se compreenda como estas zonas estão situadas na cidade e como se organizam internamente, na tentativa de identificar os elementos espaciais que as compõem e que são comuns entre as mesmas. Acredita-se que a situação e sua organização podem influenciar na localização das mesmas. Assim, tem-se **as questões**: *Qual é a situação das zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro? Em que lógica espacial interna estão inseridas as zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro?*

Após identificar quais são os espaços prostitucionais que se classificaram na categoria: zona de prostituição, ou seja, localizar as zonas na cidade do Rio de Janeiro, como foi mostrado no capítulo anterior. O objetivo do terceiro capítulo é analisar a situação das áreas que essas zonas de prostituição se encontram e a organização interna das mesmas. Pretende-se, identificar o que de suas situações e da organização interna são comuns ou não, mas que permite que elas possam existir em diferentes áreas da cidade.

Nesse sentido, o capítulo está dividido em três partes. A primeira, se preocupa em tratar sobre a situação das áreas em que se encontram a Vila Mimosa e o Peixão -as zonas identificadas no capítulo anterior. A segunda parte do capítulo, apresenta a descrição do conteúdo das zonas por meio dos seus cenários. E por fim, no decorrer da pesquisa foi identificado que as zonas apresentam dois cenários predominantes, estes serão vistos na última parte deste capítulo.

### 5.2. Materiais e Métodos

#### 1º Passo

Foi realizada uma análise sobre a situação das áreas em que as zonas de prostituição Vila Mimosa e Peixão se encontram. Ou seja, foram estabelecidas correlações com características presentes nessas áreas como: usos e atividades; eixos de circulação, aspectos físicos e públicos. Para o levantamento desses dados utilizou-se dados primários que foram coletados em trabalho de campo.

No trabalho de campo houve a preocupação de identificar os usos e atividades que compreende o conjunto de edificações nas ruas próximas a Vila Mimosa e o Peixão; foram observados como são os fluxos e acesso dessas áreas; os aspectos físicos das edificações e das ruas e calçadas. Para o registro dessas observações foi utilizada uma caderneta de campo junto com uma planilha contendo tais categorias de análise que foram preenchidas em correspondência a cada rua da área em que as zonas de prostituição estão situadas. Durante o campo foi percebido que essas áreas, de ambas as zonas, possuem elementos que as delimitam, os mesmos também foram registrados. Posteriormente esses dados foram organizados e tratados em tabela e por fim, utilizados para a produção de dois cartogramas sobre a situação de ambas as áreas a fim de contribuir para a análise.

## **2º Passo**

Após a análise da situação das áreas em que as zonas de encontram, foi feita a análise sobre o conteúdo espacial das zonas utilizando a ideia de Cenário, conceito desenvolvido por Gomes (2008; 2013) que nos permite analisar e compreender a vida urbana e pública a partir de imagens. No caso dessa pesquisa, se apresenta como uma importante ferramenta para caracterizar e entender a organização espacial das zonas de prostituição, a partir da composição de elementos e comportamentos presentes nas mesmas. Acredita-se que a organização espacial da atividade influencia em sua localização.

No desenvolvimento do conceito, Gomes (2008) observa que a palavra cenário aparece em diferentes línguas com diferentes significados. Na primeira acepção trazida pelo autor, em português, a palavra designa um arranjo de elementos dentro de um espaço preciso, uma composição, e se aproxima

bastante daquilo que a geografia costuma chamar de paisagem. Por isso, pode-se dizer que se está contemplando uma bela paisagem, ou diante de um belo cenário ou uma bela cena. Dessa forma, compreende-se essa palavra como uma dimensão material, como um lugar fisicamente constituído, figurado ou ainda configurado para determinadas ações.

A segunda acepção, em francês, se difere dessa ideia inicial. O cenário corresponde ao enredo, ao argumento de uma peça ou de um filme. Remete a trama ou um conjunto de ações, como uma sequência de planos de uma montagem ou de um evento. A palavra ganha um sentido de narrativa composta de palavras e imagens sequenciais muito diverso de um texto exclusivamente. Nesse sentido, a palavra se apresenta despojada de qualquer dimensão material, indica a organização de uma narrativa, em uma trama de eventos, ações ou comportamentos (GOMES, 2008).

Na última acepção, Gomes (2008) aponta que na renascença a palavra italiana tem duas dimensões: a física, como um arranjo material de objetos em uma dada configuração, e a imaterial, como conjunto de ações ou comportamentos ressignificados e requalificados pela orientação relativa a esses planos locacionais. Diante disso, o autor embasa o conceito de cenário reconectando essas duas dimensões: a física e as ações. Em outras palavras, associando os arranjos espaciais aos comportamentos e, com isso, podendo interpretar suas possíveis significações.

Portanto, para Gomes (2013), o cenário é um conjunto de cenas formadas por três dimensões, três esferas interdependentes e articuladas entre si no espaço. A primeira, composta por um conjunto de elementos físicos e materiais que formam o espaço – as morfologias; uma segunda, a dimensão comportamental, isto é, o conjunto de práticas e condutas que se desenvolvem no espaço, orientando e sendo orientadas pelas morfologias – os comportamentos; e uma dimensão onde um conjunto de valores e sentidos são criados e atribuídos ao espaço a partir das profundas interações entre morfologias e comportamentos – os significados. Assim, sendo um conjunto articulado de cenas, Gomes propõe que o cenário seja entendido como um “[...]”

conjunto de ações, objetos e significações unidos e simultâneos em um mesmo espaço.” (Gomes, 2013, p. 189).

Segundo Gomes (2013, p. 190) “Os lugares onde se passam essas cenas, seus atributos, o público que aí se apresenta e seus comportamentos criam marcas, são formas de ser naquele espaço.” Nesse sentido, o espaço fica marcado como o ambiente, o “reduto” de um certo grupo e de atividades. Como foi apresentado pela bibliografia da prostituição, a zona de prostituição é considerada o seu “reduto” na cidade. Dessa forma, entende-se que esse espaço - a zona - não atua como um simples receptáculo de ações, ele atua ativamente, podendo moldar e influenciar os elementos da esfera comportamental. Conseqüentemente, expressa significados que são perceptíveis ao ponto de conseguirmos fazer uma leitura que determinado espaço é uma zona de prostituição. Ou seja, existe um conjunto de elementos que permite identificar uma zona de prostituição, pois existem comportamentos associados a atividade em um lugar apropriado. Nesse sentido, é importante para essa pesquisa entender o cenário das zonas de prostituição, pois acredita-se que seu sentido é um fator determinante para a sua localização.

Entende-se assim que, em uma análise geográfica que pretende compreender a organização espacial das zonas de prostituição, não se deve limitar apenas aos aspectos morfológicos do espaço. A integração das dimensões física, comportamental e das significações proposta por Gomes (2008; 2013) a partir do conceito de cenário se apresenta como uma importante ferramenta para entender a composição de elementos e comportamentos presentes na zona de prostituição, sendo uma categoria analítica que irá instrumentalizar essa pesquisa. Acredita-se, que o conceito de cenário, tal como ele foi aqui apresentado, constitui uma produtiva possibilidade de ler, trabalhar e interpretar a cidade a partir de um ponto de vista geográfico.

Tem-se como hipótese de que os cenários das zonas, ou seja, sua composição é um fator determinante para a sua localização, por sua vez, ela permite ou não que a zona exista em determinadas áreas da cidade. Nesse sentido o segundo momento desse capítulo, consiste em realizar as descrições dos cenários das zonas de prostituição no que tange as morfologias,

comportamentos e seus significados com o propósito de compreender suas lógicas internas.

Para isso foram feitos trabalhos de campo na Vila Mimosa e no Peixão com o objetivo de observar essas três categorias. Relativo a categoria **morfologias**, foram observadas a estrutura do lugar, arquitetura, condições das edificações, tipo de logradouros, uso e ocupação do solo, atividades e equipamentos urbanos. Essa categoria compreende desde elementos que possuem maior fixação no espaço, como calçadas, ruas, varandas e etc. até os elementos físicos que apresentam alto grau de circulação como bebidas, as roupas, adereços, os corpos, etc. Referente aos **comportamentos**, foram observados como as práticas espaciais ocorrem nessas zonas, quem são as pessoas que estão inseridas na zona, como se relacionam e os papéis que desempenham nesses espaços. Alguns **significados** foram observados durante o trabalho de campo, outros concluídos após a análise do material. Foram registrados em cadernetas, procurando compreender os valores estabelecidos nos diferentes espaços de ambas as zonas de prostituição. Nas zonas de prostituição não é permitido o registro de fotografias e vídeos. Dessa forma, foi escolhida a caderneta de campo como instrumento de registro das observações feitas no trabalho de campo que irá contemplar as descrições e os croquis.

Após o registro das observações realizadas no campo, os dados foram organizados e tratados correspondendo a cada zona, de forma separada. Portanto a análise dos mesmos foi feita em conjunto, visto que foi feita uma análise comparativa entre os cenários da Vila Mimosa e do Peixão. Foram analisados não apenas os elementos que compõem os cenários, mas como eles interagem e se relacionam nas zonas, se orientando a partir de vínculos espaciais, sociais e físicos. Procurou-se identificar se existe um padrão na composição, se são muito diferentes, se possuem mais elementos em comum do que distintos, se existem estratégias de visibilidade, se possuem a mesma estética e se essa composição tem alguma relação com o entorno. Foram produzidos croquis para auxiliar na análise, destacando os padrões que orientam a organização interna das zonas.

### **3º Passo**

Durante o processo de descrição dos cenários, foi observado que existe uma mudança de cenário interno à cada zona de prostituição. Acredita-se que essa mudança está relacionada ao fator dia e noite, pois identificou-se que os comportamentos à noite mudam daqueles vistos durante o dia. Diante disso, entendeu-se que para fechar a análise da composição das zonas, seria de grande valia entender como ocorre a mudança dos cenários.

Para isso foram utilizados os mesmos procedimentos metodológicos que o passo anterior. Foram observados os elementos que conduzem a alteração do cenário para além das morfologias e os comportamentos, as densidades e os fluxos. Foram produzidos croquis para complementar a análise sobre os padrões identificados.

### **5.3. Resultados e Discussões**

Os resultados serão apresentados em três partes. Na primeira, a situação espacial das zonas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, com uma contextualização geral das áreas em que estão inseridas e suas características. Na segunda, a análise da descrição do cenário da zona de prostituição, para isso a análise foi feita em conjunto com a zona da Vila Mimosa e do Peixão. Na terceira parte, será mostrada a descrição da mudança dos cenários das zonas, também em conjunto.

#### **5.3.1. A situação das Zonas de Prostituição**

##### *Vila Mimosa*

A Vila Mimosa está localizada no bairro da Praça da Bandeira, em uma área delimitada por um terreno murado na Avenida Francisco Eugênio (1), o terreno obsoleto da antiga Estação da Leopoldina (2), os trilhos do trem da Central do Brasil e à linha 2 do metrô (3) e o terreno vazio do metrô (4), como pode ser visto na figura 22. Constatou-se que esses equipamentos urbanos são delimitadores da área, e como consequência disso, possui uma forma urbana ortogonal, fechada e isolada como se observa na figura 22. Essa localidade é acessada pela rua Ceará, rua que conecta os dois lados do bairro da Praça da

Bandeira, e compreende o conjunto de ruas: Lopes de Souza, Hilário Ribeiro e Sotero dos Reis, esta última a rua da zona (FIGURA 22).



Figura 23- Cartograma dos limites e acessos da área em que a Zona de Prostituição Vila Mimosa se situa no bairro da Praça da Bandeira.

Essa dimensão do bairro apresenta variados usos, portanto alguns se concentram em determinadas ruas, como se vê na figura 23. A rua Ceará tem uma predominância de uso comercial e uso misto. Eles se apresentam pela concentração de mecânicas, clubes de motos e *pubs* de rock, o que atrai bastante o público de motoqueiros e pessoas que procuram esse tipo de sociabilidade. Junto a isso, bares, farmácias, pequenas empresas de serviços, uma empresa de ônibus e terrenos subutilizados<sup>14</sup>. Nesta rua existem apenas duas vilas residenciais, por estarem no meio da quadra, quase não são percebidas por quem anda na rua. A rua Hilário Ribeiro é o local, nessa área, que mais possui casas e vilas residenciais, além de pequenos comércios e serviços como: lava jato, bares e algumas mecânicas de carro. Nesta rua, são

<sup>14</sup> A definição de subutilizado é trazida pelo próprio Estatuto da Cidade, no §1º do art. 5º que assim considera o imóvel “cujo aproveitamento seja inferior ao mínimo definido no plano diretor ou em legislação dele decorrente”.

vistas mais famílias e crianças. Já na rua Lopes de Souza é bem marcante a presença de galpões industriais abandonados.

Para além dos usos, destacam-se os aspectos físicos das formas nesta área, em que predomina um conjunto de edificações de arquitetura original, germinada e de gabarito baixo. Observou-se que tanto as edificações de moradias, como os galpões subutilizados dispõem de uma falta de manutenção, pois apresentam descascamento, erosão, vegetação e pichação nas fachadas. Assim como as ruas que contam com a presença de lixos, poças de vazamento do esgoto, carcaça de carros abandonados e ausência de calçamento.

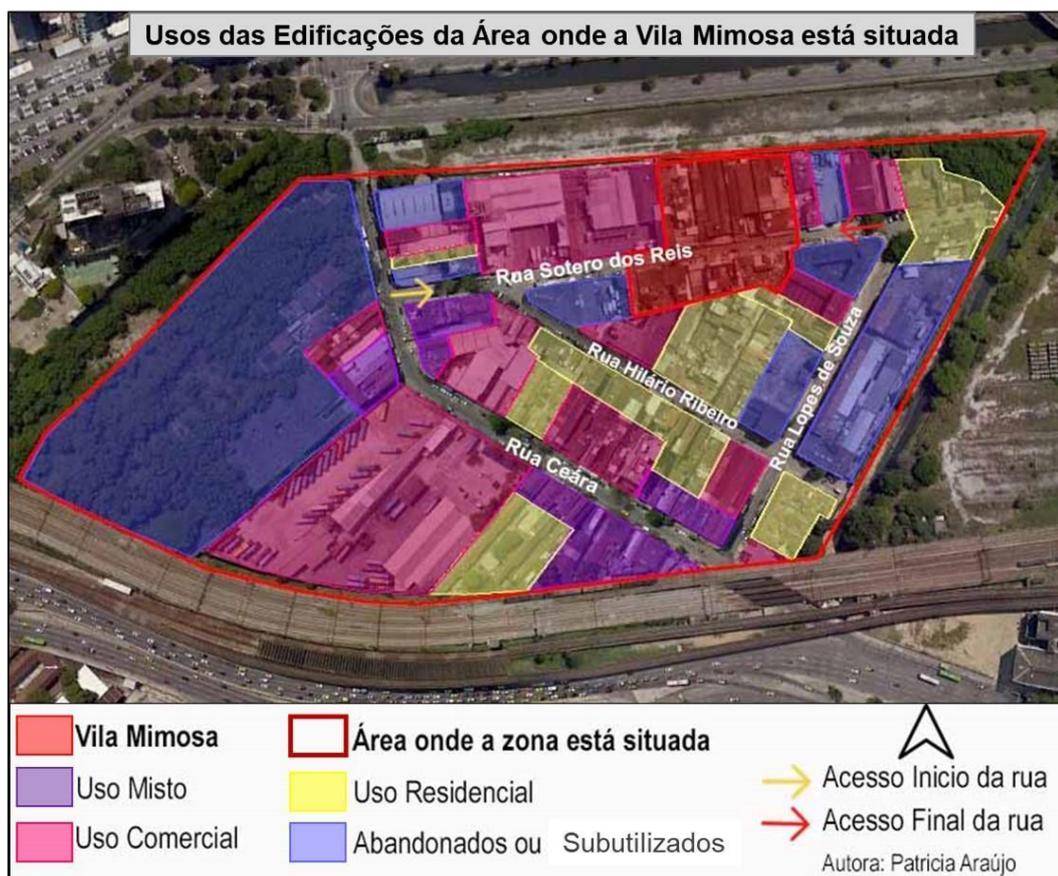


Figura 24- Cartograma dos usos da área em que à Zona de Prostituição Vila Mimosa se situa no bairro da Praça da Bandeira.

A rua Sotero dos Reis, rua da zona, possui em seu início, indicado pela seta amarela na figura 23, uma variedade de comércio e serviço como: bares, barraquinhas vendendo comidas e bebidas, farmácia, boates e pequenas lojas de roupa, como se pode verificar na figura 23. No seu final, acessando pela rua

Lopes de Souza, seta vermelha, existe uma área residencial com alguns comércios e no meio da rua tem-se a Vila Mimosa, como indicado na figura 23. Identificou-se que essa zona se configura espacialmente por um conjunto de edificações que possui dois tipos arquitetônicos: as casas de prostituição, localizadas na calçada direita e o galpão, localizado na calçada esquerda, no sentido das setas vermelhas, como se pode observar na figura 23.

Constata-se que o limite da zona como mostrado na figura 23, se define não apenas pelo seu conjunto de edificações, mas também pelos comportamentos das profissionais do sexo. Essas, só se posicionam na qualidade de profissional nesse trecho da rua, ou seja, não circulam por toda a rua com as vestimentas de trabalho (*lingeries*, roupas curtas e partes do corpo à mostra). Quando as profissionais precisavam realizar alguma atividade fora da zona, como comprar comida nas barracas do início da rua ou ir a farmácia, era comum ver a prática de cobrir o corpo com blusas grandes, cangas ou toalhas. Portanto, o limite da Vila Mimosa se restringe tanto ao trecho da rua onde existem as casas de prostituição, quanto as profissionais utilizando o que se pode denominar como uniforme de trabalho.

### *Peixão*

O Peixão está localizado no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador. Se encontra uma área mais ao final do bairro em um tecido urbano contínuo, delimitada por uma área militar vegetada (1) e pela praia da Guanabara (2), como pode ser visto na figura 24. Como consequência desse sítio urbano a área possui um aspecto reservado, limitado e bucólico devido a arborização urbana. Essa localidade é acessada pela rua que permeia a praia e recebe o nome da mesma, rua Praia da Guanabara, a rua da Zona.

Essa parte do bairro é predominantemente residencial, a oferta de comércio e serviços se encontra de forma pontual, sendo as edificações próximas a orla o local onde mais se concentram, além dos quiosques presente na mesma, como se pode observar na figura 25. Devido ao grande uso residencial, são vistas muitas famílias andando por essa parte do bairro, acredita-se serem os moradores. Enquanto na orla, próximo aos quiosques são vistas pessoas à

procura de lazer. Como foi evidenciado muitas delas chegando de carro, acredita-se que não apenas os moradores do bairro frequentam esses quiosques.

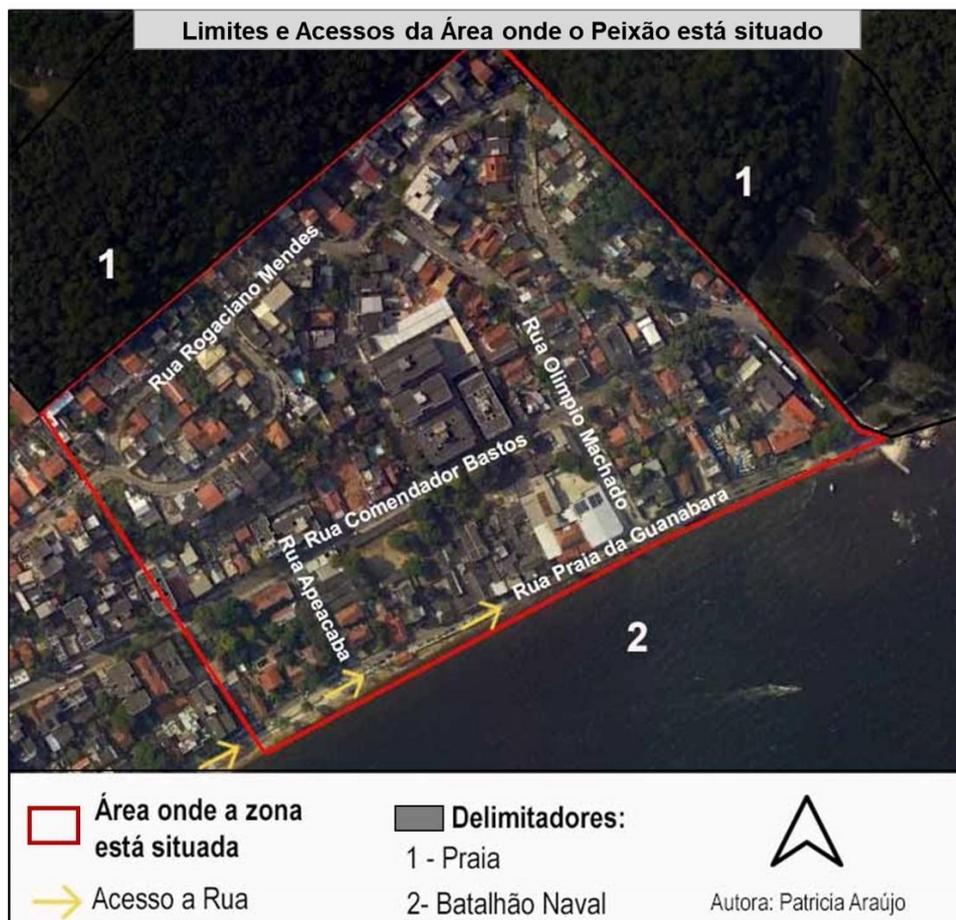


Figura 25- Cartograma dos limites e acessos da área em que à Zona de Prostituição do Peixão se situa no bairro da Freguesia.

No geral, essa localidade possui um conjunto de casas térreas de arquitetura moderna, poucas de arquitetura original e prédios de gabarito baixo. Observou-se que as edificações do bairro como um todo são bem preservadas, portanto, nas casas antigas no quarteirão do Peixão identificou-se edificações degradadas, que apresentavam descascamento, erosão, vidros quebrados e pichação nas fachadas, assim como ocorre no entorno da Vila Mimosa. O mesmo não se pode falar das calçadas, todas são bem preservadas e limpas. Foram identificadas edificações abandonadas e algumas subutilizadas, como o caso de uma casa na esquina esquerda do quarteirão do Peixão (sentindo as

setas vermelhas, segundo a figura 25) que está abandonada e o seu quintal serve como estacionamento de veículos, como mostrado na figura 25.

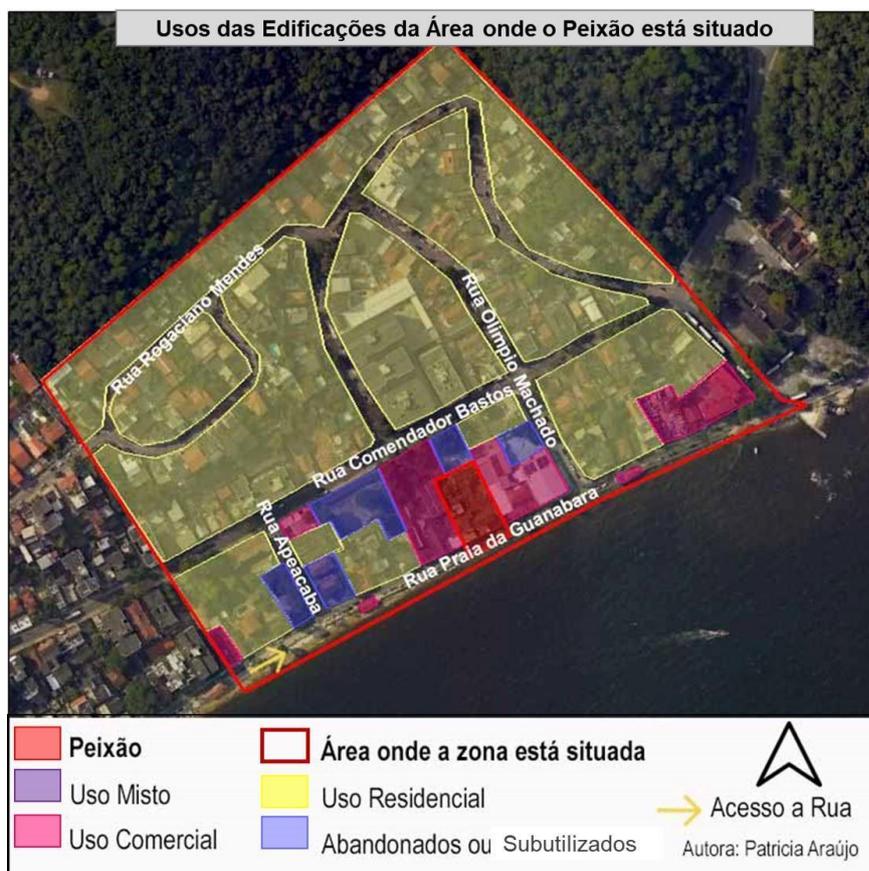


Figura 26- Cartograma dos usos da área em que à Zona de Prostituição do Peixão se situa no bairro da Praça da Bandeira.

A rua Praia da Guanabara, na altura da zona, é o quarteirão que mais se diversifica em termos de uso e do conjunto arquitetônico, como se observa na figura 25. Nas extremidades do quarteirão da zona, existe um Hotel (a oeste) e uma casa de festa (a leste), no meio desses, localiza-se o Peixão. Identificou-se, que essa zona se configura espacialmente por um conjunto de edificações por uma única tipologia arquitetônica: a casa, localizada na calçada da esquerda, sentindo seta amarela, segundo a figura 25.

Assim como ocorre na Vila Mimosa, constata-se que o limite da zona do Peixão mostrado na figura 25, se define não apenas pelo seu conjunto de edificações, mas também pelos comportamentos das profissionais do sexo. Quando estão na qualidade de profissional, as mulheres não circulam por toda

a rua com *lingeries*, roupas curtas e partes do corpo à mostra, elas trocam de roupa para exercer qualquer outra atividade fora da zona, como por exemplo ir em um dos quiosques próximos.

### 5.3.2. O Cenário da Zona de Prostituição

Identificou-se que as zonas de prostituição apresentam padrões em sua composição, ou seja, em seu cenário. Primeiro identificou-se um conjunto de pessoas que compõem as cenas, são elas: as profissionais do sexo, o cliente, a dona da casa e as (os) funcionárias (os) da casa. Segundo, identificou-se que a zona pode ser observada por duas categorias: a rua e a casa de prostituição. A casa de prostituição pode ser lida em dois ambientes, o salão e os “quartinhos”, enquanto a rua pode ser lida pela fachada e pela calçada. Diante disso, a descrição do cenário das zonas de prostituição será apresentada através dessas categorias.

#### *A Casa - O salão*

Em todas as casas de prostituição de ambas as zonas se percebeu um padrão de organização interno. O salão é o primeiro ambiente, ele é composto por um balcão de atendimento, onde são vendidas comidas e bebidas para consumo no local ou na rua em frente aos estabelecimentos, esse espaço é o bar, como mostrado na figura 26. O salão, também é preenchido por um conjunto de mesas e cadeiras de plástico, as paredes possuem informes de regras do estabelecimento e cardápios. Em algumas casas há um aparelho de televisão preso nas paredes. Além disso, existe uma área com ofertas de jogos, contendo mesas de sinuca e máquinas de jogos, como pode ser visto na figura 26. É um ambiente escuro, possui pouca iluminação nas cores verde, azul e vermelha no estilo neon, identificou-se que algumas casas utilizam um globo no centro do salão. Nesse ambiente há maior volume da música e maior oferta de espaços livres para danças e interações.

Nas casas da Vila Mimosa, existem no mínimo duas mulheres que permanecem no salão, mais precisamente na área do bar, como pode ser visto na figura 26. Identificou-se, que uma é a dona da casa e a outra uma funcionária. Elas ficam responsáveis pela venda e o preparo das comidas e bebidas, mas

apenas a funcionária serve os clientes na mesa. No bar das casas do Peixão, observou-se que a pessoa neste posto são maioria mulheres, apenas em uma casa foi visto um homem. Portanto, não foi possível identificar se essa pessoa seria a (o) dona (o) da casa. Dessa forma, serão tratados nessa pesquisa pelo nome de funcionária (o), visto que exerce os mesmos comportamentos que as funcionárias da Vila Mimosa.

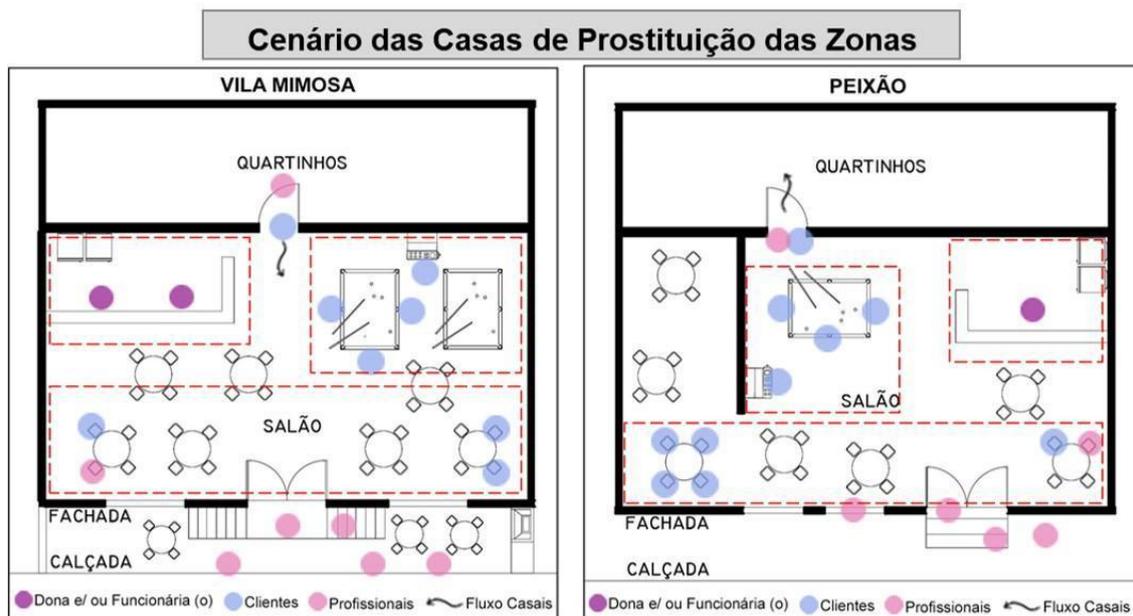


Figura 27- Croqui do cenário da zona segundo o salão das casas de prostituição.

Em ambas as zonas, o conjunto de mesas e cadeiras que ficam no salão, são utilizados pelos clientes, eles os utilizam para conversar com seus amigos ou com alguma profissional, como se pode notar na figura 26. Observou-se, que durante essa interação, existe o hábito de beber cerveja em copos de plásticos, alguns consomem algum tipo de petisco. As profissionais não têm permissão para permanecerem nesses conjuntos de mesas e cadeiras do salão, a não ser que sejam solicitadas pelos clientes, como ocorre na cena mostrada em ambas as casas na figura 26. É uma regra das casas de prostituição que estão escritas nas placas dos salões. A área que contém os jogos também é utilizada pelos clientes, eles jogam entre seus amigos e com outros clientes desconhecidos (FIGURA 26). As profissionais também não utilizam esses objetos, apenas quando são convidadas pelos clientes.

Apesar de não ter sido observado pessoas dançando no salão, o ambiente remete a um espaço similar ao de boate ou um espaço esperando uma festa acontecer, devido a sua decoração, a iluminação e a presença do bar com o serviço de bebidas e comidas. Além disso, ele possui uma segunda prática econômica para além da prostituição: a comercialização dos alimentos e principalmente bebidas alcoólicas, ponto forte em todas as casas da Vila Mimosa e do Peixão. Parece que tem o sentido de complementar a renda para além dos programas que podem ou não ocorrer. Visto que, há clientes que não vão à zona para fechar um programa e sim para beber uma cerveja e conversar com uma profissional, acompanhar um amigo ou apenas interagir com outros clientes.

Chama atenção, que as pessoas que ficam dentro da casa são, em geral, mulheres que não trabalham com a prostituição. Pelo que parece, a norma de proibir as profissionais do sexo em permanecer dentro da casa de prostituição, remete a ideia de estabelecer diferenciação entre essas mulheres que trabalham na casa de prostituição. Sendo assim, as profissionais do sexo ficam na rua ou fachada, ou seja, no ambiente mais público, enquanto as funcionárias ficam dentro da casa, em um espaço mais reservado. Isso remete a ideia trazida por DaMatta (1997) que pela ótica do estigma da sociedade brasileira se estabelece uma diferenciação entre a mulher da rua e a mulher da casa. Segundo o autor, a mulher da rua esteve associada a prostituta ou a mulher que controla e é dona de sua capacidade de sedução e sexualidade. Diferente da mulher que põe a disposição da família os seus serviços domésticos, como a esposa e a mãe, essa é a mulher da casa. Seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva tornam-se fonte de virtude na sociedade brasileira e essas não devem ser confundidas pelas mulheres públicas, da rua.

#### *A Casa - Os “quartinhos”*

O segundo ambiente da casa são os “quartinhos”, é o lugar onde o programa é finalizado. Nas casas da Vila Mimosa, são cabines pequenas uma ao lado da outra que contém uma cama de solteiro e uma lixeira, em algumas casas há a presença de um banheiro comum nesse ambiente. Nas casas do Peixão não houve acesso a essa parte, mas se organiza do mesmo modo que

na Vila Mimosa, ambientes mais internos e reservados dos estabelecimentos (FIGURA 27).

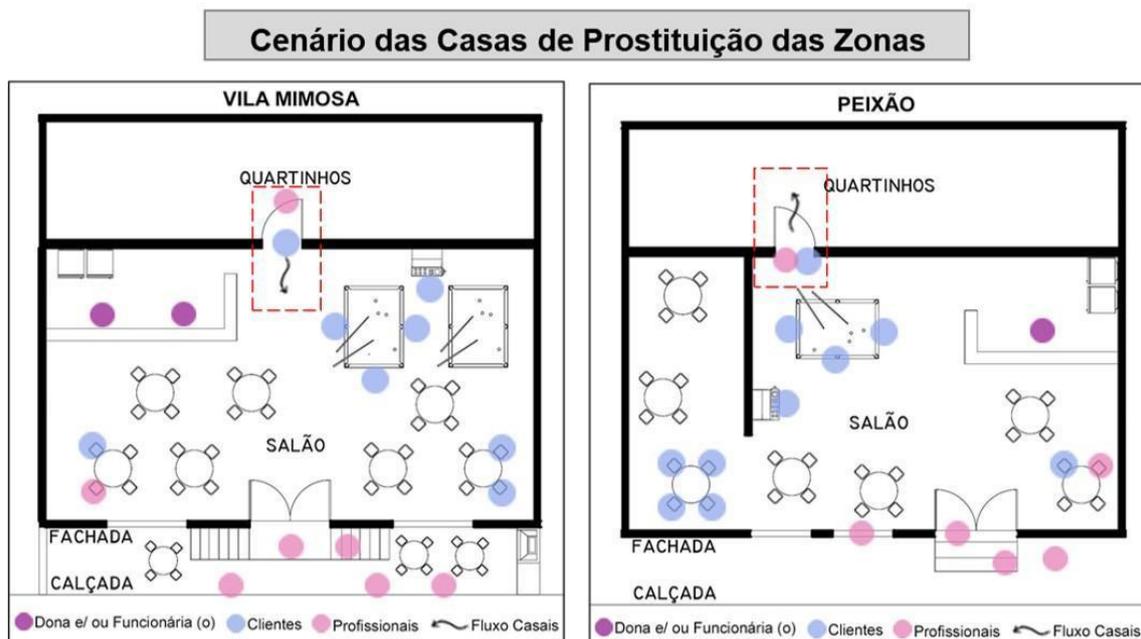


Figura 28- Croqui do cenário da zona segundo os quartos das casas de prostituição.

A suspeita se confirma, pois, assim como na Vila Mimosa, o padrão de comportamento das profissionais e dos clientes se repete no Peixão, quando se trata do trajeto de ida e volta ao quarto. Por ter o único objetivo de ser o espaço onde pode ocorrer o ato sexual, para entrar ali o cliente precisa pagar em dinheiro a profissional antes de entrar. Diferentemente do que ocorre quando consome algo do bar, que pode pagar no final, antes de ir embora. As profissionais e os clientes sempre entram juntos, com os corpos bem próximos um do outro, alguns até de mão dadas. Quando finalizado o programa, eles saem dali separados, o cliente na frente e a profissional logo em seguida, como pode ser visto na figura 27.

Assim, pode-se entender que o “quarto” é o espaço mais discreto e controlado da zona, não apenas por estar localizado aos fundos das casas, mas para acessá-lo é necessário ter a garantia financeira. Chama atenção, ainda que seja clara a função desse espaço na zona e porque esses atores vão até ele, seus comportamentos na saída indicam que a partir dali qualquer tipo de vínculo foi finalizado e cada um vai para o seu “posto” inicial. A profissional volta para a rua e o cliente volta para os seus amigos.

### *A Rua - a Fachada*

As fachadas das casas de prostituição da Vila Mimosa e do Peixão tem um padrão de composição que consiste em grandes vãos. Estes vãos, são formados por duas janelas e no meio uma porta, os três elementos possuem a mesma altura e a mesma proporção, como se pode observar na figura 28. A fachada é de concreto, mas cada casa pinta de uma cor ou utiliza algum tipo de revestimento (porcelanato, piso, outros). Observou-se que quando pintadas, as cores sempre são em tons fortes como vermelho, roxo, verde, preto e etc. como se disputassem a atenção do público. Dependendo da casa, em frente a porta, ora existe uma escada com degraus compridos e largos, ora existem ambos os elementos que se projetam para a calçada, como ocorre no caso da Vila Mimosa na figura 28.



Figura 29- Croqui do cenário da zona segundo as Fachada das casas de prostituição..

As profissionais ficam posicionadas em todos esses elementos que compõem as fachadas das casas (FIGURA 28). Devido às casas estarem em uma altura maior que a cota da rua, elas são vistas pelo público que caminha ou dirige algum tipo de veículo na rua. Assim, acredita-se que as profissionais utilizam esses elementos como um meio estratégico para obter visibilidade, ou seja, conseguir captar a atenção daquele público frequentador da zona. Devido a sua morfologia e a maneira como as profissionais se comportam na fachada, elas estão sendo consideradas neste trabalho como um espaço da rua, apesar de ser uma parte construtiva da casa. Pois esse elemento parece ser pensado/projetado/construído para estabelecer maiores relações mais com a rua

do que com o interior da casa. Assim, pode-se dizer que as fachadas da zona são permeáveis segundo a sua composição. De acordo com Gehl (2011), a permeabilidade da fachada permite que os pedestres conheçam um pouco do interior daquele prédio, de fora, assim como possibilita que quem está dentro visualize a calçada. Isso vale não só para termos arquitetônicos, mas das experiências que estão sendo vivenciadas nesses dois espaços separados pela fachada. Dessa forma, as pessoas da casa próxima a fachada e as da rua podem estabelecer algum tipo de conexão.

### *A Rua - a Calçada*

A segunda leitura da rua são as calçadas, mais precisamente o trecho dela que fica em frente a casa de prostituição. Tanto na Vila Mimosa, como no Peixão esse trecho é utilizado como uma extensão da casa, mas se estabelece de formas diferentes, como pode ser visto na figura 29. No caso da Vila Mimosa, são pelos objetos que são colocados neste espaço, como: mesas com cadeiras de plástico, churrasqueiras de tijolos e bancadas improvisadas de metal. Uma espécie de reprodução do salão, só que no espaço público. Essa área, dependendo da casa, possui uma corrente de ferro ou um conjunto de cones de plástico, com o propósito de delimitar o espaço. Além disso, as proprietárias das casas revestem esse trecho de calça com o mesmo material que o piso da escada ou da varanda.

No Peixão não são colocados objetos no trecho da calçada em frente às casas e não há investimentos na mesma. Como o Peixão está localizado na orla da Praia da Freguesia, a mureta que separa a faixa de areia da calçada é bastante utilizada pelos clientes, como ocorre na figura 29. Ou seja, o outro lado da calçada é o local em que os clientes costumam permanecer. Eles levam os objetos das casas como garrafas de vidro de cerveja e os copos de plástico para a mureta e apoiam nela. Ali, eles permanecem conversando, segundo aquele padrão de comportamento identificado anteriormente. Já as profissionais permanecem no trecho de calçada em frente a casa de prostituição, assim como ocorre na fachada (FIGURA 29).



Figura 30- Croqui do cenário da zona segundo as suas calçadas.

Ainda que a organização da calçada na Vila Mimosa e no Peixão sejam diferentes, o significado desse espaço é igual em ambos. Primeiro, as profissionais utilizam as calçadas como meio de para obter visibilidade assim como ocorre com as fachadas. Acredita-se que por existir uma permanência significativa dos clientes na rua, a calçada é o principal espaço para iniciar uma conversa para a negociação do programa. Chama atenção no caso do Peixão, que as profissionais ficam de um lado da calçada (a não ser que sejam solicitadas pelos clientes) e os clientes do outro lado. O que parece em um primeiro momento, que estão separados pela rua, se prestarmos atenção a ideia de ser observada e de ser observador se mantém, visto que todos estão no espaço público. Assim, pode-se entender que a calçada é o espaço do encontro entre esses dois grupos.

Por fim, é curioso notar como a calçada é utilizada pelas donas das casas na Vila Mimosa, ainda que as mesmas não estejam lá fisicamente e sim pelo investimento que fizeram. Utilizar o mesmo revestimento presente na casa, emite o significado de que determinada parte da calçada pertence a casa em referência do material, conseqüentemente a uma determinada proprietária. Além disso, ao delimitar determinado trecho, a calçada deixa de ser um local de livre passagem para pedestres e passa a ser como uma espécie de área reservada para os clientes que estão consumindo naquela casa.

Pode-se entender que há a privatização das calçadas na zona, como aponta Rosaneli (2021) a privatização dos espaços públicos pode ocorrer pela gestão, pelo projeto e pelo uso. O autor traz o caso em Curitiba em que os espaços públicos podem ser gestados pelo instrumento municipal da “adoção”. Tal instrumento consiste na administração desses espaços pela iniciativa

privada, que também fica responsável pelas reformas urbanas. Essa prática traz publicidade para aquele gestor que em geral se situa em frente ao espaço público em questão, segundo Rosaneli, 2021. Ainda que esse tipo de instrumento não exista no Rio de Janeiro, nas práticas da zona ele é comum. As proprietárias das casas “adotam” as calçadas com o intuito de trazer maior visibilidade para as mesmas e suas profissionais.

### 5.3.3. Mudança do Cenário nas Zonas de Prostituição

Identificou-se que as zonas de prostituição possuem dois momentos de diferentes cenários. Essa mudança é marcada pela distinção dos comportamentos que seus atores destinam as morfologias da zona. Além dos comportamentos, essa mudança também altera a densidade e o fluxo de pessoas e automóveis conforme o tempo vai passando. Assim, foi identificado que existem dois cenários que reúnem padrões. O primeiro foi identificado entre o período das 10h da manhã até as 17h. O segundo se inicia por volta das 19h até 22h. A transição entre esses momentos ocorre no período do crepúsculo, iniciando por volta das 17:00 e se consolidando às 19h em ambas as zonas. Diante disso, serão apresentados o que se chama de cenário 1 e depois cenário 2 (nessa pesquisa) de cada zona de prostituição.

#### *Cenário 1*

Identificou-se que tanto no Peixão, quanto na Vila Mimosa existe uma densidade pequena de pessoas que compõem o primeiro cenário, como se observa na figura 30, são elas: as profissionais, as (os) funcionárias (os) da casa e os clientes. O fluxo de veículos na rua também é baixo. Foram vistos na Vila Mimosa caminhões que tinham como destino o frigorífico que fica na rua da zona, além de carros. No Peixão, o fluxo de veículos é ainda menor do que na Vila Mimosa nesse primeiro momento, foram identificados carros, motos e bicicletas (FIGURA 30). É importante chamar atenção que ambas as ruas são locais, logo não se espera que exista muita movimentação de trânsito nesse tipo de via.

Nas casas de prostituição foi verificado um padrão quanto a quantidade de pessoas no primeiro momento. Na Vila Mimosa, segue o padrão de duas funcionárias no balcão dos bares e no Peixão uma (o) funcionária (o), como pode

ser visto na figura 30. Apenas em uma casa na Vila Mimosa foi notada a presença de dois homens bebendo e conversando sentados em uma mesa próxima a janela observando a rua. Próximo a eles, uma profissional e um cliente também conversando e bebendo cerveja. No Peixão, foi observado clientes jogando na casa 1 e uma profissional com um cliente na casa 2, seguindo o mesmo padrão de comportamento no interior da casa, como se observa na figura 30. Nesse primeiro momento, os clientes que foram vistos entrar nas casas, tinham apenas o objetivo de comprar a bebida e logo em seguida retornavam para a rua, como ocorre na casa 2 e 4 na Vila Mimosa (FIGURA 30).

Dessa forma, acredita-se que os veículos que transitam na rua das zonas são de possíveis clientes, visto que ambas as ruas não exercem uma função de ligação no tráfego. Além disso, pode-se perceber que a área interna das casas não é muito utilizada no primeiro cenário. Aqueles que a utilizam parecem ter algum objetivo. Os clientes parecem estar procurando um lugar mais reservado para conversar com as profissionais e/ou observar as pessoas que estão do lado de fora da casa. Outros procuram realizar alguma atividade específica que só tenha dentro de casa, como comprar bebida e jogar.

Na rua da Vila Mimosa, as profissionais do sexo permanecem nas varandas, escadas e nas calçadas, nunca fixas na rua. Observou-se que algumas circulam pela rua e vão até outras profissionais, falam algo e voltam para o seu “posto”. As profissionais ficam conversando entre si, algumas sentadas nas cadeiras que ficam na calçada em frente à casa, outras mexem no celular, como pode ser visto na figura 30. No Peixão, as profissionais se posicionam nas portas, janelas e nas escadas, como se observa na figura 30.

### Cenário 1 das Zonas de Prostituição



Figura 31- Croqui do Cenário 1 das Zonas Vila Mimosa e Peixão

Outro ator que está presente na parte externa das casas nesse cenário, são os clientes. Eles ficam majoritariamente nesse espaço na zona. Foi identificado, que na maioria das vezes os clientes chegam em duplas ou em grupos (FIGURA 30). Eles permanecem agrupados em ambas as zonas e poucos são aqueles que chegam sozinhos, como se pode notar na imagem 30. Nesse primeiro momento, em ambas, a maioria dos clientes se posicionam nas calçadas, ali permanecem bebendo cerveja e conversando entre si. No Peixão os clientes ficam na calçada da mureta, enquanto na Vila Mimosa eles utilizam as calçadas dos dois lados (das casas e do outro lado, onde existe o galpão),

como pode ser visto na figura 30. Nota-se, que igualmente aos comportamentos das profissionais, os clientes em nenhum momento se dirigem as mesmas, apenas as observam a distância, mas sem estabelecer uma interação.

Dessa forma, percebe-se também um padrão na rua. Primeiro, que há uma certa descontração por parte das profissionais nesse primeiro cenário. As profissionais não parecem estar muito atentas aos clientes, por não procurarem uma interação com os mesmos. Portanto, verificou-se que todas estão posicionadas nos espaços de maior visibilidade da zona, ou seja, sabem que estão sendo observadas e que eventualmente podem fechar um programa, ainda que seja “cedo”. Mas igualmente as profissionais, os clientes não demonstram interesse direto no programa e sim, em interagir com os seus amigos ou os demais clientes. Parece ser um momento pré-programa, que consiste em analisar as profissionais, mas sem sair do grupo de amigos. É importante esclarecer que apesar dessa descontração e desse aparente “desdém”, ocorreram programas durante esse período. Observa-se que existem clientes que chegam a zona e vão interagir diretamente com a profissional para iniciar o programa. Identificou-se, que esses clientes em geral, estão sozinhos e são pessoas mais velhas em relação aos demais frequentadores.

O que leva a segunda observação, que nesse primeiro momento, existe uma separação quanto ao gênero na rua da zona. As mulheres (as profissionais) ficam em seus grupos ou do “seu” lado da calçada como ocorre no caso do Peixão, e os homens (os clientes) ficam com sua dupla ou grupo interagindo entre si ou do “seu” lado da calçada. Apesar dessa separação entre homens e mulheres / clientes e profissionais, a rua segue sendo o espaço protagonista de encontro entre esses dois grupos importantes na zona. Ainda que eles não estejam interagindo nesse primeiro cenário.

## *Cenário 2*

Após o momento de transição, por volta das 19h o cenário muda em ambas as zonas de prostituição. A densidade do público e o fluxo de veículos aumenta, como pode ser visto na figura 31. Os clientes continuam chegando em duplas e grupos, porém com maior frequência. Agora, não há mais a circulação de caminhões pela rua da Vila Mimosa, apenas de carros e motos. No Peixão o número de motos que circulam na rua é superior ao de carro. Identificou-se que dentre os carros que circulavam pela rua, alguns tinham logomarca de empresas. O que indica que uma parte dos clientes vem direto do trabalho.

As casas estão mais cheias em relação ao primeiro cenário. Há presença de mais casais que o cenário anterior em ambas as zonas, no Peixão um grupo de amigos bebendo na casa 1 e ainda permanecem a dupla de clientes na casa 3 da Vila Mimosa (FIGURA 31). Se antes existiam apenas duas pessoas trabalhando no bar na Vila Mimosa, agora as casas de prostituição contam com no mínimo quatro funcionárias. A dona da casa permanece no bar junto com mais uma funcionária enquanto as demais servem os clientes nas mesas, como pode ser visto na figura 31. Chama atenção, que as funcionárias da Vila Mimosa utilizam uniforme. Ele é composto por uma calça preta, tênis e uma blusa com o nome e o número da casa em que trabalham na zona. No Peixão, o número de funcionárias (os) também dobra, de uma pessoa no bar passam a ter duas, elas (es) não utilizam uniformes como ocorre na Vila Mimosa.

Assim, devido o adensamento de pessoas ser maior nesse segundo cenário, percebe-se que a atividade da prostituição altera a qualidade de uma rua local, pois o tráfego de veículos fica mais movimentado nesse momento. Além disso, pode-se observar que na zona existe dois modos de estabelecer diferenças entre as profissionais do sexo e aquelas (es) que são chamadas (os) de funcionárias (os) nesse trabalho. A primeira como visto na segunda parte deste capítulo é pela separação espacial: profissionais na rua, e funcionárias dentro de casa. As profissionais nesse segundo momento, só permaneciam na parte do salão próximo a fachada, nas janelas e portas, ou seja, onde podem ser vistas por quem passa na rua, como se pode observar na figura 31. Enquanto as (os) funcionárias (os) ficavam próximo ao bar e eventualmente iam à mesa servir

o cliente (dentro ou fora da casa). E a segunda forma, é pelo uniforme, como ocorre na Vila Mimosa. Enquanto as funcionárias tinham uniformes padrão, as profissionais utilizam *lingerie* ou ficam com uma parte do corpo à mostra. Que talvez possa ser considerado um outro tipo de uniforme, não tradicional e que esteja mais relacionado com o tipo de atividade.

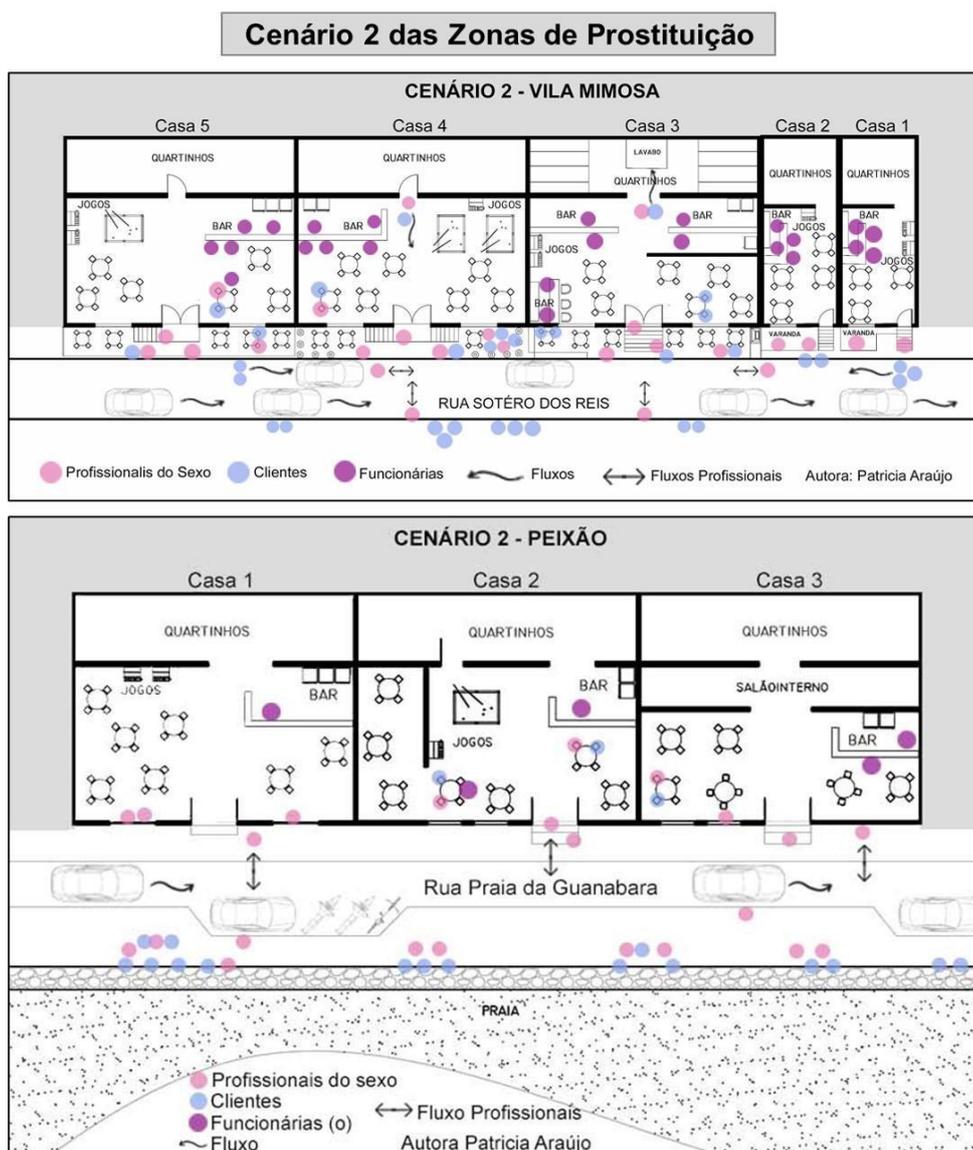


Figura 32- Croqui do Cenário 2 das Zonas Vila Mimosa e Peixão.

Na rua também há um significativo aumento de pessoas, nesse segundo cenários. As profissionais que antes estavam em duplas e grupos, começam a distanciar-se umas das outras, a circular mais pela rua e atravessar as calçadas em ambas as zonas, como pode ser visto na figura 31. Observou-se que nesse segundo momento elas não estão mais “ignorando” as presenças masculinas,

pelo contrário se atentam totalmente aos clientes que chegam na zona e começam a interagir com eles. No Peixão, esse é o momento em que as profissionais saem da fachada atravessam a rua e vão até os clientes que estão sentados na mureta (FIGURA 31). Elas puxam assunto, fazem elogios, passam a mão no corpo do cliente, e algumas se inserem nas conversas. Na Vila Mimosa, essa iniciativa de sair da fachada e ir até o cliente e interagir com ele também acontece, enquanto as profissionais que já estavam na calçada fazem elogios ou chamam aqueles clientes que estão chegando na zona (FIGURA 31).

O número de clientes na rua das zonas é muito maior nesse segundo cenário, como pode ser visto na figura 31. Eles continuam em grupos dos seus amigos, contudo não “ignoram” mais as profissionais, além de parecerem estar “mais à vontade”. Diferentemente do comportamento rígido que apresentavam anteriormente, eles falam mais alto, dão risadas e encaram as profissionais. Identificou-se que após a iniciativa das profissionais irem até os clientes, é possível ver alguns deles se afastando de sua dupla ou grupo. Vê-se, agora, a formação de casais para negociação do programa (FIGURA 31). No caso do Peixão, alguns desses casais ficam na mureta, outros escolhem ir para alguma mesa dentro da casa, enquanto na Vila Mimosa os casais sentam nas mesas das calçadas ou no salão. Após essa conversa, quando o programa é fechado, as profissionais e os clientes entram juntos para a parte mais ao fundo da casa (os quatinhos) e depois dali cada uma volta para o seu antigo “posto”.

Dessa forma, observa-se que existe um padrão no segundo cenário que consiste, partir das profissionais a iniciativa da interação com os clientes e não ao contrário. Mas isso só ocorre, pelo que parece, quando os comportamentos dos clientes mudam, quando eles estão “mais à vontade” ou quando já beberam bastante. Isso leva a pensar que existe uma certa norma de comportamento nesse espaço. Como se no primeiro momento as pessoas devessem ficar entre seus grupos e só a partir de algum momento, quando deixa de ser “cedo”, esses grupos podem começar a interagir um com o outro. Chama atenção esses papéis que o gênero desempenha. Na zona, a conquista passa a ser função da mulher (da profissional), enquanto o homem (o cliente) está na posição da pessoa que precisa ser seduzida e conquistada. A interação entre esses diferentes gêneros só ocorre, na zona, quando o homem demonstra algum tipo de interesse que a

profissional tenha entendido, como se houvesse um jogo entre eles. Em linhas gerais, o gênero é também um fator na organização espacial da zona.

#### **5.4. Conclusão**

Nota-se que a Vila Mimosa e o Peixão estão inseridos em áreas da cidade que possuem similaridades. Ambas apresentam uma forma urbana ortogonal e fechada, ainda que seus limites sejam diferentes. Apesar da área em que a Vila Mimosa está inserida possuir mais variedades de usos, nota-se que o comércio de bares é a atividade que sempre acompanha a dinâmica da zona. Ainda sobre os aspectos físicos, percebe-se que o entorno da zona, seja o imediato como ocorre no Peixão ou o mais abrangente como ocorre na Vila Mimosa possui uma característica predominante de degradação.

É interessante apontar que existem duas formas de identificar o limite espacial da zona de prostituição. A primeira é pelo aspecto físico, que seriam os conjuntos das casas de prostituição e a segunda pelos comportamentos das profissionais do sexo. A área que as mesmas percorrem sem a necessidade de trocar de roupa corresponde a área que se pode chamar de zona. Ao que parece, dentro desse limite há uma normalidade em lidar com os corpos à mostra, afinal, se está na zona.

Pôde-se notar, que a zona de prostituição se aproxima em termos de características, do seu entorno, seja ele imediato ou mais abrangente. Além disso, as áreas em que estão inseridas são delimitadas por grandes equipamentos urbanos, remetendo a uma situação geográfica “ilhada”. Assim, entender a situação geográfica de ambas foi importante para identificar que a implantação da zona de prostituição não ocorre em partes da cidade que possuam tais similaridades.

Meditando sobre o cenário das zonas, percebe-se que ambas apresentam a mesma lógica interna, ou seja, o mesmo padrão de organização que orienta esses espaços. Podemos concluir que as zonas se organizam de duas formas. A primeira, a partir da relação casa e rua. Essa relação não impõe dualidade entre esses espaços, pelo contrário, uma conexão, que ocorre pelas fachadas permeáveis e por seus elementos (escadas e varandas) que se projetam para a

calçada. E pelas calçadas, que por abrigar um conjunto de objetos da casa parece mais um cômodo da mesma, uma extensão. A partir disso, é importante chamar atenção, que existe uma hierarquia espacial entre essas camadas da zona. O espaço público é o coração da zona, lugar de grande aglomeração de pessoas, fluxos e variados comportamentos. Seguido da fachada como um espaço intermediário, um espaço entre, onde ocorre uma interação média. Depois o salão, ambiente dentro da casa, como o espaço de reserva e pouca interação. E por fim, o quatinho, fundos da casa, espaço escondido e de interação íntima.

A segunda forma de organização da zona é pelos comportamentos de seus atores. Estes desempenham papéis não apenas pela qualidade do que são: profissionais, donas e clientes, mas pelo espaço em que estão situados. Em outras palavras, a depender da camada da zona em que permanecem: na mesa da calçada ou na mesa do interior da casa por exemplo, os comportamentos mudam. Logo os atores desempenham não apenas uma função social, mas também espacial.

Chama atenção como o gênero também é um orientador desse espaço. Os homens e as mulheres possuem diferentes formas de se comportar na zona. Os homens sempre estão em grupos, enquanto as mulheres estão sozinhas, por exemplo. Além disso, os comportamentos femininos, em geral, são orientados pelos comportamentos masculinos. Isso fica evidente quando a profissional só pode ficar dentro de casa, sentar nas mesas do salão e jogar a convite do cliente, ou quando a profissional só pode interagir com o cliente quando ele dá indícios de que está mais “à vontade”. Sob esta perspectiva, acredita-se que o gênero seja um dos elementos que ordena as formas espaciais de interação social nos espaços públicos da zona. A premissa a partir da qual este trabalho se fundamenta é a existência de espacialidades diferenciadas entre homens e mulheres.

O que nos leva para uma outra consideração para além dos comportamentos. A própria estrutura física da zona é pensada/ projetada/ construída para os clientes. O bar, a televisão, a churrasqueira, as bebidas, os jogos são, por exemplo, objetos associados ao lazer masculino. Além é claro,

das variedades de mulheres que estão a serviço desses clientes. Assim, pode-se entender que o cenário da zona não retrata apenas a espacialidade da prostituição, constitui-se também um ambiente de sociabilidade masculina. Aquilo que está sendo chamado de sociabilidade diz respeito ao universo de rituais de encontro e de convivência. Quando esses rituais de interação social se realizam sobre espaços públicos, podemos dizer que configuram uma sociabilidade de tipo pública. Usaremos o conceito de sociabilidade desenvolvido por Georg Simmel (2006). Para o autor, a sociedade significa a interação entre indivíduos, de maneira que todos os fenômenos sociais possuem um caráter inter-relacional. Com o propósito de investigar e descrever essas formas de interação, Simmel (2006) apresenta o conceito de sociabilidade como um tipo específico de relação social. Para ele, os indivíduos, ao interagirem uns com os outros, não precisam fazê-lo com algum objetivo ou finalidade para além da interação. Um determinado encontro de pessoas pode se dar pela simples vontade e prazer de interagir e socializar. Isto quer dizer que a finalidade da sociabilidade é a própria interação em si.

Por fim, entende-se que a análise das descrições dos cenários e de sua mudança foram importantes não apenas para entender como as zonas se organizam, suas similaridades e diferenciações. Mas sim, como suas organizações dão indicações espaciais de que, uma área na cidade que vá receber uma zona de prostituição precisa estar preparada para receber esse tipo de organização. Logo, entende-se porque essa categoria não está difundida por toda cidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição é uma atividade presente na vida humana há muito tempo. Ao longo do tempo essa atividade procurou se desenvolver em diferentes espaços - públicos e privados e recentemente nos espaços virtuais. Essa variação espacial, por si só, já traz diferenciações na maneira como a atividade se espacializa. Logo a prostituição possui uma espacialidade própria e que se diferenciam uma das outras. Nas cidades brasileiras, a prostituição - ocorrendo em espaço físico - se deu no espaço privado, em casas, casebres, bordéis, entre outras variações. E no espaço público, nas ruas, calçadas, praças e etc. Portanto existe um tipo de espaço prostitucional que se consolidou nas cidades brasileiras, a zona de prostituição. Um espaço que delimita a atividade e concentra atores que têm interesse na mesma. Assim, conclui-se que a zona de prostituição seria uma outra tipologia, de caráter misto, visto que ela se apropria concomitantemente de ruas e casas.

No caso do Rio de Janeiro, a zona é produto de diversos mecanismos políticos-espaciais. Em um primeiro momento essa categoria foi associada a prostituição, no sentido de conter e controlar o espaço em que a atividade se localizava. Posteriormente a zona começa a ser planejada não oficialmente pelo poder público como forma de esconder as prostitutas das vistas das famílias. O interesse social pela resolução dos “problemas” que as prostitutas de rua traziam para a cidade, construiu paulatinamente uma nova ideia de zona prostituição. Como um lugar imoral, de usos sujos, do submundo da cidade. Ao que parece, essa ideia se perpetua até os dias atuais, mas ao analisar essa espacialidade, percebemos que a zona de prostituição é mais complexa do que parece. Nesse sentido, conclui-se que seu significado não é cristalizado, ele muda ao longo do tempo acompanhando os interesses da produção e transformação da cidade.

Concluimos que a espacialidade da zona de prostituição se diferencia dos demais espaços prostitucionais, não apenas por ter uma configuração espacial mista, mas também pelo comportamento exercidos nela. As profissionais que atuam nas ruas, estão inseridas no sistema da vida cotidiana, visto que compartilham os espaços públicos com a população. Dessa forma, elas se adequam a um cenário que consiste em lidar com pessoas que não tenham

interesse algum na atividade. Tal fato, não permite que tanto as profissionais, quanto os clientes tenham grandes exposições. Portanto, esse cenário muda quando se trata da zona de prostituição. É na zona que profissionais e clientes sentem maior liberdade para incorporar os seus papéis. Os comportamentos na zona mudam em relação aqueles vistos na prostituição de rua. Não existe uma preocupação da profissional em ser discreta e do cliente ficar no anonimato, por exemplo. Nesse caso, as pessoas de fora daquele sistema é quem deve se adequar a tal realidade.

Outro fator importante é a morfologia. A morfologia urbana tem influência direta na localização dos espaços prostitucionais em espaço público e na maneira como as profissionais se posicionam nele. O que justifica a grande quantidade de diferentes situações espaciais que as variáveis apresentaram. A morfologia é utilizada como ponto de estratégico de visibilidade e ao mesmo tempo discrição das profissionais, bem como, localização acessível para os clientes. Diferente disso, as morfologias na zona de prostituição estão a serviço para o funcionamento desse espaço. As casas, as ruas, as mesas e as cadeiras, as fachadas, os jogos, os copos de bebidas, entre outros, são elementos físicos compositivos e que dentre as suas variadas funções, está a permanência de pessoas naquele lugar. Dessa forma, conclui-se que a zona não é apenas o espaço imoral, de usos sujos, de libertinagem do sexo e etc. Ela é um espaço na cidade em que sua estrutura assegura o exercício da prostituição e os comportamentos que eventualmente não seriam bem aceitos fora dali.

Notou-se que a Vila Mimosa e o Peixão, ainda que apresentem variações em seus elementos, possuem uma unidade espacial. Essa unidade foi percebida nos estudos de casos analisados no primeiro capítulo. O que nos leva a confirmar as variáveis que caracterizam essa espacialidade. No geral, os comportamentos e as morfologias se repetem, bem como, a mudança de cenário que foi identificada. Logo, conclui-se que os elementos trazidos nessa pesquisa podem ser suficientes para identificar as zonas de prostituição em diferentes cidades.

Por fim, conclui-se que as diferentes metodologias utilizadas na pesquisa foram importantes para o desdobramento dos objetivos específicos. Cada

capítulo dependia dos resultados do anterior, dessa forma, eles são contínuos, e trazem um caráter linear para a pesquisa. E que no fim, nos levou ao objetivo geral da pesquisa que é compreender a lógica de distribuição das zonas de prostituição. Além disso, nos trouxe novos elementos e perguntas sobre o tema, ficando assim, exposta a multiplicidade de situações em que hoje se tem a espacialidade da prostituição. A intenção neste estudo foi de apresentar um caminho de análise para as os espaços de prostituição a partir da discussão da relação entre a localização, espacialidade e o cenário da zona de prostituição.

Outros aportes teóricos poderiam providenciar a observação de novos aspectos sobre o fenômeno. A zona, como já tratada anteriormente, tem um papel importante na organização espacial da prostituição, tem uma ordem específica de apresentação de seus elementos urbanos. O intuito dessa pesquisa foi apresentar uma alternativa de análise geográfica pouco explorada sobre o tema. E que não está acabada, ainda necessita que múltiplos olharem observem as questões que se impõem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciana Rachel Coutinho Contreiras de. **Do poder às margens e das margens ao poder: um olhar Geográfico sobre os territórios da prostituição feminina na Av. Conselheiro Aguiar, Boa Viagem Recife/pe.**

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

ALCÂNTARA, Jean Moreira. **Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

BALTAR, Fabiola; BRUNET, Ignasi. Social research 2.0: virtual snowball sampling method using Facebook. **Internet research**, 2012.

BERNARDI, Jorge Luiz. **Funções sociais da cidade: conceitos e instrumentos.** Curitiba, Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2006.

BRASIL, Código Brasileiro de Ocupação. Profissional do Sexo - 5198-05. Portaria nº397, 2002. Disponível em: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> < Acesso em: 03 de junho de 2020.

BRASIL, Código Brasileiro de Trânsito. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Congresso Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9503.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9503.htm)> Acesso: 24 de março de 2022.

BURGESS, Ernest W. – El crecimiento de la ciudad: introducción a um proyecto de investigación. In **Estudios de Ecología Humana**. Org. G.A. Theodorson. Barcelona, Editorial Labor S.A, p.69-83, 1974.

CAULFIELD, Sueann. O nascimento do Mangue: raça, nação e o controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. **Tempo**, n. 9, p. 43-63, 2000.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia**. Ed. da UFSC, 2011.

CORBUSIER, Le. **A carta de Atenas**. Hucitec, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DE MATOS, Rogério Botelho; RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 15, n. 1, 1995.

\_\_\_\_\_. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Revista Território**, 1996.

DINIZ, Ana Cláudia Araújo. **PODER E SEXO: uma análise dos territórios de prostituição no Centro de Campina Grande-PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1966.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. “Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações”. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (org.). **Espaço e Cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

\_\_\_\_\_. **Espaços Públicos: um modo de ser do Espaço, um modo de ser no Espaço**. In: **Olhares geográficos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Lugar do Olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

\_\_\_\_\_. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980 [1963].

GOODMAN, Leo A. Snowball sampling. **The annals of mathematical statistics**, p. 148-170, 1961.

HOUAISS, Antônio. **Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUBBARD, Phil; SANDERS, Teela. Making space for sex work: Female street prostitution and the production of urban space. **International Journal of Urban and regional research**, v. 27, n. 1, p. 75-89, 2003.

MENEZES, Lina M. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1880-1930). **Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, 1992.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MOREIRA, Maria Consuelo. **Geografia e Sexualidade: Os Espaços da Vivência Cotidiana das Mulheres Prostitutas de Vilhena/Ro**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

NASCIMENTO, Geise Teixeira do. **Território e Territorialidade Travesti/Transexual em três Lagoas (MS)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015.

NUNES, Brasilmar Ferreira; MOURA, Heitor Vianna. Imaginário urbano e conjuntura no Rio de Janeiro. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 5, n. 1, p. 91-105, 2013.

OLIVAR, José Miguel. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição de rua a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre, Brasil.** Tese (Doutorado Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ORNAT, Marcio Jose. **Território da Prostituição e Instituição do ser Travesti em Ponta Grossa.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008a.

\_\_\_\_\_. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@ Plural**, v. 2, n. 1, p. 41-56, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Território descontínuo paradoxal e prostituição na vivência travesti do sul do Brasil. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013.

PALMEIRA, Marlucey Sousa Albuquerque. **As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína-TO.** Dissertação (Mestrado em Geografia) –Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2017.

PASINI, Elisiane. **Os homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina.** Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **"Que tenhas teu corpo": uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas.** Tese (Doutorado de História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PEREIRA, Jefferson Rodrigues et al. Appropriating The Inappropriate:(Re) Significations of the Spaces of a Low-Class Prostitution Zone in Belo Horizonte (Mg). **Revista Valore**, v. 5, p. 231-244, 2020.

PIMENTEL, Juliana Maria Vaz. **Territórios e territorialidade da prostituição em Rosana (SP).** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.

PRZYBYSZ, Juliana. **Nem santas nem putas, apenas mulheres: espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa-PR.** Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

RAMOS, Diana Helene. **Preta, pobre e puta”: a segregação urbana da prostituição em Campinas-Jardim Itatinga**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RAGO, Margareth, Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1991.

RECKLESS, Walter C. Distribución del vicio comercializado de la ciudad: um análisis sociológico. In **Estudios de Ecología Humana**. Org. G.A. Theodorson. Barcelona, Editorial Labor S.A, p.93-105, 1974.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a Avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista Território**, v. 2, n. 3, 1997.

\_\_\_\_\_. Prostituição de Rua e Turismo: A Procura do Prazer na Cidade do Rio de Janeiro. **Geo UERJ**, n. 3, p. 53, 1998.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; DA SILVA OLIVEIRA, Rafael. A prostituição feminina “fechada” na cidade do Rio de Janeiro: dinâmica e organização espacial. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 2, p. 277-291, 2011.

\_\_\_\_\_. Entre Quatro Paredes: Territorialidades “Invisíveis” da Prostituição Feminina na Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Tamoios**, v. 11, n. 1, 2015.

RIO DE JANEIRO, Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro. Lei Complementar n.º 111 de 1º de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/compur/plano-diretor> > Acesso em: 02 de março de 2021

RIO DE JANEIRO. Decreto Rio nº 48407, de 1 de Janeiro de 2021. Cria as Coordenadorias Especiais das Regiões Administrativas (Subprefeituras) e reorganiza as áreas de abrangência na forma como menciona e dá outras providências. Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: < [https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis\\_consulta/63021Dec.%2048407\\_2021.pdf](https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/63021Dec.%2048407_2021.pdf) > < <http://www.rio.rj.gov.br/web/gbp/exibir-conteudo?id=12388610> > Acesso em: 04 de Abril de 2022.

ROMANCINI, Sonia Regina; ARAÚJO, Radamés Quadros. A Prostituição para Além do Trottoir no Zero Km em Várzea Grande-Mt. **Revista Geografar**, v. 15, n. 2, p. 314-335, 2020.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Ed. Rosa dos Tempos, 1998.

SILVA, Claudielle Pavão da. **“Eu vou tirar você desse lugar”**: sociabilidade e remoção das prostitutas da Zona do Mangue entre as décadas de 1960-

1970. Monografia (História), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu 2012.

\_\_\_\_\_. **“Flores horizontais”: sociabilidade, prostituição e travestilidade na zona do mangue (1960-1970)**. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2016.

SILVA, Jan Carlos da. **Os Territórios da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro, 1841-1925**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 6, p. 19-47, 2015.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. O trabalho na prostituição de luxo: Análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo Horizonte-MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, p. 23-39, 2017.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói, RJ: EdUFF, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SANTOS, Verônica Gomes dos. A educação no baixo meretrício: escolaridade das garotas de programa do Centro de Fortaleza. In: **Encontro Cearense de História da Educação**, Fortaleza, 2013.

TANGERINA, Rafael da Silva. **Por dentro da batalha: especialidades e relações socioterritoriais da prostituição de rua no Centro de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TAVARES, Aline. **A Organização da Zona: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas - SP**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

TOPALOV, Christian. **L’aventure des mots de la ville**. Robert Laffont, 2010.

VAN MEIR, Jessica. Sex work and the politics of space: Case studies of sex workers in Argentina and Ecuador. **Social Sciences**, v. 6, n. 2, p. 42, 2017.

## APÊNDICE A

### PARTE 1 DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS

# Formulário para mapeamento das Zonas de Prostituição na cidade do Rio de Janeiro

Esse formulário tem o intuito de mapear as zonas de prostituição em logradouro público na cidade do Rio de Janeiro para a minha pesquisa de mestrado. A diversidade bem importante, nesse sentido, se você souber informar diferentes lugares será bem importante. As respostas são anônimas!

\*Obrigatório

Você conhece alguma zona de prostituição na cidade do Rio de Janeiro em espaço público? \*

Sim

Não

Elaboração: Patricia Luana Costa Araújo (2021).

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3\\_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform)

## APÊNDICE B

### PARTE 2 DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS

**Localização**

Qual o bairro dessa zona? \*

Escolher ▾

Onde essa zona de prostituição está localizada? \*

Rua

Avenida

Praça

Outro: \_\_\_\_\_

Você sabe o nome desse lugar? Se sim, indique. Se não, coloque "não sei" \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Elaboração: Patricia Luana Costa Araújo (2021).

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3\\_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform)

## APÊNDICE C

### PARTE 3 DO FORMULÁRIO *GOOGLE FORMS*

Existe algum ponto de referência? Se sim, indique. Se não, coloque "não sei" \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Esta zona de prostituição é composta por? \*

Mulheres

Homens

Travestis

Não sei

Outro: \_\_\_\_\_

Nesse lugar a atividade da prostituição ocorre \*

Manhã

Tarde

Noite

Madrugada

Não sei

Elaboração: Patricia Luana Costa Araújo (2021).

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3\\_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSffm1Jiv3_euEUTQZ3dzNPX9JEIVm4m9VMf8xaMeUa0UU3awQ/viewform)